REVISTA DA SEMANA

10 de Janeiro de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil

NO TEXTO:

RODOLFO BERNARDELLI
DOMINADOR DO BRONZE

MODELOS DE PRAIA E VERÃO



H-88.154

JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS **MIL** ASSUNTOS...

O MAIS BELO
E MAIS ÚTIL

almanaque de 1953



CONTENDO:

20 CONTOS

NARRATIVAS HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR

UM ROMANCE COMPLETO:

"QUO VADIS"

O MARAVILHOSO ROMANCE DE H. SIENKIEWICZ, RICAMENTE ILUSTRADO A CÔRES POR FORTUNIO MATANIA

"EU SEI TUDO"

AS BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES NAS CÔRES PRÓPRIAS

PÁGINAS EM POLICROMIA

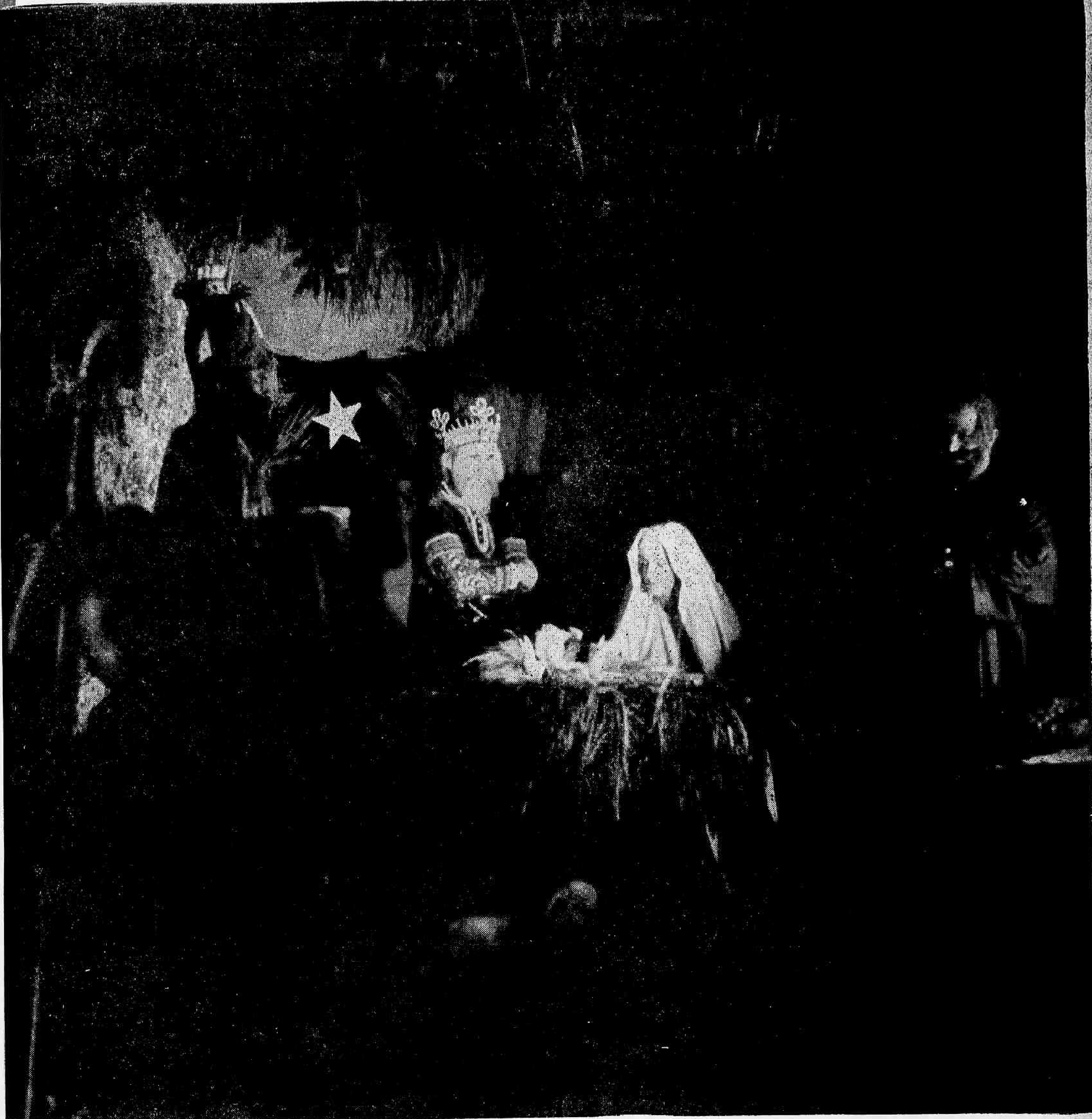
CALENDÁRIOS:
CATÓLICO ★ CIVIL ★ ISRAELITA ★ PERPÉTUO ★ PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS E TÔDAS AS INFORMAÇÕES ASTROLÓGICAS ÚTEIS PARA O ANO

NAS BANCAS DE JORNAIS, **EM TODO O BRASIL**

PREÇO **25** CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO



Sob luz sobrenatural a Virgem adora seu Filho que é Filho de Deus. Esta hora pode ser considerada a aurora do mundo novo: Deus na Terra.

OURO, INCENSO E MIRRA

UM MISTÉRIO MEDIEVAL EM PLENA QUINTA DA BOA VISTA ★ PESSOAS, COISAS E ANIMAIS AO VIVO, NO GRANDE PRESÉPIO ★ NASCEU O REDENTOR DOS HOMENS

Texto de RICARDO FREI — **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

ENQUANTO dure a humanidade o aniversário do Filho do Homem comemorará uma festa de alegria para todos. A lição de humildade que nos vem do Presépio dos arredores de Bethleem se renova de geração em geração como se reproduzisse na memória dos povos o acontecimento que deu início à era pela qual contamos os anos e pela qual se rege a moral e a religião dos homens de boa-vontade.

Os reis magos, procurando o Rei dos Judeus que havia nascido representam os três principais troncos da raça humana. Não é puramente caprichoso que fôssem êles dois brancos e um negro. Muito ao contrário, as homenagens reverentes que prestam ao Rei dos reis, quando ainda, apesar de ser o Verbo de Deus ainda não articulava uma única palavra, essa reverência que o Senhor recebeu mudo e inerme é também a sua aprovação pela completa e perfeita fraternidade racial, tantas vêzes esquecida pelos homens e pelos governos.

Os reis são chamados magos (reb-Mags) porque mago na antiguidade, segundo as melhores interpretações filológicas, queria dizer sábio, queria dizer de pessoas que se dedicavam à meditação das coisas divinas que encontravam no espetáculo do universo estelar o mais perfeito dicionário do mistério divino. Sábios, magos, astrônomos, esperam através de suas contínuas observações do mundo estelar, conhecer os misteriosos desígnios com que Deus governa a Sua criação.

Daí que viessem aos pés de Jesus guiados por uma estrêla.

Conta Herodoto nos seus «Nove Livros da História» que os magos do oriente eram homens austeros,



Os três Reis Magos — Gaspar, Melchior e Baltazar — se ajoelham e oferecem Ouro, Incenso e Mirra — piamente — ao Menino Jesus.

que comiam parcamente e sacrificavam animais, função essa eminentemente sacerdotal, tinham costumes sóbrios e inclinação definida pela contemplação. E foram os primeiros sacerdotes não judeus que se aproximaram do Cristo que iria exatamente romper os diques religiosos com que os israelitas represavam a representação da única e verdadeira religião — a baseada na Lei de Moisés e nos Profetas. De modo que os Reis Magos foram por seu turno profetas e santos varões que inauguravam uma nova estirpe da humanidade.

Eram três os Santos Reis: Gaspar, Baltazar e Melchior.

O venerável Beda, pena de santo e humanista, assim os descreve: «Melchior era ancião e de longas barbas. Gaspar, jovem, louro e lampinho; Baltazar era negro e de espêssa barba.»

A estrêla os guiou. Não era uma estrêla ordinária, não era um cometa esporádico, mas era uma estrêla destinada a levá-los ao Presépio, como a coluna de luz conduzira o povo de Israel pelo deserto. Um prodígio de Deus para assinalar o contraste da pobreza do verbo humanizado com a onipotência do Verbo Eterno.

E os companheiros que os reis encontraram foram os humildes e pacientes pastôres de Judá que reunindo seu gado pasmavam ante aquêle Menino para quem os anjos cantavam em côro: Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis!

E a virgem chamava-se Maria, desposada com o varão justo chamado José, da casa de David, o rei, o profeta, o poeta dos salmos.

E além dos reis, dos anjos, dos pastôres, da Virgem Maria, de São José, havia também os animais, as pedras, a palha, a noite maravilhosamente pacífica e única.



Gaspar veio da Pérsia — de raça ariana — reverenciando o Deus-Menino com ouro



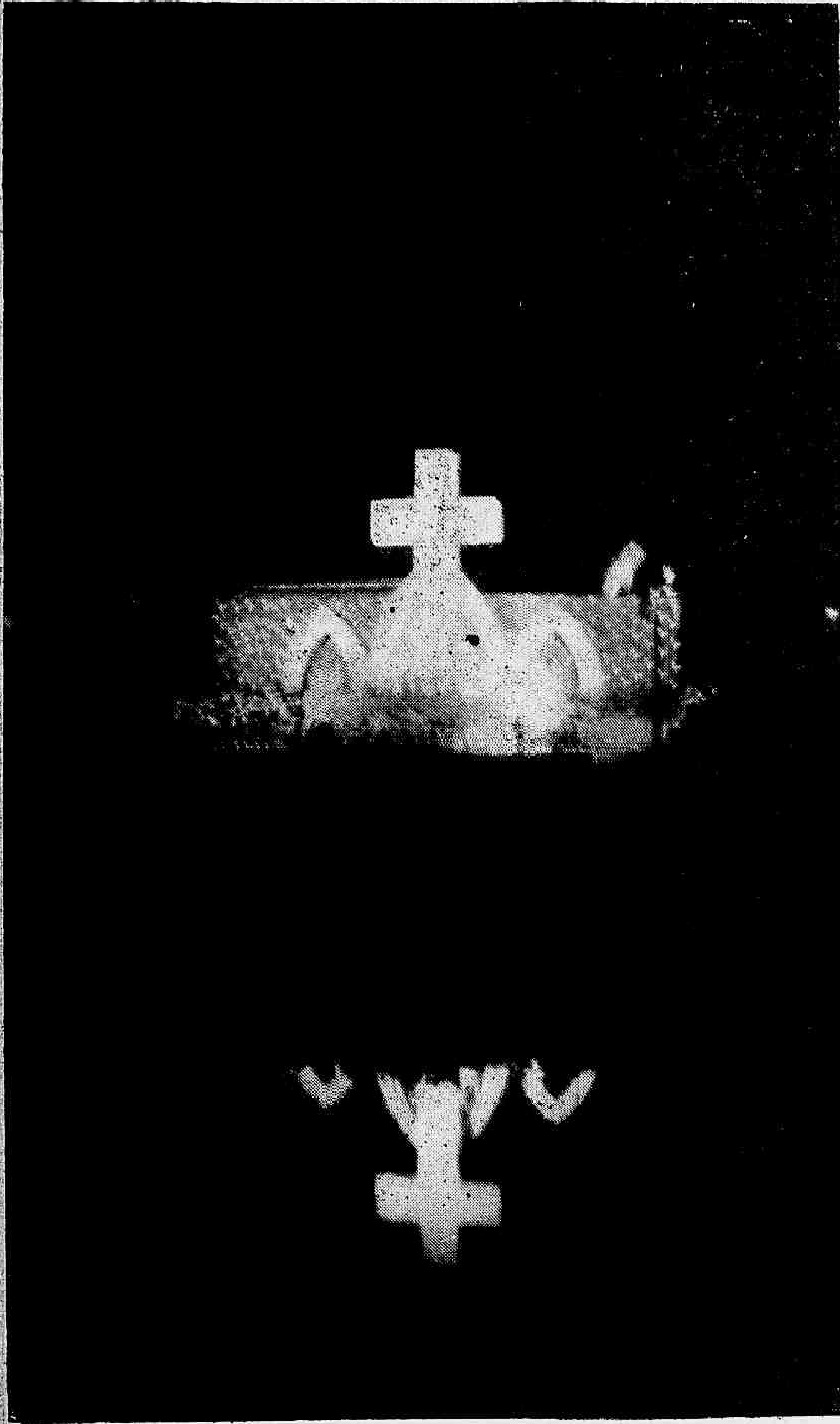
O pastor na sua humildade contrasta com a grandeza real, mas expressa o povo



Baltazar — Rei da Etiópia — traz a mirra, que é o símbolo do sofrimento paciente...



A Sagrada Família no momento sublime em que a manjedoura serviu de trono para o dono dos céus e da terra. Modêlo perfeito de tôda a família humana.



Mas a Natividade traz também seu signo imperecível: a cruz. Sôbre o altar.



O público estampa na fisionomia a paz que desce na noite feliz.

Estávamos no tempo de Augusto César. O mundo sob o govêrno momentâneamente pacificado pela Pax Romana não perturbava com o ruído das armas o sono, o ritmo e o chôro do Infante.

E os reis levaram-lhe presentes: Ouro, incenso e mirra.

Ouro que se dá ao Rei, ouro, prenda entregue Àquele que tem o poder. A linguagem dos homens precisa de símbolos. Incenso que se queima a Deus, o perfume que se eleva como uma nuvem e leva a oração de ação de graças, e mirra, que indica a penitência, o amargor que redime, o sofrimento que significa a fonte da vida.

Porém o reverso do Presépio era o trono de Herodes. E êste ao saber pelos Magos que passaram por Jerusalém que «havia nascido o Rei dos Judeus», quis saber onde. Porque Herodes não era dado a contemplar estrêlas nem a indagar os mistérios humildes e magníficos de Deus. E em seu coração só havia planos de morte, nem que essa morte viesse ceifar vidas inocentes. Entre os inocentes, havia Um que era Deus.

E os sábios e prudentes Reis, ao terminarem sua homenagem, «voltaram por outro caminho», segundo lemos no Evangelho de São Mateus.

O gesto dos reis magos, ajoelhando-se aos pés do Menino-Deus marcou a encruzilhada histórica que separou para sempre o mundo de Adão, para o mundo de Cristo. Marcou o reconhecimento por parte dos homens de um Homem Novo e sobrenatural destinado a ser herdeiro da Vida Eterna.



Homens feitos para a guerra, soldados, descansam pacificamente



E os homens do mar sabem que em Jesus está a âncora da salvação: a Fé

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 2 ★ 10-1-53

SUMÁRIO

Ouro, incenso e mirra 3-6
Rodolfo Bernardelli 10-13
Está lá fora um inspetor 20-22
O Suez — Garganta do mundo ... 24-28
Os pés pelas mãos 29
Luzes da Cidade no Natal 43
"Baby" sacudiu Londres e Paris 47-49

●

Plantemos nosso terreno 7
O desaparecimento de Julio Wertheimer 15
Semana Literária 34

●

A Revista há 50 anos 8
A Semana em Revista 8-9
A Personagem da Semana 9
Conta-me teus Sonhos 14
Lido... Visto... Ouvido.......... 30-31
Passatempo 43
Último Flash 50

●

Memórias do Principe Yussupoff (romance) 16-17
A surprêsa de um reveillon 18
Maiôs 35
Coquetel e teatro 36-37
Detalhes 38
Êste mundo e o outro 39
A saúde do bebê 42
As princesas e o amor 44
Arabelle (folhetim) 45
Rotina de beleza 46

●

CAPA:
Virginia Huston (Foto R.K.O.)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933. Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.
Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.
Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Porte simples — Um ano .... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR
Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00
O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.
CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

PLANTEMOS NOSSO JARDIM

ÊSTE princípio de ano se caracteriza, como todos os princípios de ano, pela renovação de nossas esperanças, de nossas ilusões. Todos temos ilusões, a cada ano novo. O sorridente Visconde de Santo Thyrso já advertia que a última e a maior de tôdas as ilusões é supormos que já não temos ilusões.

No princípio do ano, depois das duras provas de cada ano passado, sentimos que renasce em nós o instinto de conservação sob os aspectos mais otimistas. Fazemos o balanço do ano velho e afirmamos que o novo será melhor. Cassandras em disponibilidade prognosticam coisas terríveis, mas não conseguimos acreditar que elas, essas coisas terríveis, vão acontecer. Dispensamos Cassandra, acreditando apenas em nossos sonhos. Os sonhos não serão, afinal, nossa única realidade? Pelo menos no princípio do ano, assim é. Que nos trará o ano que agora é inicial? E desandam a passar sob os olhos esperançosos os cortejos promissores... Vai terminar a guerra na Coréia que, embora distante, sempre incomoda bastante. O general Ike, como é conhecido na intimidade do mundo o presidente eleito dos Estados Unidos, entender-se-á com o tio José e, melhor, será entendido por êle, acabando com essa carnificina. Apesar da onda de calor que flagelou o carioca durante os últimos dias do ano velho e os primeiros do ano novo, também confiamos na boa sorte do Brasil. Mil novecentos e cinqüenta e três será um ano propício para o país: o sr. Getúlio Vargas chega ao clímax do seu govêrno e começaremos a nos divertir com o próximo, isto é, com a sucessão. Esqueceremos os erros e as falhas do atual, tudo esperando do futuro presidente. O agitado sr. Ademar de Barros se agitará mais um pouco acenando ao povo com o melhor dos governos possíveis e ninguém suspeitará que sua caixinha poderá ser como a de Pandora, tanto é certo que os brasileiros confiam sempre, embora a advertência florianista, expressamente feita à nossa boa-fé. Bastará a sucessão para tornar o novo ano um parque de diversões, talhado à nossa moda, à moda de nossos desejos.

Mas, não será tudo. Todos os nossos problemas serão resolvidos. Embora talvez continue a faltar água no Rio, transportes, casas para morar, gêneros de primeira necessidade, nada nos convence, agora de que essas misérias continuarão. Aí está um novo prefeito, tão novo como o ano que agora começa. Por que não lhe abonar desde já soluções que êle provàvelmente não encontrará? Pelo menos êle nos dará desde já um carnaval muito bom. O carnaval está aí, para ajudar êste princípio de ano. Podemos não ter pão, mas, circo temos. Podemos não ter trens de subúrbios, mas todos já estamos cantando as músicas do carnaval e quem canta males espanta.

Vamos adiar os maus presságios, o teimoso cassandrismo que insiste em enegrecer o novo ano. A numerologia explica que o oito e o nove são os números da sorte. Se somarmos os algarismos de 1953, vamos encontrar o total dezoito que é múltiplo de nove... E, somando-se os dois últimos algarismos do ano, encontramos oito... Acham pouco? Pois a numerologia já provou as vantagens dessas contas. Ora, nada custa somar pelo menos uma vez por ano, a nós que vivemos subtraindo de um tudo... Somais, eis a questão. Somemos, amigos, os algarismos do ano, os sonhos e as ilusões. No fim, tudo dará certo. Porque se a matemática não falha nunca, no princípio do ano também as nossas esperanças não falham. Mais para o fim, talvez nos assalte uma onda de pessimismo, porque o homem, eterno descontente, acaba descontente até com seus próprios contentamentos.

Renovemos, com o ano novo, nossas idéias otimistas. A lição de Candide ainda é a melhor: plantemos, neste começo de ano, um novo jardim, semeando nêle tôdas as flores de nossas ilusões, estas fagueiras ilusões que sempre acontecem, dão frutos e sementes, todo começo de ano.

EDMUNDO LYS

A REVISTA há 50 anos

(11 DE JANEIRO DE 1903)

CHRONICA — Que sabemos nós dos Estados Unidos da America do Norte? Provavelmente o mesmo que das outras nações do globo: historias da carochinha mal vistas, mal ouvidas e ainda peior contadas. Já de tal principiava a desconfiar ha muito: agora convenci-me de todo e bastou um livro para fazer-me passar da duvida á certeza.

Em dias da semana passada, flanando pela rua do Ouvidor, detive-me a percorrer com o olhar, na vitrine de uma livraria, as ultimas novidades de Paris. Por indole e por proposito não adquiro livros de sciencia politica firmados por politicos militantes. Industria por industria, prefiro a manufactureira. Entretanto, nesse volver de olhos rapido um titulo me sorprehendeu pelo seu sabor forte e original: a "Vida Intensa", li eu; uma epigraphe sadia e nobremente litteraria firmando uma serie de discursos eleitoraes! Era picante; era novo. Entrei e comprei o volume: uma versão, por signal detestavel, dos discursos de Theodoro Roosevelt, ex-commandante dos "rough-ridus" na guerra de Cuba, actual presidente da Republica dos Estados Unidos da America do Norte.

Pois, leitor amigo, não perdi o tempo e não o perderão os homens de boa fé que, como eu, se resolvam a percorrel-o, repercorrel-o e meditał-o. E' um livro bom, um livro são, onde ha muito que aprender porque muito ensina e, sobretudo, porque muita cousa ajuda a comprehender.

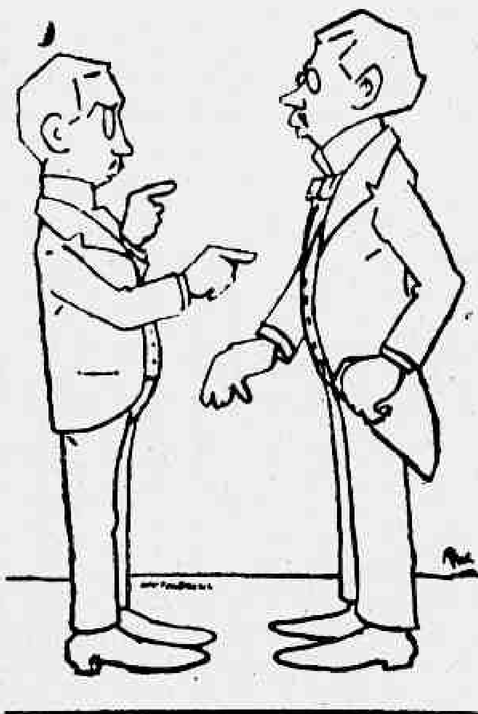
Pouca gente filia a prosperidade da poderosa nação americana nas suas verdadeiras fontes; poucos sabem que a fartura e o socego moral brotaram alli tão naturalmente como do trigal o trigo e do milharal o milho. Assim como meloal dá melões, assim na famosa Republica a virtude deu estadistas e administradores: uns violentos, outros moderados; uns audazes, outros timidos; uns regionalistas, outros imperialistas; mas todos bebendo a inspiração das suas obras na pureza das suas consciencias e trabalhando para a maior gloria da America que elles suppunham ser a maior gloria da humanidade.

Lêde os discursos desse politico que é simultaneamente um grande soldado, bravo como um leão e atrevido como a propria loucura e comparae-os com as locubrações dos nossos cabos eleitoraes, freguezes do orçamento nas duas casas do Congresso. O contraste é flagrante: aqui, a palavra "negocio" borboleteia constantemente nos labios dos paes da patria e só ella e o Casino Nacional têm o condão de despertar-lhes uma actividade que mais participa do corrector que do patriota. Alli, na terra dos "trusts" e dos bilionarios, o estadista eleito pelos que encampam o "trust" e manejam os milhões faz das virtudes moraes o substractum da vida publica e, de quando em quando, a sua ironia severa dardeja remoques que parecem propositalmente glosar a engrenagem de toda a nossa existência politica e administrativa. Ai, que pena tenho de não poder trasladar para aqui todo esse livro onde a alma de um verdadeiro patriota se espêlha tão clara e bem definida em seus contornos, como nas aguas calmas da nossa bahia se espelha o casco airoso e a mastreação galharda de uma galera! Se entre nós um chefe de Estado, um politico, um publicista, ousasse fallar em ideal nas suas plataformas ou manifestos, logo lhe cahiria no lombo o apodo de "poeta" e isso bastaria para perdel-o, e ao partido, no conceito dos homens infinitamente praticos que infinitamente têm arruinado este paiz. E que não diriam elles de um homem que, como o presidente Roosevelt, proscrevesse da vida publica não só a falta de honorabilidade mas até a propria mentira?! Um politico que não minta?! ... Viu-se já cousa egual?! ...

E dahi, quem sabe se o presidente dos Estados Unidos não estará em erro?! Quem sabe se a sua rigidez de puritano lhe não faz ver as cousas por um prisma invertido? Não somos nós, representantes da raça latina no continente americano, os porta-vozes do pensamento, os arautos da Civilização, as creaturas fadadas desde o berço para a omnisciencia? Interrogae, na intimidade, cada um dos nossos pseudo-homens de Estado e podereis ficar certo que, com raras excepções, cada um fechará o volume de Roosevelt logo ao cabo do primeiro capitulo, sublinhando com um sorriso condescendente mas significativo este commentario tremendo:

— Bobagem! Pura bobagem! — **JACQUES BONHOMME**

A ULTIMA NOTA DO DESPREZO



— Pois fique sabendo que você para mim perdeu toda a cotação, seu cousa! Não passa de um vice-presidente da Republica, ouviu?

CLUB ATHLETICO SANTA THEREZA

Os socios que compõem esta sympathica sociedade sportiva, que por espaço de 3 annos tinha a sua séde no aprazivel morro de Santa Thereza e que por circunstancias imperiosas foi forçada a mudaal-a para o centro da cidade, contam em breve iniciar as suas agradaveis festas, tão apreciadas pelos seus admiradores.

Noticiando este consta, a "Revista da Semana" faz votos para que o Club Athletico de Santa Thereza em breve espaço de tempo se reerga, collocando-se no logar que lhe compete ao lado das sociedades co irmãs.



20.000.000 DE CRUZEIROS! — Eis o que ganharam da noite para o dia dois cidadãos — Antônio Sandoval e João Petry — residentes na longínqua cidade paulista de Presidente Prudente.

Sim senhores, presente de Natal fora do comum. 37.826, carneiro. Coincidência: no dia do nascimento do Cordeiro. O fato é que os dois novos multimilionários não tomaram aquela atitude espalhafatosa que até certo ponto seria justo que tomassem. A princípio nem acreditaram. Depois, naturalmente se alegraram. E começaram a fazer planos, e planos que podem se tornar realidade.

Coincide que em Presidente Prudente há nos dias que correm, uma epidemia fortíssima que ameaça tôda a população. Quem sabe se chove em terra sêca, quem sabe se essa fortuna poderá chegar na hora H e servir para salvar muitas vidas, as dos afortunados em primeiro lugar, logo depois de seus parentes, e de seus amigos e de seus vizinhos?

A SEMANA





JORGE MISTRAL filmou no México — O «Direito de Nascer» — famosa novela de Félix Caignet. Seu filho Jorginho fêz o papel de Albertinho Limonta quando petiz. O pai fêz o virtuoso e galante Dr. Alberto Limonta que durante tantos meses manteve em suspenso os rádio-ouvintes cariocas. O sucesso do tema explorado por Félix Caignet — a luta contra o abôrto — repercutiu em diversos gêneros literários. Começou pela rádio-novela, foi para o cinema e agora está também teatralizado. As multidões não se cansam de aplaudir em todos os países da América o famoso «Direito de Nascer».

Sua estada no Rio levou-o a conhecer novos fãs, que não lhe regatearam mostras de simpatia, já que êle soube escolher o papel que mereceu o aplauso íntimo de todos quanto conheceram a atuação do Dr. Alberto Limonta junto a Mamãe Dolores.

Na foto: — O ator espanhol ao lado de sua espôsa mexicana e seu filhinho, talvez um futuro galã de cinema.

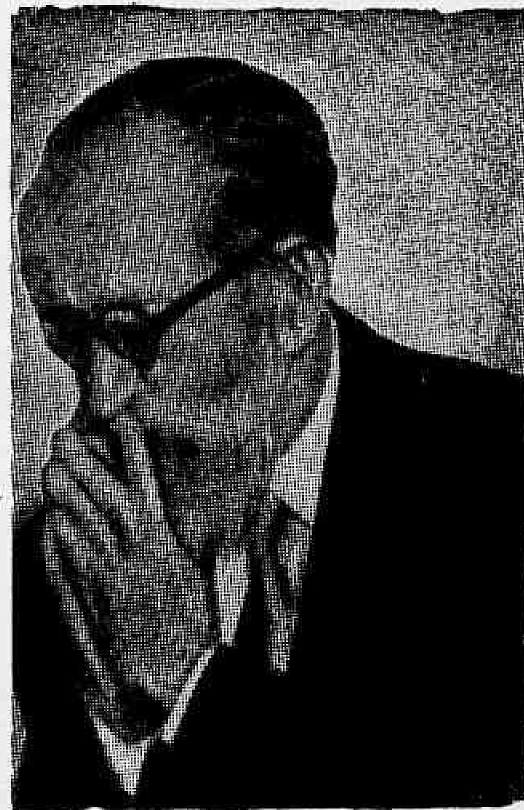
EM REVISTA



O CARIOCA ESTAVA, verdadeiramente, desabrigado do sol e da chuva, quando ficava nas filas à espera de ônibus, ou aos grupos, para apanhar seu bondinho. Apenas na Praça Mahatma Gandhi (esquina do Odeon com a Praça Floriano) na Lapa e no Taboleiro da Baiana havia abrigos de bondes no centro da capital. Em tôda a extensão dos pontos de ônibus da Praça Paris, Largo da Carioca e outros logradouros de grandes aglomerações de passageiros, nada havia para proteger o carioca. Mas tudo está melhorando, leitor, e já começou a surgir abrigos noutros setores, como êste do Largo da Carioca, destinado aos que tomam ônibus e lotações, pois o outro, o Taboleiro da Baiana só beneficia os que tomam bondes. Que venham mais abrigos, que o sol é tremendo e a chuva impiedosa. Podemos mesmo afirmar que se o que o povo quer é «sombra e água fresca», pelo menos já conquistou a sombra. Que diremos da água fresca?

Consolemo-nos com o que já existe e vamos pedir a Santo Antônio que mora no Largo da Carioca há mais de duzentos anos que nos ajude a tomar o ônibus na sombra e tomarmos o banho quando chegarmos em casa.

A PERSONAGEM da SEMANA



COM o falecimento do Dr. Júlio Cesário de Melo, conhecido no sertão carioca como «Pajé», desaparece um grande médico, um homem de bem que foi até à queda de Washington Luis um chefe político de grande fôrça. O povo tinha por êle aquela veneração que dedicam aos seus chefes que sabem ir até o seu coração e curar seus males e consolar a aflição dos seus filhos. Contudo é curioso assinalar que com a mudança dos tempos e com o voto secreto, seu prestígio eleitoral caiu sensìvelmente. Porém o «Pajé» continuou sendo idolatrado por todo o povo que lhe devia a gratidão do profissional e do homem caridoso. Os tempos mudam. O fenômeno político-sentimental do Dr. Júlio Cesário de Melo é um sinal inequívoco dessa mudança.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use Ventre-Livre, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

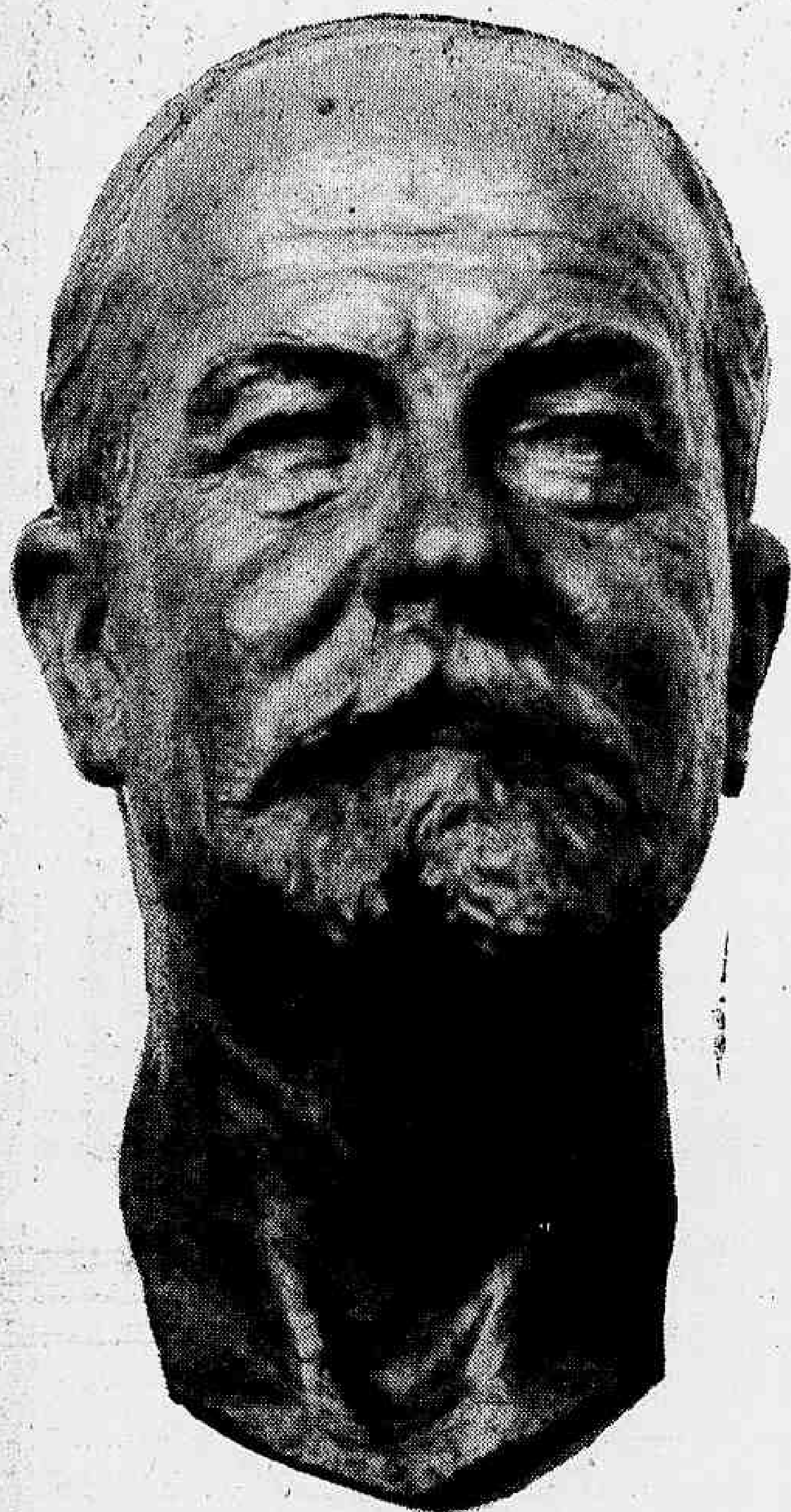
Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre



RODOLFO BERNARDELLI é, indubitàvelmente, o escultor do Brasil, e também o mais fecundo.

RODOLFO BERNARDELLI

O DOMINADOR DO BRONZE

MEXICANO DE NASCIMENTO O MAIOR ESCULTOR NACIONAL ★ OS GRANDES VULTOS DA PÁTRIA, SEUS MODELOS ★ EM 1876, PRÊMIO DE VIAGEM À EUROPA

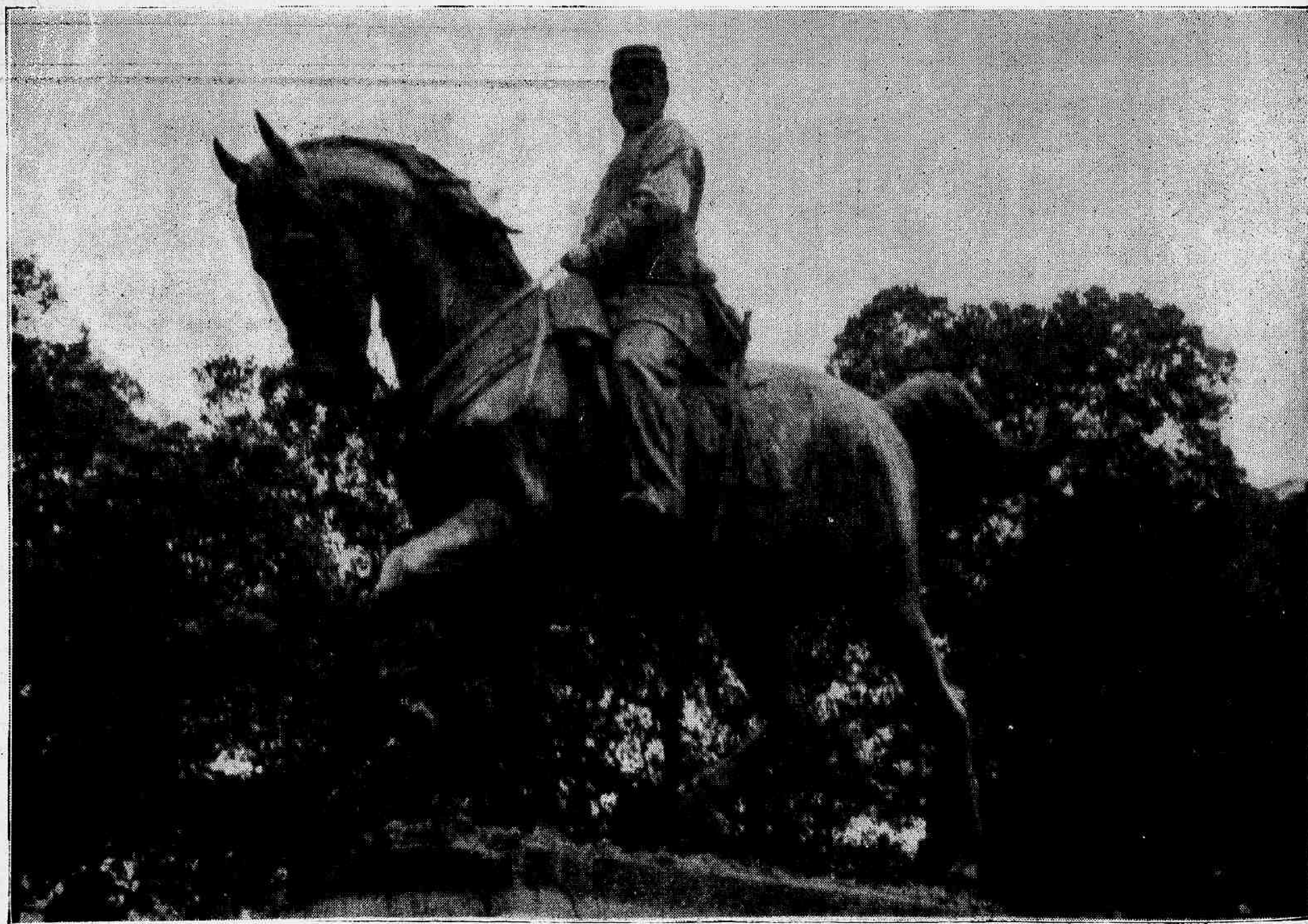
Fotos de A. FERREIRA e A. MIRANDA

COMEMORANDO o centenário do nascimento de Rodolfo Bernardelli, os meios culturais do Brasil homenageiam um grande escultor, que apesar de ter nascido no México, viveu no Rio e fêz de sua obra um dos valores estéticos mais autênticamente brasileiros. Filho de pais artistas, pois seu pai era violinista e sua mãe bailarina, foi aluno do Colégio de São Bento, desde onde, segundo contam seus biógrafos, ficava horas espiando o «atelier» de Chaves Pinheiro, antigo professor da velha escola de Belas-Artes, onde terminou por matricular-se em 1870.

Rodolfo Bernardelli é uma dessas vocações inequívocas que desde a primeira obra já mostram o quanto é lícito esperar dos seus talentos. Trata-se do seu «David» que ainda prêso às regras impostas pelas aulas já tem respiração própria e merece dos seus contemporâneos palavras de elogio. Logo depois, sob o calor da influência das coisas brasileiras, esculpe «Saudades da tribo» e «À Espreita», ambas premiadas na Exposição Universal de Filadélfia.

COM DOM PEDRO II

O Imperador visitando em 1876 a exposição de trabalhos dos alunos da Escola de Belas-Artes deparou com as esculturas de Bernar-



A ESTÁTUA EQÜESTRE do Gen. Osório, o herói da guerra do Paraguai, é a mais bela no gênero existente no Rio de Janeiro. Porém é pouco conheci

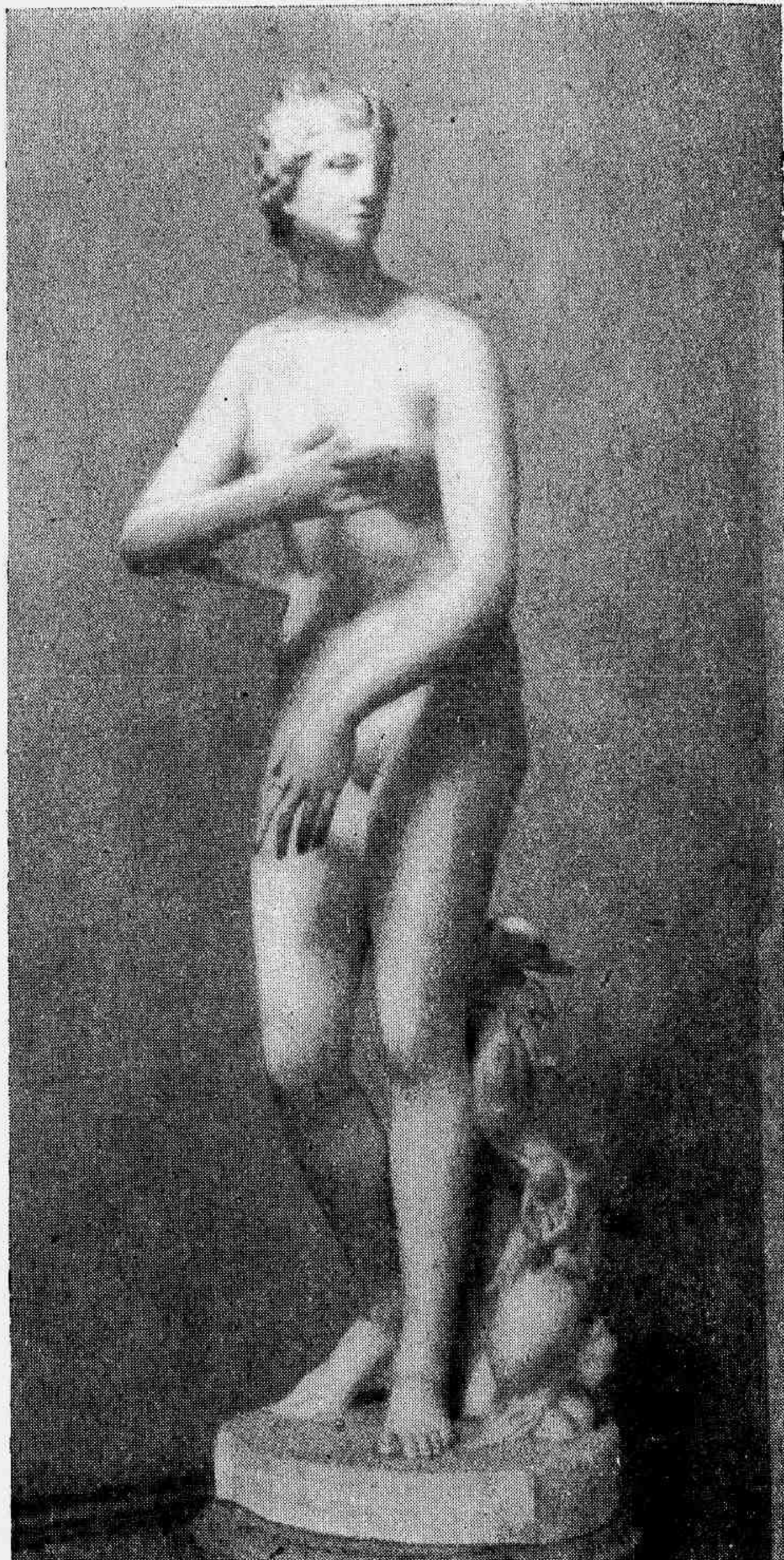


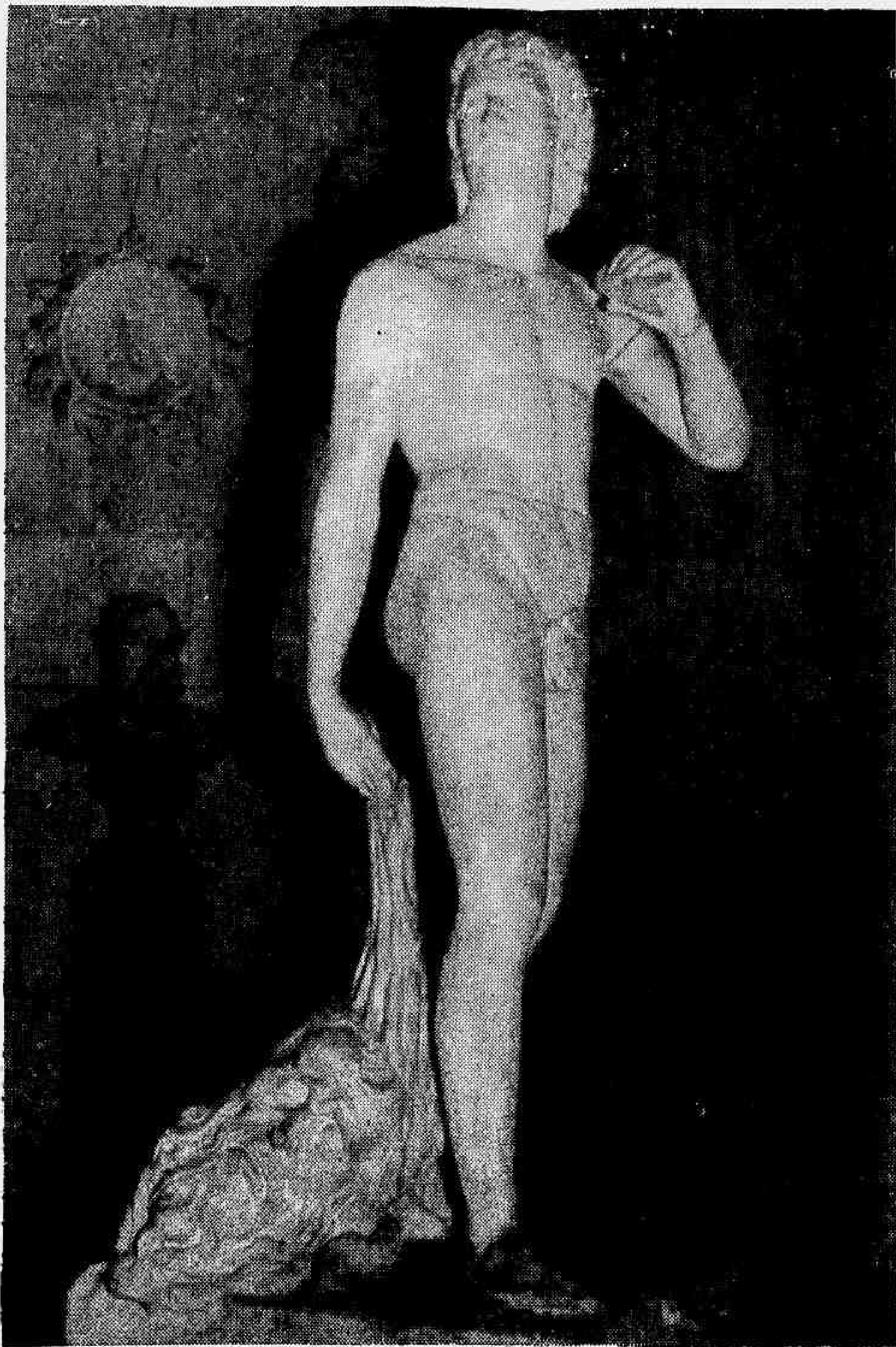
MILHARES DE PESSOAS desfilam sob a luz dêste candelabro na Lapa, porém é certo que a maioria ignora que seja da lavra de Bernardelli.

RODOLFO BERNARDELLI O DOMINADOR DO BRONZE



A MÚSICA, do pedestal da estátua de C. Gomes, é leve, preciosa escultura.





DAVID com a cabeça de Golias, primeiro trabalho premiado de Bernardelli.

delli. Comparando com as demais, julgou que êle merecia o prêmio de viagem. Chamou o Diretor da Escola e perguntou porque não lhe fôra concedido aquêle laurel. «Porque êle não é brasileiro», respondeu o professor. Dias depois, Dom Pedro II fêz chamar Rodolfo Bernardelli à sua presença. E perguntou-lhe frontalmente: «Bernardelli, qual é a sua nacionalidade?». Transcrevemos suas próprias palavras: «Majestade: nasci por acaso no México, assim como poderia ter nascido em outro lugar qualquer; meus pais são artistas e viajam continuamente, mas a pátria que eu amo e respeito e considero a minha verdadeira pátria é o Brasil. Sou brasileiro!»

Logo depois seguiu-se sua naturalização e sua viagem à Itália, que foi decisiva para sua carreira. Lá fêz em mármore duas cópias: a Vênus Calipigia e a Vênus de Médicis, que o levaram à concepção e execução da famosa estátua — «Cristo e a Adúltera», que se encontra no Museu da nossa Escola de Belas-Artes.

MESTRE DE ESCULTURA

Com seu regresso ao Brasil em 1878, Bernardelli é nomeado professor da Escola Nacional de Belas-Artes, onde deu curso à sua obra fecunda. Terminados os bustos de Dom Pedro, do Conde D'Eu e da Princesa Isabel, seguiram-se os trabalhos eqüestres — a estátua ao Condestável do Império, o Duque de Caxias e a do Marquês do Herval — o General Osório, que se encontra na Praça Quinze. São ainda de sua lavra a coluna do Barão de Mauá, a estátua de José de Alencar,

CRISTO E A ADÚLTERA é o maior grupo em mármore de sua autoria. Obra de grande vôo...







A VÊNUS de Médicis, cópia em mármore da Gal. Uffizzi, é deslumbrante.

o grande monumento ao Descobrimento do Brasil, com a figura do Almirante Dom Pedro Álvares Cabral em primeiro plano e do frei Henrique, que rezou no Brasil a primeira Missa.

A obra de Bernardelli é das mais fecundas que temos entre todos os artistas nacionais, são ainda de sua autoria a estátua de Teixeira de Freitas, a de Cristiano Ottoni, a estátua de Dom Pedro II que se encontra no Museu Ipiranga de São Paulo, a do maestro Carlos Gomes em Campinas, a do Barão do Rio Branco em Curitiba.

Em Novembro de 1890 foi nomeado diretor da mesma Escola. Imprimiu então novos rumos ao ensino da escultura e formou vários dos escultores que mais tarde fizeram obra valiosa, entre êles, Leão Veloso, Amadeu Zani, Modestino Kanto.

As características de seus trabalhos são de um romantismo moderado com fidelidade ao neo-clacissismo. Seu nome está ligado ao do mestre Valentim e ao do Aleijadinho, ainda que cada um dêles mantenha uma personalidade inteiramente independente. Suas obras estão espalhadas por todo o país. No teatro Municipal estão as figuras simbólicas do Canto, Tragédia, Música, Poesia, Dança e Comédia. São também obra do seu buril as quatro grandes águias que encimam o palácio do Catete. As principais personalidades brasileiras do seu tempo foram por êle esculpidas. Gonçalves Dias, que se encontra no Passeio Público, bem como a herma de Ferreira Araújo e de Alberto Nepomuceno, que também estão nesse parque, que é uma relíquia do Rio antigo. E a estátua monumental de Dom Pedro I que está em São Paulo também é um dos mais expressivos trabalhos de Rodolfo Bernardelli, que sem dúvida gravou no bronze o que há de representativo na história pátria.

UM PASSEIO SINGULAR

Em 1931, quando já chegava ao ocaso de sua vida, Bernardelli pressentindo sua morte próxima teve uma idéia peculiar dos homens superiores, que não só aceitam a morte mas também a esperam e preparam. Em companhia de Eugênio Latour, tomou democràticamente um bonde e foi se despedir de todos os seus trabalhos expostos nas ruas e praças do Rio de Janeiro.

Pouco depois, já acometido do mal que o levaria dêste mundo, pediu com insistência que seu ataúde fôsse coberto com a bandeira brasileira. E assim se fêz, no dia 7 de abril de 1931.


MODELOS EM CANA DA INDIA, "FIBRAX" E VIME


CARRINHOS PARA BEBÉS
recomendados pelos nossos mais eminentes pediatras.


DISCOS

Completa coleção de Discos clássicos e populares. Agulhas, Pilhas, Álbuns, Filmes, Lanternas, Bicicletas, etc.

Lindas e interessantes gravações de histórias para crianças.

BOLSAS DE PALHA PARA PRAIA E CAMPO-CADEIRINHAS DE BALANÇO PARA CRIANÇAS-VOADORES-CESTAS PARA COSTURA E MAIS UMA GRANDE VARIEDADE DE ARTIGOS P/PRESENTE

CASA FLÔR
PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, 50
FABRICA: AV. 28 DE SETEMBRO, 19

LEIAM

a Cena muda

- CINEMA
- RÁDIO
- TEATRO
- ATUALIDADES

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● MARGA (Rio)

SONHO: Encontrava-me num lugar indefinido, em forma de círculo e via um homem carregando uma lata e um pincel, dêsses usados para marcar as faixas brancas das ruas. Êle começou a pintar o chão; mas, em vez de tinta, o pincel riscava traços de luz fluorescente, que se iam apagando à medida que êle riscava novos traços luminosos. Nisso, passou um bonde, cujos passageiros levavam grandes sacos de biscoitos; corri para tomá-lo, mas já não o encontrei. Ao voltar, o homem havia desaparecido; o de sua passagem restavam, apenas, as pinceladas de luz no chão.

INTERPRETAÇÃO: Sendo o círculo a figura geométrica que simboliza o Infinito, o Cosmos, e ensinando o ocultismo que «Deus geometriza», é fácil interpretar o seu sonho como um devaneio astral, em que seu eu pinta (pintor) com tintas etéricas (faixa fluorescente) a sua própria personalidade. O subconsciente tem a propriedade de camuflar as coisas e nô-las apresentar de forma tal que as qualificamos de absurdas e esquisitas; por isso, você, que se deve interessar de uma maneira bem singular pelos problemas sociais, viu um bonde com passageiros carregando grandes sacos de biscoitos, representando o sofrimento que vai pelo mundo. Parece-me que você se coloca em último lugar na escalada das altitudes, isto é, na aquisição de meios de subsistência, e deve se preocupar mais com os outros, do que com sua própria felicidade (bonde que não conseguiu tomar). Cada dia, para você, constitui um vácuo sem fim, e você procura a razão de ser de tudo isso, a finalidade de sua existência, não encontrando senão uma grande interrogação, para a qual não consegue resposta (homem que desapareceu, deixando traços de sua passagem), vendo os dias passarem sem minorar a sua insatisfação. E' admirável o altruísmo, Marga; entretanto, não podemos deixar de nos cuidar e proteger, porque, se assim não o fizermos, poderemos vir a ser uma carga para outrem, e deixaremos de ser úteis.

● SONHADORA (Rio)

SONHO: Estava em baixo de uma árvore, quando apareceu um desconhecido que começou a atirar qualquer coisa na copa; então, saíram da árvore uma porção de pombas brancas que pousavam no chão; abaixei-me e comecei a beijar uma dessas aves.

INTERPRETAÇÃO: Você deve ter uma natureza mística por excelência e preocupa-se com assuntos concernentes à religião, principalmente a católica que, tão docemente, simboliza o Espírito Santo por uma pomba. Ora, a árvore é considerada, pela sua forma, como um símbolo fálico, como já tenho escrito tantas vêzes; está bem visivel, em seu sonho, a mistura que você faz de seus anseios íntimos com o misticismo religioso, que empresta a alguns santos o poder de resolver nossos problemas sentimentais e afetivos. Sua humildade está patente naquele gesto de abaixar-se para beijar a pomba, gesto que também mostra a profunda devoção de sua alma às coisas sagradas.

Sendo o sonho um reflexo do subconsciente, é evidente que você, a par do tumultuar cotidiano da vida, encontra tempo para a meditação e os bons livros, coisa, aliás, louvável e digna.

● TÂNIA (São Paulo)

SONHO: Uma de minhas amigas sonhou que estava sentada num banco de trem, ao lado de um rapaz; os dois se namoravam. Ela se levantou para ir buscar qualquer coisa e, ao voltar, me encontrou no seu lugar, ao lado do rapaz. Chorando, saiu correndo do trem, enquanto nós dois corríamos atrás dela; eu, incessantemente, dizia ao jovem: — Estás vendo? Ela pensa que eu te namorei. — Por fim, cansada de correr, ela desmaiou; ao voltar a si nos viu ao seu lado — êle e eu — tendo o rapaz, nessa ocasião, declarado que havíamos apenas conversado, o que eu confirmei.

INTERPRETAÇÃO: Não posso responder sua cartinha, diretamente para sua residência, como pede, porque para tanto me falta o tempo. Diz você que já interpretou o sonho de sua amiguinha. Seria interessante que me tivesse mandado a sua opinião, pois também eu gostaria de avaliar sua capacidade psicanalista, mormente em se tratando de uma garôta como você, inteligente e estudiosa. Desconfiada, também, não é? Do contrário, não atribuiria a outrem seu próprio sonho...

Seu sonho é a mostra fiel da pouca confiança que deposita em suas convicções e em seu temperamento. Como você se acha ainda na adolescência, é natural que não tenha um caráter perfeitamente definido e completo, pois, Taninha nem se pode bastar a si própria na plenitude de sua vida orgânica, e vive ainda da reserva que trouxe do seio materno... Não sei se sabe que só aos 14 anos a glândula Timo desaparece definitivamente, deixando o pequeno ser se suprir por si só, ou, mais

(Cont. na pág. 44)

O desaparecimento de Julia Wertheimer

(Conclusão)



CARL não respondeu. Ajeitou a gola do capote e caminhou a passos largos. No carro, Brígido voltou a tocar no assunto: — Sim, um chato completo, afirmou. — Mas êle vai com você pra burro. Se você pedisse transferência para outra delegacia, era capaz de fazer o mesmo.

Karl refestelou-se o mais cômodamente que pôde no carro e deixou o colega falando sôbre o humor do chefe. Lembrou-se de Greta e imaginou o que ela estaria fazendo àquela hora. Eram quatro horas da tarde. Depois de um dia inteiro sem fazer nada, sòzinha no apartamento, ela decerto teria ido a um cinema ver uma fita de detectives. Uma boa menina, Greta. Conhecera-a há coisa de um ano. Karl havia ido ver uma fita de detectives, para se distrair. Num intervalo da sessão, sentara-se, ao seu lado, aquela mulher bonita que o examinou de cima a baixo, como a avaliá-lo, antes de voltar a atenção para uma revista alemã. De repente, Karl surpreendeu-se conversando em alemão com a mulher. Saíram do cinema juntos. Comeram qualquer coisa numa salsicharia da esquina e êle foi levá-la em casa. Greta morava sòzinha num apartamentozinho bem acomodado do Brás. Karl demorou-se num «bate-papo» aconchegado. Quando olhou para o relógio, passava de meia-noite. Ia sair quando Greta pediu que êle a beijasse. E êle não saiu mais naquela noite. No dia seguinte, levara a mala com suas coisas para lá... Sim, uma boa menina, a Greta.

Brígido, ao seu lado, contava que a espôsa estava doente, que ia reclamar do vizinho o barulho do rádio, depois das dez da noite.

— Nunca vi gente mais barulhenta. Um dia ainda quebro o rádio dêles, se continuam naquela pouca vergonha...

Karl apanhou um cigarro no fundo do bôlso e acendeu-o, quase sem se mexer no assento. Onde estaria Greta àquela hora? O diabo é que ainda eram quatro ohras da tarde e tinha aquêle maçantíssimo caso para resolver.

Parelheiros apareceu diante dêles. E Júlia Wertheimer voltou à cabeça de Karl. Deixou Brígido no carro e desceu. Percorreu todos os empórios do lugar, até um que ficava na rua principal. O dono do negócio, um italiano meio surdo, contou que a mulher havia estado ali, sábado, realmente. Fizera suas compras e saíra depois de telefonar para um tal Ernesto, na cidade. Depois de confirmar a descrição do vestuário de Júlia, Karl procurou arrancar do homem o número do telefone que Júlia usara. O italiano coçou a cabeça e de repente teve um lampejo de gênio.

— Veja aí ao lado do telefone, na parede. Ela todo dia telefonava para o tal Ernesto.

Na parede, ao lado do aparelho, Karl viu pelo menos uma centena de números de telefone. Apanhou papel e lápis e pacientemente anotou todos êles, sem esquecer nenhum. Feito isto, voltou ao carro e mandou tocar para a cidade.

— Arranjou alguma coisa? — indagou Brígido.

— Sim. Uma centena de palpites para o jôgo do bicho.

O outro olhou-o sem compreender. Karl destacou duas páginas da caderneta onde tomara as anotações e entregou-as ao companheiro.

— Chame todos êstes números, um por um. Procure um tal de Ernesto. Ao primeiro indício, localize a casa. Eu vou fazer o mesmo com os números restantes.

(Cont. na pág. 40)

Conto de PERICLES LEAL
Ilustração de RAMON

MEMÓRIAS DO Príncipe Yussupoff

— Sim. Tenho a cabeça pesada e uma sensação de fogo no estômago. Dê-me ainda um pouco de vinho. Isso me fará bem.

Servi-lhe do Madeira, que êle sorve de um trago. Depois disso êle se reanimou, tornando-se alegre. Propôs-me acompanhá-lo aos centros boêmios; recusei sob protexto de que já era muito tarde.

Como era que os seus olhos perscrutadores não haviam descoberto que eu trazia numa das mãos um revólver oculto às minhas costas, e que, de um instante para outro seria disparado contra êle?

. Voltei maquinalmente a cabeça e fitei o crucifixo de cristal.

— Por que estás a olhar tanto tempo êsse crucifixo? — Perguntou-me.

— Gosto muito dêle, respondi eu. E' tão bonito!

— Pois a mim, êste armário me agrada muito mais.

Aproximou-se dêle, abriu-o e se pôs a examiná-lo.

— Gregory Efimovitch, disse. eu, você faria melhor se fitasse o crucifixo e fizesse uma prece.

Rasputin lançou sôbre mim um olhar de estupefação, quase alarmado. Vi em seus olhos uma expressão nova ainda desconhecida para mim. O seu olhar tinha qualquer coisa, a um só tempo, doce e submissa. Veio até mim e me olhou face a face. Dir-se-ia ter lido, enfim, em meus olhos alguma coisa que não esperara antes. Compreendi então, que o momento supremo havia chegado.

— Senhor Deus, implorei eu, dai-me fôrças para chegar ao fim!

Rasputin se mantinha de pé diante de mim. Imóvel, a cabeça pendida, os olhos fixados sôbre o crucifixo. Levantei lentamente o revólver.

Onde deveria atirar, pensava eu, na fronte, ou no coração?

VISEI O CORAÇÃO

Um «frisson» me sacudiu todo o corpo. Meu braço se estendeu. Apontei-o para o coração e pressionei o gatilho. Rasputin soltou um urro e caiu pesadamente sôbre a pele de urso.

Ao ouvirem o estampido da arma de fogo, os amigos do príncipe acorreram pressurosos. O médico constata que a bala atravessara a região do coração. Estava morto Rasputin, e bem morto. Os conjurados apagaram a luz e sobem ao andar superior, cheios de esperanças e convencidos de que haviam salvado a Rússia. Conforme a combinação, um dêles vestia a peliça de Rasputin. Tem-se que simular, no caso de que a polícia houvesse seguido o «staretz», e conduzi-lo a casa. O príncipe fica só com o deputado Pourichkevitch.

Fui tomado, sùbitamente, de uma vaga inquietação, e um impulso irresistível me faz descer ao subsolo, onde repousava o corpo.

Rasputin estava estendido no mesmo lugar em que o deixáramos. Apalpei-lhe o pulso. Nenhum sinal de vida. Estava morto e bem morto.

Não saberia eu explicar porque agarrei o cadáver pelos dois braços e o sacudi violentamente. Êle pendeu para um lado e depois caiu.

Depois de estar durante algum tempo ao seu lado, já eu me dispunha a ir-me embora, quando minha atenção foi despertada por um estremecimento quase imperceptível de sua pálpebra esquerda. Debrucei-me sôbre êle e observei com atenção: eram ligeiros tremores contraindo o seu rosto.

Capítulo IX

O TSAR ABDICA

SÙBITAMENTE, eu vi entreabrir-se o seu ôlho esquerdo. Alguns instantes depois, sua pálpebra direita começa a tremer, por sua vez, para erguer-se, deixando ver o ôlho. Vi então os dois olhos de Rasputin, dois olhos verdes de víbora, fixados sôbre mim com uma expressão de ódio satânico. Meu sangue gela nas veias e todos os meus músculos tomam a rigidez da pedra.

Passa-se, então, uma coisa atroz. Com um movimento brusco e violento, Rasputin tomba, a bôca a espumar. Causava terror a quem o visse. Um gemido selvagem ecoou sob as arcadas e eu vi suas mãos convulsas tateando no ar. Em seguida, projetou-se sôbre mim: seus dedos procuravam agarrar-me a garganta, abertas as mãos como duas tenazes em minhas espáduas. Seus olhos saíam das órbitas e o sangue corria dos lábios.

Procurei livrar-me de seu abraço, mas me sentia prêso como se estivesse num tronco. Uma luta terrível se trava entre nós.

Finalmente, cai ao chão a estertorar penosamente e levando na queda uma dragona que êle havia apertado em sua mão durante nossa luta. E ficou, novamente, estendido de costas para o solo, sem movimento. Mas, ao fim de alguns instantes, êle tornou a mexer-se. Corri para a escada e chamei Pourichvitch.

Ouvi ruídos atrás de mim, enquanto Pourichkevitch empunhava o revólver e descia, acompanhando-me. Rastejando sôbre os joelhos, arrastando-se de ventre pelo solo, urrando e gemendo como um animal ferido, vimos que Rasputin subia os degraus da escadaria. Esforçando-se para erguer-se sôbre si mesmo, fêz um derradeiro esfôrço para chegar a uma porta secreta que dava para o pátio. Como eu sabia que essa porta era fechada a chave, procurei colocar-me no patamar superior, segurando fortemente na mão a «matraque» de borracha que me havia dado, em boa hora, o deputado Paklakoff.

Qual não foi minha estupefação e meu espanto ao ver a porta abrir-se e Rasputin desaparecer dentro da noite. Pourichkevitch então se lança em sua perseguição. Ouviram-se em seguida tiros de revólver: três, quatro detonações ecoaram no silêncio da madrugada...

E Rasputin cai, enfim, perto a um montículo de neve.

No dia seguinte, 16 de março, o grão-duque Michel assina sua abdicação provisória. Kerensky, que a tinha conseguido, agradece o gesto em têrmos entusiásticos.

Tendo o govêrno provisório concedido ao imperador a «permissão» de fazer suas despedidas ao exército, a imperatriz herdeira, acompanhada de meu avô, deixa imediatamente Kiew para ir a Mohilew, onde se achava o quartel-general.

Nicolau II toma o vagão de sua mãe e permanece ali encerrado com ela durante duas horas. Sua conferência ficou em segrêdo. Quando meu avô foi convidado a juntar-se a êles, a imperatriz estava sufocada de soluços. O imperador, de pé, imóvel, fumava silenciosamente.

O govêrno provisório se inclinara diante da vontade do «soviete», que exigia a prisão imediata do soberano. Ao mesmo tempo era publicada a famosa ordem do dia n. 1, que proclamava a abolição da disciplina militar, da continência aos oficiais etc. Os soldados eram convidados a formar os seus próprios comités administrativos, ou «sovietes», e a designar, por si mesmos, os oficiais que quisessem conservar.

Era o fim do exército russo. Em certas guarnições, começara o assassínio de oficiais pelos seus soldados.

Três dias mais tarde, partia o imperador para Tsarkoie-Selo, onde se reuniria à sua família, conforme ordem do novo govêrno. Depois de despedidas comoventes à sua mãe, que deviam ser o adeus supremo, Nicolau II, vestindo uma simples blusa cáqui com a cruz de S. Jorge, sobe ao trem que estacionava diante do da imperatriz. Esta, de pé, banhada em lágrimas, à janela de seu vagão, fazia o sinal da cruz e gestos de bênção. Da janela de seu carro, seu filho lhe fêz um derradeiro sinal de adeus, enquanto o trem se movimentava.

Ao chegar a Tsarkoie-Selo o imperador se viu abandonado de todos. Sòmente o príncipe W. Dolgoroukoff o acompanha até ao palácio Alexandre.

*

No fim de março eu fui libertado e retornamos a S. Petersburgo. Antes de nossa partida, foi celebrado um serviço religioso em Rakitnoie. A igreja estava cheia de camponeses em lágrimas. «Como iremos agora viver?» — repetiam êles, e lamentavam: «Levaram o nosso tsar!»

Em Karkov precisamos descer do trem para ir ao «buffet». Mas foi muito difícil romper a multidão de gente que superlotava a estação. Tôda essa gente conversava, chamando-se uns aos outros de «camarada». Um dêles me reconheceu e pronunciou o meu nome. De súbito se formou agitação na turba. Pressionados de tôda parte e meio sufocados, tínhamos a sensação desagradável de que essa gente, que nos aclamava, bem poderia, de um instante a outro, linchar-nos. Alguns militares vieram em nosso socorro e nos acompanharam até à saída do «buffet». A multidão se acumulou em tôrno de nós. Era preciso fechar as portas. Quiseram que eu fizesse um discurso. Mas recusei, alegando que era incapaz de falar em público. Nesse momento, soubemos que o trem, procedente do Cáucaso, trazendo o grão-duque Nicolau Nicolaievitch, acabava de entrar na estação. Para podermos chegar até êle, tivemos que atravessar novamente a multidão, que, agora, aclamava o grão-duque. Êle me abraça calorosamente. Afinal, diz-me êle, poderemos triunfar sôbre os inimigos da Rússia.

RETIRE ÊSTE HORROR

São Petersburgo nos pareceu muito mudada. A mais indescritível desordem reinava em suas ruas. A maior parte da população arvorava insígnias vermelhas. Nosso próprio chofer havia julgado prudente usar um laço vermelho para ir buscar-nos à estação. «Retire êste horror», lhe diz minha mãe, irritada.

Desde nossa chegada, a casa da Moika não mais se esvaziou. Todo aquêle vaivém incessante se tornava muito fatigante para nós. Michel Rodzianko, presidente da Duma e parente nosso afastado, era um dêsses visitantes mais assíduos. Um dia minha mãe me chamou aos seus aposentos. Fui até lá em companhia de Irina, e a encontramos em conferência com Rodzianko. Ao ver-me entrar, êle se levantou e veio até mim, dizendo-me à queima-roupa:

— Moscou quer proclamá-lo imperador. Que diz a isto?

Já não era a primeira vez que eu ouvia tais



palpites. Após um mês de nosso retôrno, muita gente, de diversas categorias sociais e profissionais, como militares graduados, políticos, religiosos, me haviam falado sôbre tal propósito. Mais tarde, o almirante Kolchak e o grão-duque Nicolau Mikhailovitch vieram também com a mesma linguagem.

Tal proposição repousava sôbre trágico engano. Era que se oferecia a quem havia eliminado Rasputin, para salvar a dinastia, o papel de usurpador!

A vida em S. Petersburgo se tornava, dia a dia mais insuportável. Na primavera de 1917, muita gente deixara a cidade a fim de procurar refúgio em suas propriedades da Criméia. A grã-duquesa Xênia e seus três filhos mais velhos, meus pais, Irina e eu mesmo, seguimos o exemplo geral. A essa época a onda revolucionária não se havia estendido até ao sul da Rússia, e a Criméia oferecia relativa segurança.

SALVEI MEUS REMBRANDTS

A vida na Criméia fluía penosamente até maio. Entretanto, como nossa estada ali ameaçava prolongar-se, julguei prudente ir ver o que sucedera à nossa casa da Moika e ao hospital instalado na rua Liteinaia. Parti de S. Petersburgo com o meu irmão Theodoro, que tinha decidido acompanhar-me. Aproveitei essa viagem para levar dois Rembrandt, que constituíam a coleção dos mais belos quadros entre os existentes em nossa galeria: «O homem de chapéu grande» e a «Mulher de avental». Retirando-os das molduras, enrolei as telas, que foram, assim, fàcilmente transportadas.

Nossa viagem de regresso se fêz sob as mais incômodas condições. Uma multidão de soldados que se haviam desmobilizado, mas que conservavam suas armas, enchiam o trem. Iam na coberta e no interior dos carros. Um carro de terceira classe se rompe sob o seu pêso. Estando todos êles mais ou menos bêbedos, muitos caíram no decurso da viagem. À medida que descíamos para o sul, cada vez mais se superlotava o trem, com numerosos civis em busca de refúgio na Criméia. Éramos oito, incluindo uma senhora idosa com dois meninos, apertados como sardinha em lata, num dos dormitórios do vagão-leito já todo arrebentado.

Capítulo X

AS GRANDES FAMILIAS FOGEM

Enquanto estávamos em S. Petersburgo, um primeiro contratempo veio perturbar a vida pacata dos habitantes d'Ai Todor.

Numa manhã, ao romper da aurora, meu pai foi despertado sob o cano de um revólver encostado à sua fronte. Um bando de marinheiros mandados pelo soviete de Sebastopol, com ordem de busca e perquirição, havia invadido a casa. O grão-duque foi convidado a entregar a chave de seu escritório e tôdas as suas armas. A velha imperatriz teve que levantar-se e deixar que revolvessem o seu leito. De pé, por detrás de um biombo, assistiu, sem poder protestar, ao chefe do bando apropriar-se de todos os seus papéis e da correspondência particular, como o fizeram em casa de meu avô. Levaram até mesmo uma velha bíblia, que a havia seguido sempre desde que ela havia deixado a Dinamarca para desposar o tsar Alexandre III.

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

A Surprêsa de um Reveillon

PREGADA à parede, a folhinha do ano se despedia: — era 31 de dezembro. Sentada numa cadeira em frente ao calendário, Martine também se julgava no fim de um sonho: já estava esperando, mais aquela vez, por três horas. De quando em quando o rapaz que desempenhava o ofício de servente, olhava-a com simpatia. Como era linda! Gênero ingênuo-clássico revisto e corrigido por Gabriel Domergue. E dizer-se que aquêle anjo esperava, assim, cinco vêzes por semana, já havia um mês.

— Você está certo de que o patrão sabe que estou aqui?

— Claro, senhorita.

Mas a jovem pensava: esperarei mais alguns minutos. Contarei até vinte e cinco. Se a porta não se abre, vou-me embora.

Comumente ela não se ia senão quando contava cento e trinta e dois; mas naquela vez, às dez horas, ela ouviu ruídos de vozes, de risadas, de alegria, por detrás da porta que tinha esta inscrição: «Redator-chefe», e, às vinte e duas, a porta se abriu, deixando sair uma onda de fumaça, entre palavras alegres de fotógrafos e redatores. Martine se levanta.

— Olá, Baby! Boa surprêsa, diz Robert, da seção esportiva. Quer ver o patrão?

— Sim. Será que êle tem alguma coisa para mim?

— Não...

— Como não! — intervém Stephen, da seção teatral, cutucando o colega.

— Tem, sim, Baby. O patrão tem alguma coisa para você esta noite!

Os olhos de Martine cintilaram como fogueira quando a atiçamos.

— Que será?

— O chefe quer uma reportagem sôbre o «Reveillon» de todo mundo que tem o nome «Noel». Eu me encarregarei de Noel-Noel; André se incumbirá de Noel Chiboust. Quer ficar com Noel Coward?

— Aceito!

— Então, mãos à obra! Vá fazer sua colheita no Eduardo VII, depois do espetáculo, e não largue o serviço enquanto não estiver realizado. Tenho precisão dos seus originais até amanhã às seis horas, que é para a edição de meio-dia. Está bem?

— Fechado, sr. Stephen! Até logo, Robert!

— Alegre Natal, Baby!

Martine se lança, cheia de contentamento, pelas escadas da redação, atravessa um grupo de jornalistas que estava a tagarelar e mergulha no «metro».

— Você não tem juízo, lhe diz a porteira, quando ela chega a sua residência na rua dos Batignolles.

Uma reportagem! A primeira que lhe pediam desde que ela esperava na ante-sala de «France-Partout»! A primeira desde que se diplomara pela escola A B C, num curso por correspondência! Finalmente, a chance e o jornalismo lhe sorriam! Mudando seu modesto vestido cinzento por um mais elegante e festivo, com um decote excitante, ela pensa: «O meu dia chegou!»

E sorriu com a ventura de uma criança que se maravilha diante de uma festa de fim de ano! O relógio sôbre sua mesa marcava nove horas.

— Ainda tenho tempo, diz ela; mas preciso familiariazr-me com o teatro antes do último ato.

Martine não havia jantado. Mas nem podia tê-lo feito, pois estava emocionadíssima. Isso sempre sucedia quando ela conseguia algum emprêgo. Ao ser admitida como dactilógrafa numa sucursal da Societé Generale, e quando foi admitida como auxiliar nas Galleries La Fayette, passou dois dias sem comer.

Depois de um último ajeitamento dos cabelos e um olhar ao espelho fêz um apêlo ao seu bom santo para evitar o azar e eis que estava pronta. Mas notou que em sua bôlsa faltava o material para uma boa repórter, como diziam as instruções do curso. E fêz a ponta de um lápis, enquanto metia um outro na bôlsa.

Nervosa, calçou as luvas. Já soavam as dez horas. Não tinha mais tempo a perder. Saiu e chamou um táxi.

— Para onde vai a senhora? — pergunta o chofer.

— Vou ao teatro... teatro... E' um teatro onde deverei encontrar o Sr. Noel Coward. Vou entrevistá-lo.

O chofer confessa que jamais ouvira falar em tal ator, e também não podia estacionar lá por muito tempo.

Martine se esforça por lembrar-se do nome do teatro. Como era mesmo? Teatro Eduardo VII? E, na sua confusão, excitada e nervosa, ordenou ao chofer: «Rue de Surêne», teatro de la Madeleine.

E' que ela acabava de lembrar-se do nome de uma peça que levavam ali: «Les Enfants d'Edouard». E raciocinou confiada: «Felizmente que o nome Eduardo ficou em minha memória.»

Como não fazia muito frio, ela passou por entre grupos de espectadores que comentavam, à entrada do teatro, e entrou no vestíbulo.

— Que faz você aqui, menina?

Ela se volta. Era seu tio Charles, negociante de vinho. E lhe pôs a mão no braço.

— Vim tomar certos dados para escrever uma reportagem sôbre Noel; diz ela meio importante.

— Oh! Muito bem! Venha tomar uma taça de champanha aqui no bar. Esta semana está trabalhando como jornalista?

Enquanto bebiam, ela explicou o caso.

— Bravo, menina! A única contrariedade é que Noel Coward não representa aqui. Você confundiu «Enfants d'Edouard», com «Edouard VII»... Sua peça é...

Seu tio nem terminou. Martine partiu como uma bala em procura de táxi. Não o encontrando, e não sendo possível ir pelo «metro», resolveu» ir mesmo a pé, mesmo que tivesse de corrêr. Que maçada! Onde estava ela com a cabeça! Que confusão! Mas o efeito do champanha começava a subir-lhe à cabeça. Ela se julgava capaz de entrevistar até mesmo o presidente da República, ou mesmo o Menino-Jesus.

Esbaforida, exausta, elegante, chega ao teatro. Todo mundo já saía, e o seu ator também já deveria ter saído. Correu aos camarins. Viu um senhor que lhe parecia o tal.

(Cont. na pág. 43)

Por JEAN MONTEAUX



Sempre melhorando...

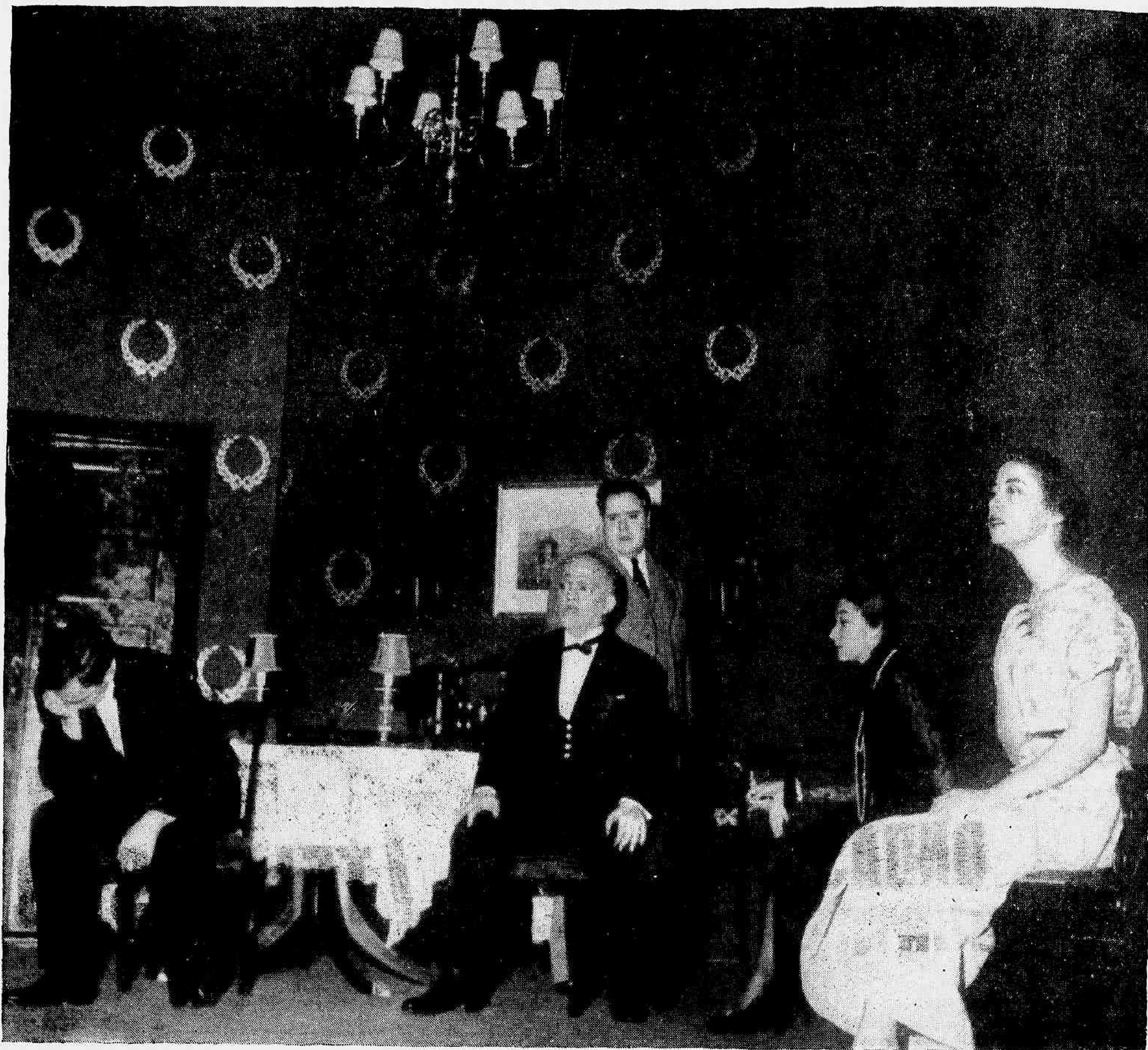
a BANDEIRANTES anunciα:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista



Sôbre a família inglêsa e puritana, onde a consciência vive afogada no egoísmo, cai de repente uma bomba: a presença de um inspetor imaginário...

ESTÁ LÁ FORA UM INSPETOR

UM PROBLEMA DE CONSCIÊNCIA NO TEATRO REALISTA E MODERNO

★ PRIESTLEY FAZ SUCESSO EM LONDRES E CONQUISTA FÃS NO RIO

Texto de **NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES** Fotos de **ALBERTO FERREIRA**



Removendo as águas profundas da culpa que se encontra escondida, o Inspetor faz justiça

O autor de «Está Lá Fora um Inspetor» conseguiu levar à cena uma série de problemas sociais encarnados num único caso de consciência.

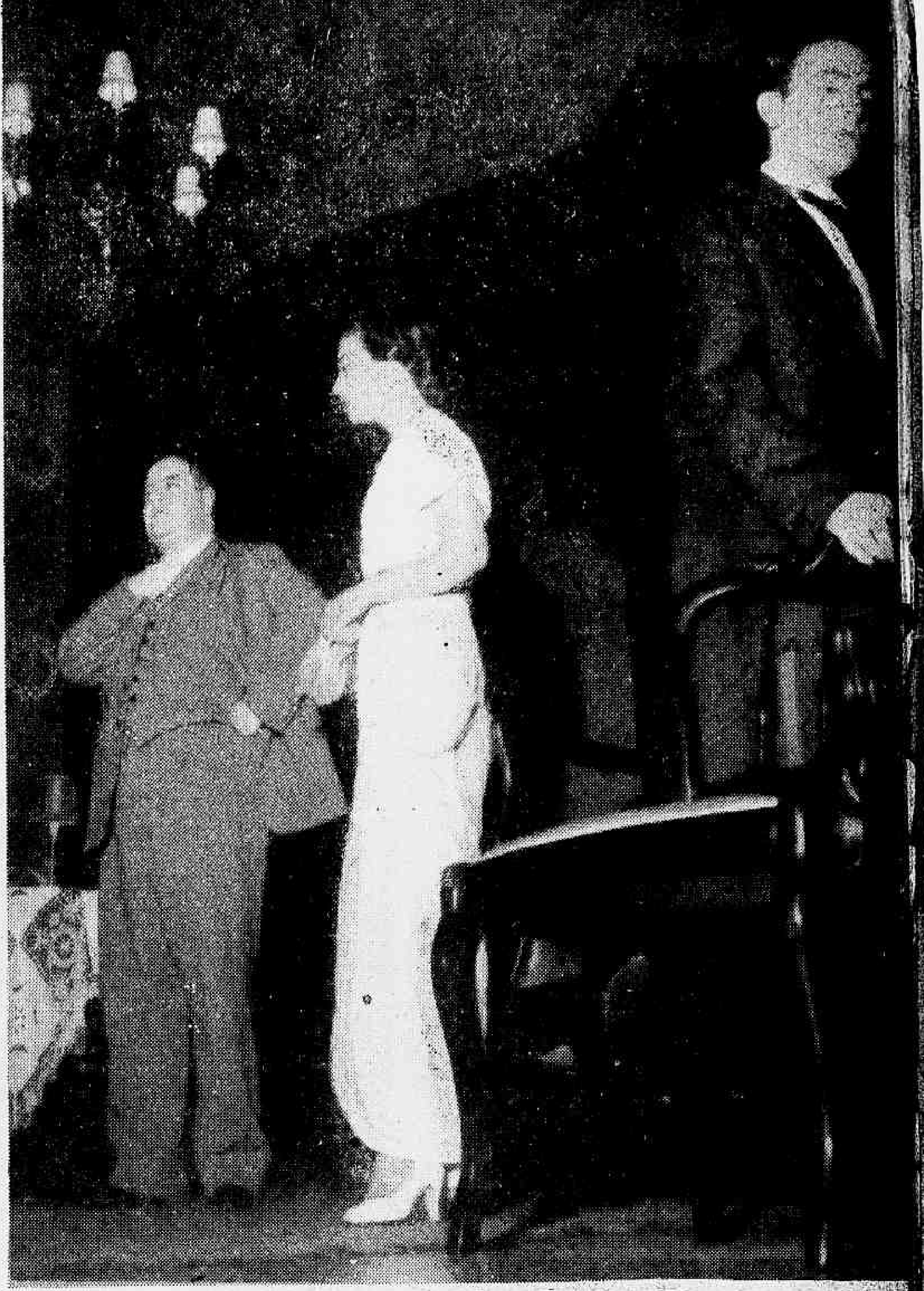
O problema é de tôda atualidade. Os recursos teatrais usados por Priestley são aparentemente os do velho teatro de tese de Ibsen. Porém aparentemente, porque a tecitura dos diálogos revela uma feição que supera o teatro realista puro, pela sutileza e pelas intenções ocultas em cada expressão. Afasta-se no entanto inteiramente de Ebreiner, e da escola expressionista.

Em «Esquina Perigosa» seu primeiro êxito, que lhe deu renome internacional, usa uma técnica que surpreende pela forte originalidade do desfecho. A cena do último ato é perfeitamente igual a do comêço do primeiro, isto é, os personagens estão nas mesmas posições, usando os mesmos trajes, sentados como se fôssem começar de novo, repetindo as frases com que se iniciaram as situações. Até que... um detalhe altera o curso e mostra o que teria sido de todos se êsse detalhe fôsse omitido. No caso de «Esquina Perigosa», que é um quadro da vida moral da burguesia média dos nossos dias, há um entrechoque de paixões que levam aos extremos do suicídio, do castigo que nasce da consciência irremediàvelmente envenenada.

Em «Está Lá Fora um Inspetor», Priestley repete o acêrto conquistado anteriormente, o que já define um estilo teatral, porém sem se repetir. Usa a mesma seqüência de fatos extraordinários ocorridos no mais normal e aparentemente mais tranqüilo dos ambientes familiares.

(Cont. na pág. 40)





«Por que ela fêz isso?», pergunta a jovem Sheila, referindo-se ao suicídio.

Cada personagem vê nas palavras da consciência, a fonte dos remorsos.

Mrs. Birling, reduto da soberba, trava duelo vivo com sua culpabilidade.

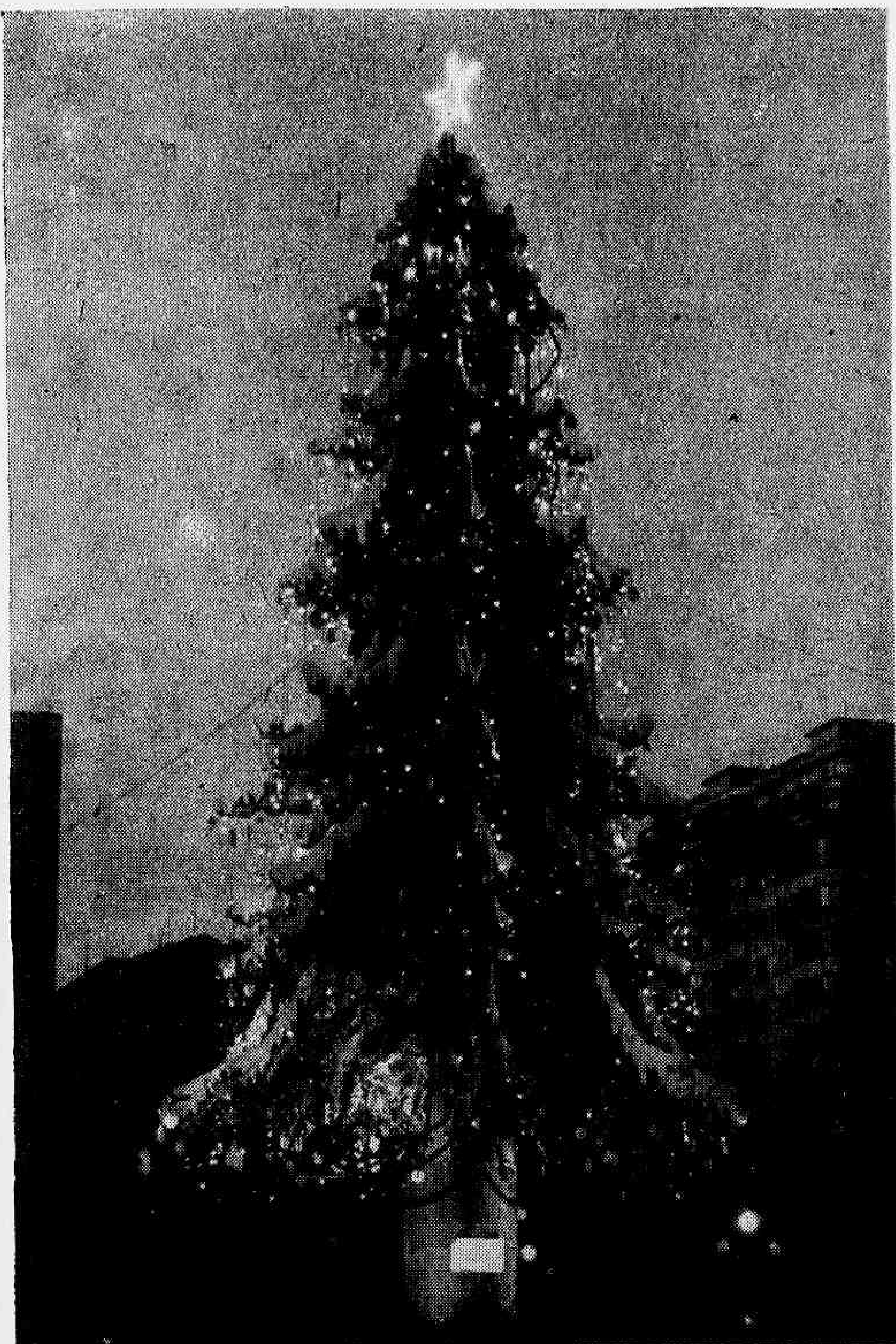
Birling remata com sua paternidade frustrada a seqüência dos males





Uma cruz gigantesca iluminou a entrada da Av Rio Branco Via-se da vizinha cidade de Niterói





À noite, apesar do princípio de incêndio ocorrido, as luzes alegraram.



Durante o dia via-se assim a árvore colossal levantada na Praça do Lido...

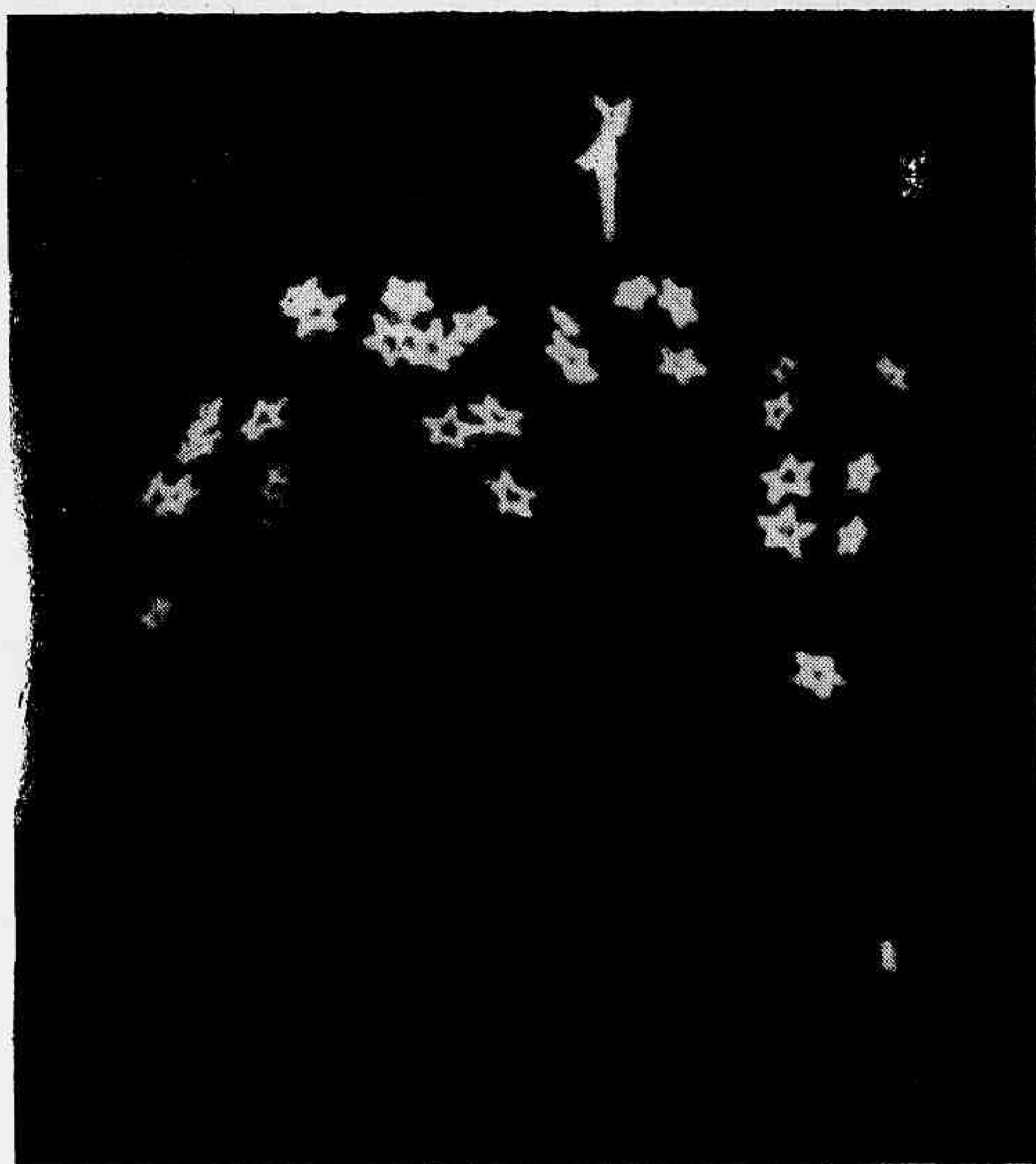
LUZES DA CIDADE no NATAL

Fotos de A. VIEIRA

A Festa do Natal teve, como de costume nas festas públicas cariocas, dois aspectos. Um íntimo, que tem um sabor familiar, grato ao coração, feito para deixar saudades e consolidar os sentimentos que são a vida do lar. Outro, externo, festivo, iluminado, alegre e em concordância com a nossa natureza tropical, extrovertida, festeira. Cresce de ano para ano o brilho da Festa do Natal, tanto na intimidade do lar quanto no amplo espaço das ruas e das praças. Há até mesmo prêmios instituídos pela prefeitura para quem componha a melhor música inspirada nos motivos do nascimento do Redentor.

Êste ano houve algo de novo: a cidade iluminou-se, decorou sua paisagem para prestar seu tributo público. No alto do Corcovado, o cavaleiro de todos os bairros, o Cristo Redentor viu-se de repente flutuando entre enormes e brilhantes estrêlas. O obelisco da Avenida indicava o roteiro dos reis magos com uma cruz em luzes vivas. Em Copacabana e na Cinelândia, duas enormes árvores de Natal balouçavam luzes fragmentadas em milhares de cintilações coloridas.

A inclinação religiosa do nosso povo contrabalança o extremo de uma leviandade e de um mundanismo frívolo que ameaça desvirtuar a data magna do nascimento do Homem-Deus. E a prova está que dentro do seu próprio temperamento expansivo, ao calor da música popular e ao esplendor das luzes festivas, o Natal foi condignamente assinalado, com um esplendor e uma beleza que bem merece a nossa paisagem e o nosso povo.



No alto do Corcovado, as estrêlas brilhavam como condecorações imensas.



A vigilância em Suez é feita por sentinelas em rápidas lanchas. Não só o contrabando é visado, mas também os navios fantasmas...

SUEZ — GARGANTA DO MUNDO

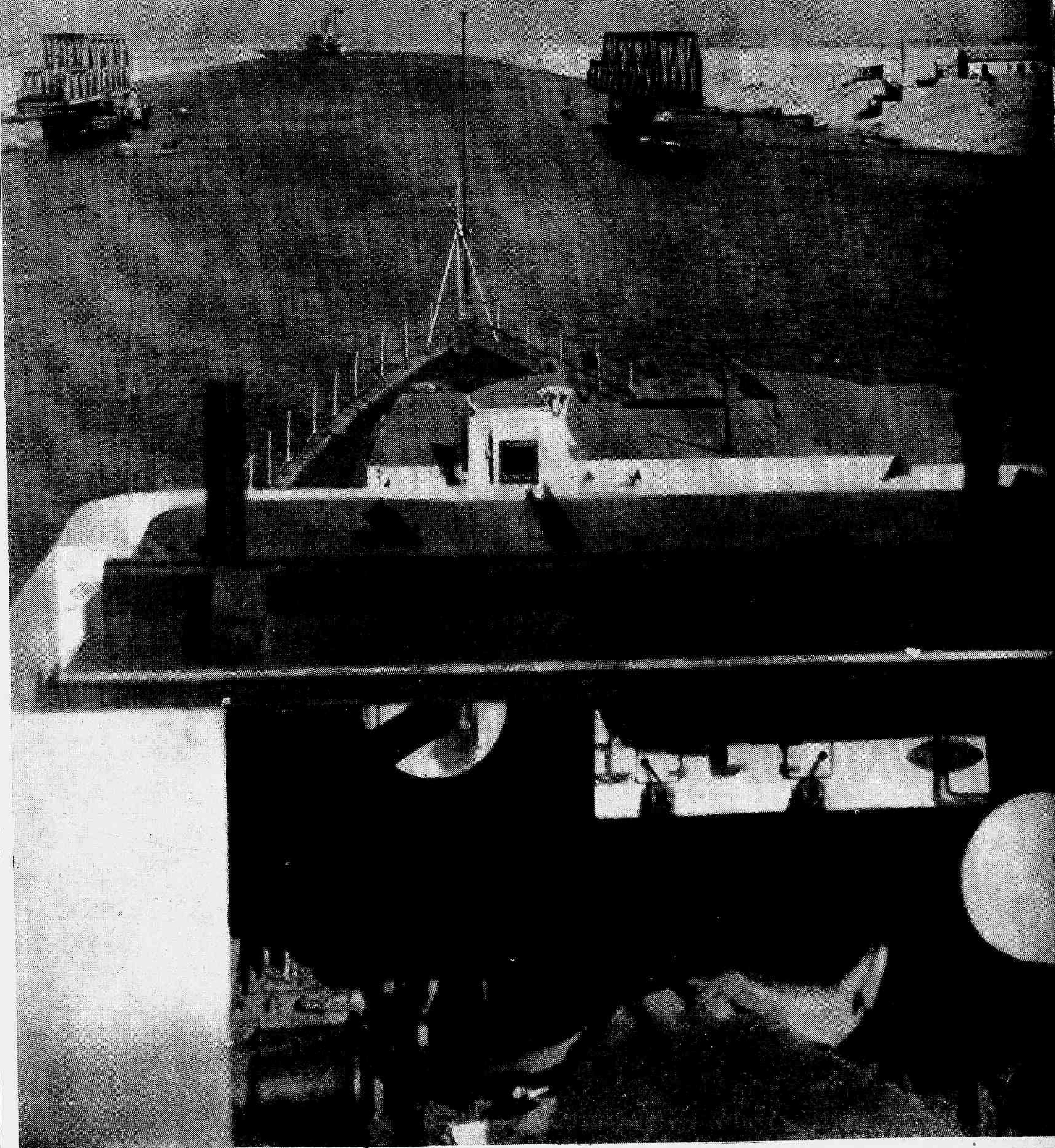
CHAVE DO ORIENTE MÉDIO ★ O CANAL E O PETRÓLEO ★ DOIS RASTILHOS QUE SE COMPLETAM ★ ONDE SE MISTURAM AS ÁGUAS DOS MARES E OS INTERÊSSES DOS POVOS

FINDA o ano de 1952 e começa o de 1953 com um sintoma evidente: o mundo árabe, cujos países se reorganizam por meio de governos fortes, não guarda mais reservas a respeito de suas aspirações de independência. E parece que há nêle um sincero desejo nesse sentido, isto é, real equidistância dos dois mundos que se defrontam: o Ocidente e o Oriente, o totalitário soviético e o democrático. Poderão aquêles países, libertos duma influência, ficar livres da outra? Terão fôrças e recursos para tanto? Talvez no fim de 1953 possamos ter uma resposta prática à grave interrogação. Porque, para os dois mundos que se enfrentam, o Oriente Médio tem grande importância estratégica e econômica simbolizada no petróleo e no Canal de Suez.

O primeiro, o rei dos combustíveis; o segundo, rota de suprimentos, caminho da Inglaterra, da França, de Portugal para os seus domínios e interêsses nas paragens do Pacífico, tão importante que o próprio petróleo dali não valeria tanto se o canal não existisse.

Ora, riquezas como estas, quem as tem não as quer perder e quem não as tem deseja possuí-las. Daí a razão pela qual o Suez é motivo de preocupações constantes por parte das nações que o utilizam. E não foi por outro motivo que os aliados ocidentais trouxeram a Turquia para o Pacto do Atlântico, oceano que fica tão distante do famoso canal. A Turquia é a sentinela avançada não só do canal de Lesseps mas do Bósforo, dos Dardanelos, etc. Juntamente com a Grécia, que também faz parte do Pacto, seriam, em determinadas circunstâncias, o primeiro anteparo à expansão soviética para o Mediterrâneo.

Uma rápida apreciação sôbre o "negócio" que é o Canal de Suez comprova o seu enorme e crescente valor intrínseco. Utilizadíssimo, melhorado, ampliado, o Suez dá aos seus proprietários um resultado altamente satisfatório: a tonelagem dos navios que ali passaram em 1951 foi de ordem de 83 milhões para doze mil barcos. E em 1950 o montante do movimento financeiro do Canal chegou aos 28 milhões de francos franceses, isto é, dois bilhões além do que se constatara em 1949, tendo ao Egito cabido uma boa participação nesses totais. Porque, além dos impostos, o então país de Farouk embolsou seu bilhão e meio de francos e para os acionistas da Companhia do Canal de Suez os dividendos não foram de menos de sete



Desta lancha-patrulha inglêsa se tem um aspecto bem característico de Suez: — a ponte móvel da ferrovia que cruza o canal foi aberta. E o navio pôde passar



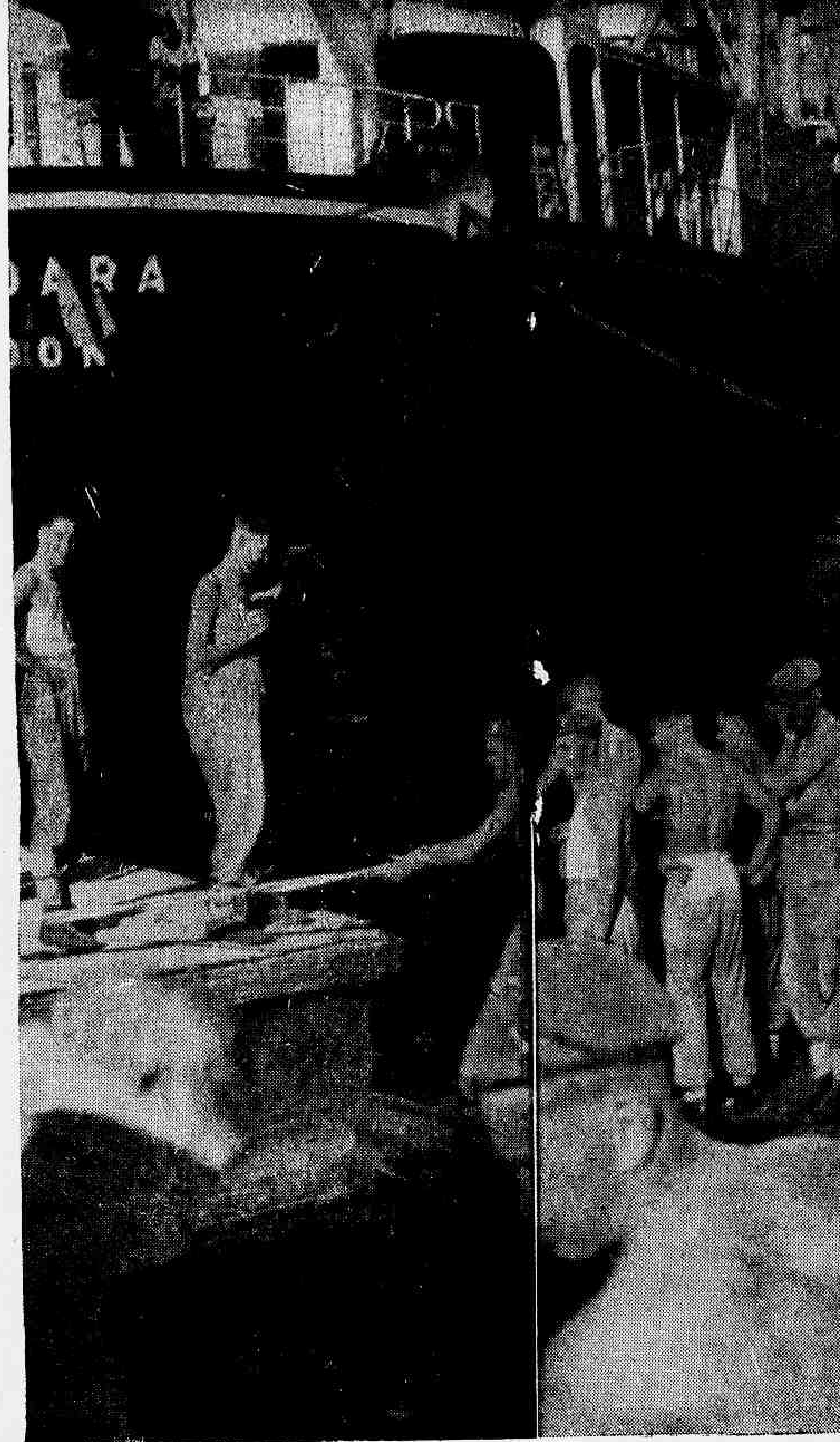
Há um serviço de transporte terrestre muito bem organizado. Ônibus modernos vão da zona do Canal de Suez para o Egito. Porém os passageiros conduzidos são sempre controlados.

bilhões de francos. Até como "negócio", como renda, o Suez aguça apetites.

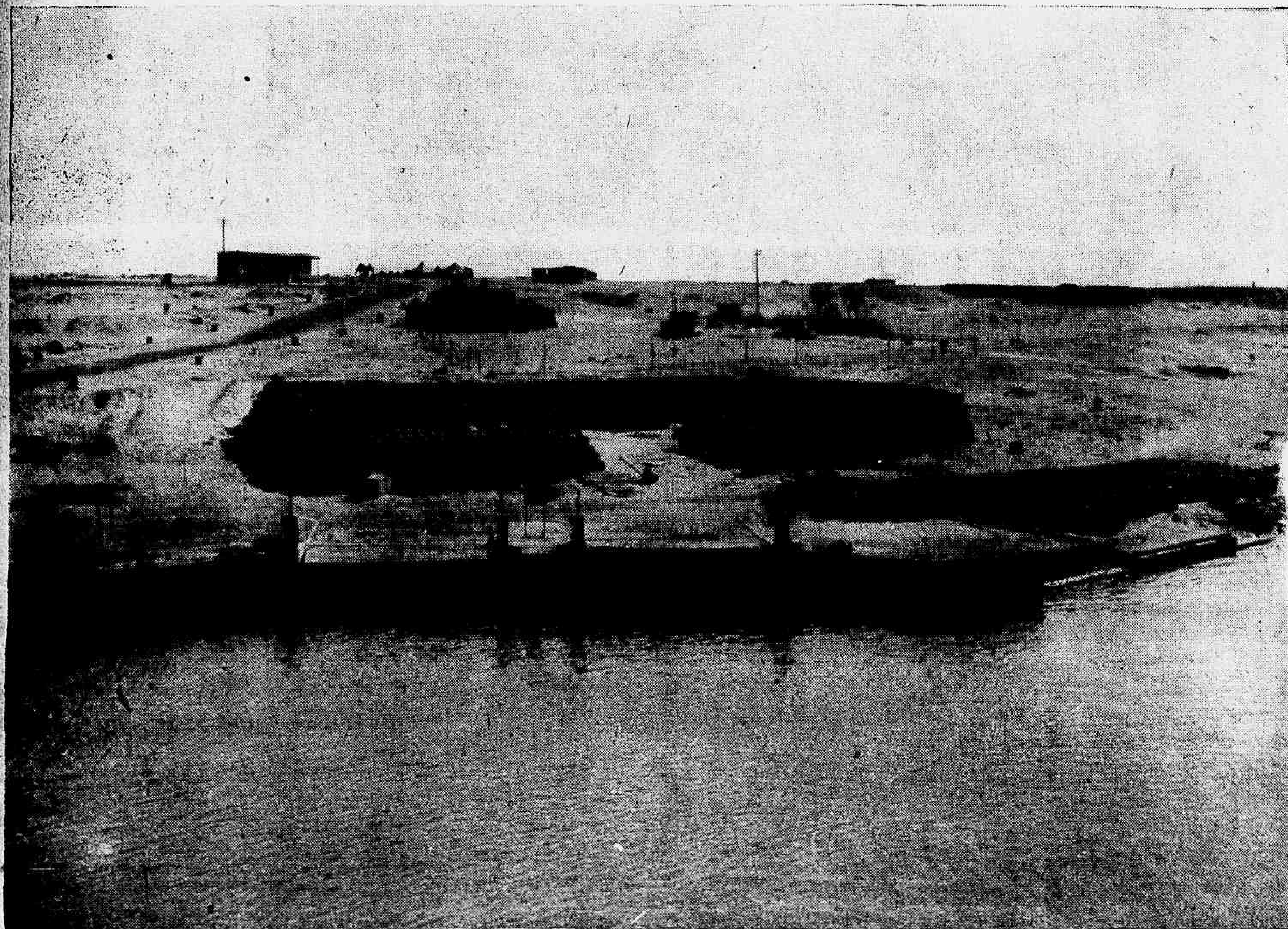
As condições gerais do canal estão, ainda agora, sendo melhoradas e o chamado "Canal de Farouk", quase pronto, lhe darão maior eficiência; pontos alargados, outras condições de navegabilidade e até um centro de pesca em Pôrto Said lhe vai aprimorando as condições gerais.

E' claro que o maior e, assim, o melhor cliente da emprêsa é a Inglaterra, mas o mundo inteiro usa o canal: num período de dez semanas, por exemplo, ali passaram, indo ou vindo, 2.600 navios representando dezesseis milhões de toneladas, desfraldando pavilhões de 23 países. Todavia, a bandeira britânica manteve o primeiro lugar com 750 aparições; depois a norueguesa com 220; a seguir, a norte-americana com 200; a holandesa com 195; a francesa, com 150; a italiana, com 130. Afora outras em menor quantidade.

Não há de ser por outra razão que a zona do canal é guardada por fôrças inglêsas, cujo quartel general está na cidade de Ismailia. Um acôrdo de 1936, entre o Egito e a Inglaterra, permitiu que esta pudesse mandar para lá um efetivo de dez mil soldados, quatrocentos aviadores, além de todo o efetivo de gente para os serviços correlatos. E aos aviões inglêses é permitido voar sôbre território egípcio em serviço de vigilância e defesa do canal. Mas todos dizem, porque sabem, que, de

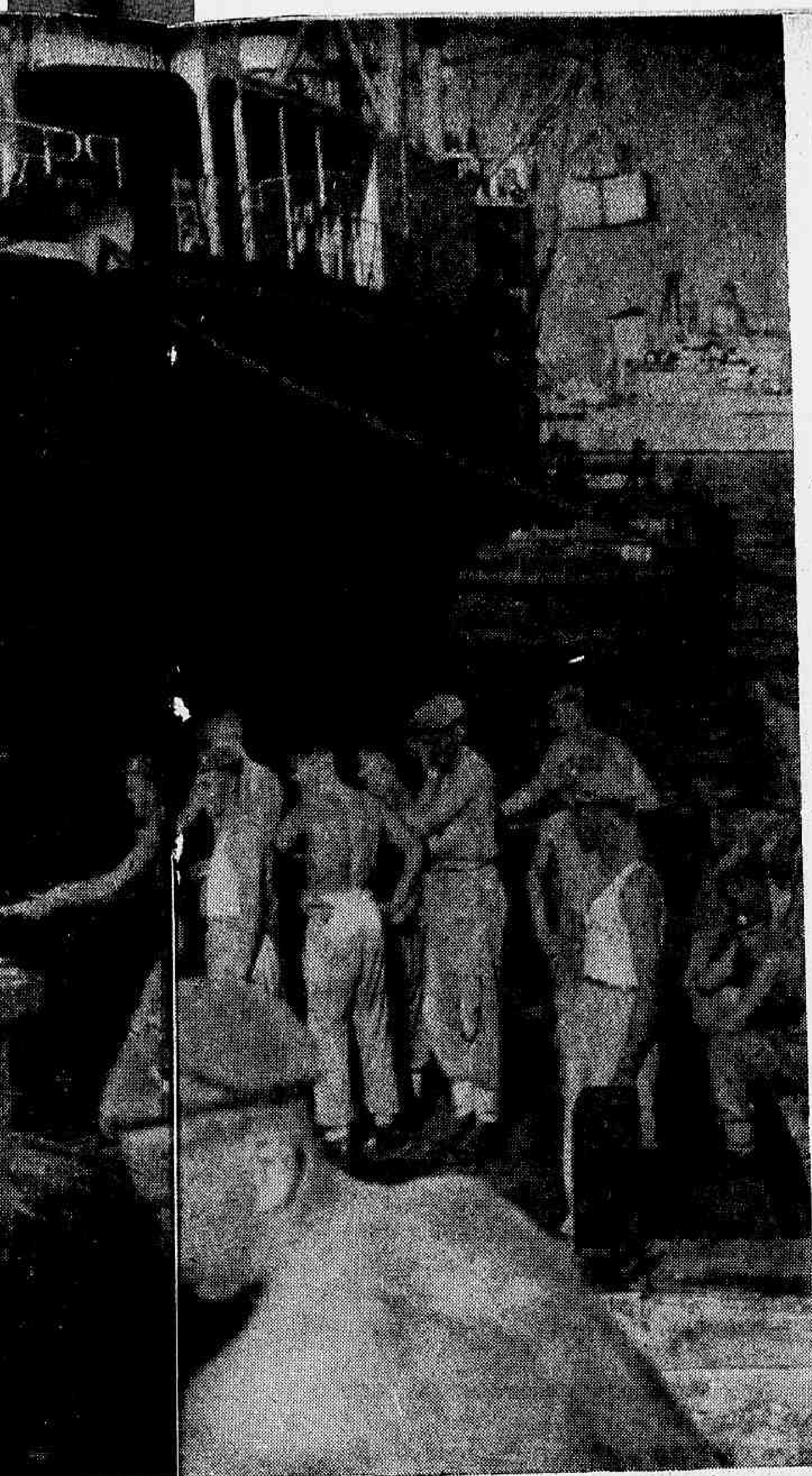


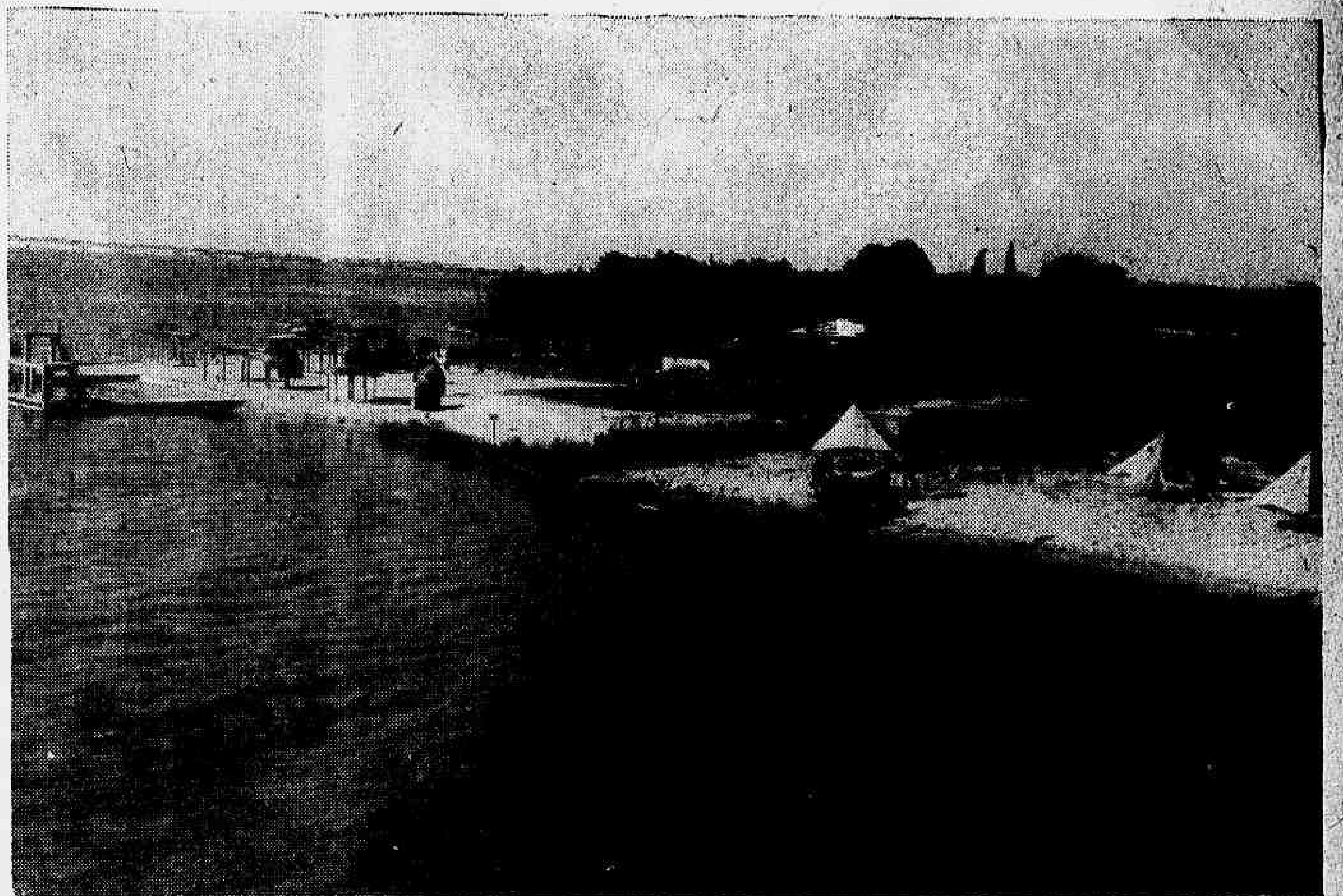
Os inglêses [...] obrigados a se precaverem con[...] os rebeldes nacionalistas que se [...]filtram nos navios cargueiros que [...] ali transitam em grande número. [...]fundo, grandes encouraçados que [...]m sua base no canal.



Aqui um pe[...]no pôrto na Ismailia. Vêem-se ba[...] de petróleo sôbre as margens are[...]as. Ao centro, nota-se uma barraca [e]gípcia e, ao fundo, as lonas do aca[mpa]mento maior se abrem à margem d[a e]strada bem asfaltada...

Entre o La[go] Great Bitter e Pôrto Said, do lad[o] oposto do canal, está o acampame[n]to britânico de emergência. Vêem-se as alvas barracas cercadas por [a]rame farpado. Os edifícios maiores [s]ão hospitais de sangue.





Essa margem pitoresca — que mais parece um clube de iate ou remo — pode ser agora, no período agudo porque atravessa as relações anglo-egípcias, uma emboscada perigosa.

fato, a guarnição dali hoje em dia é, na verdade, muito maior que as cifras supramencionadas.

O ponto é exatamente o mais vulnerável do mundo: no meio do deserto, iluminado pelo sol mais vivo que se pode imaginar, estreito como êle próprio, o canal é o melhor de todos os alvos. E os efeitos dum bombardeio sôbre aquelas eclusas, arrebentando tudo, inclusive navios prisioneiros, como se estivessem num dique! E o desabamento das encostas de areia que se desfariam como um castelo de cartas!

Sente-se, de fato, uma irreprimível simpatia pelas aspirações de libertação política e econômica dos povos árabes; percebe-se que uma nova mentalidade vai procurando, embora através de governos de fôrça, traduzir em fatos os anseios da mocidade que, ao contato da civilização européia, quer uma vida diferente para as suas pátrias e sua gente. Nota-se um programa generalizado de moralização interna como índice duma evolução para o fortalecimento das respectivas nações.

Mas não se pode, por outro lado, deixar de sentir um certo receio de que, avançando muito, no entusiasmo de seus desejos libertários êles venham perder para outros o que receberam dos que hoje se beneficiam da privilegiada situação geográfica em que estão situados. Porque, na verdade, aquêle beco é, em gíria de comércio, um ponto que vale ouro e... petróleo.

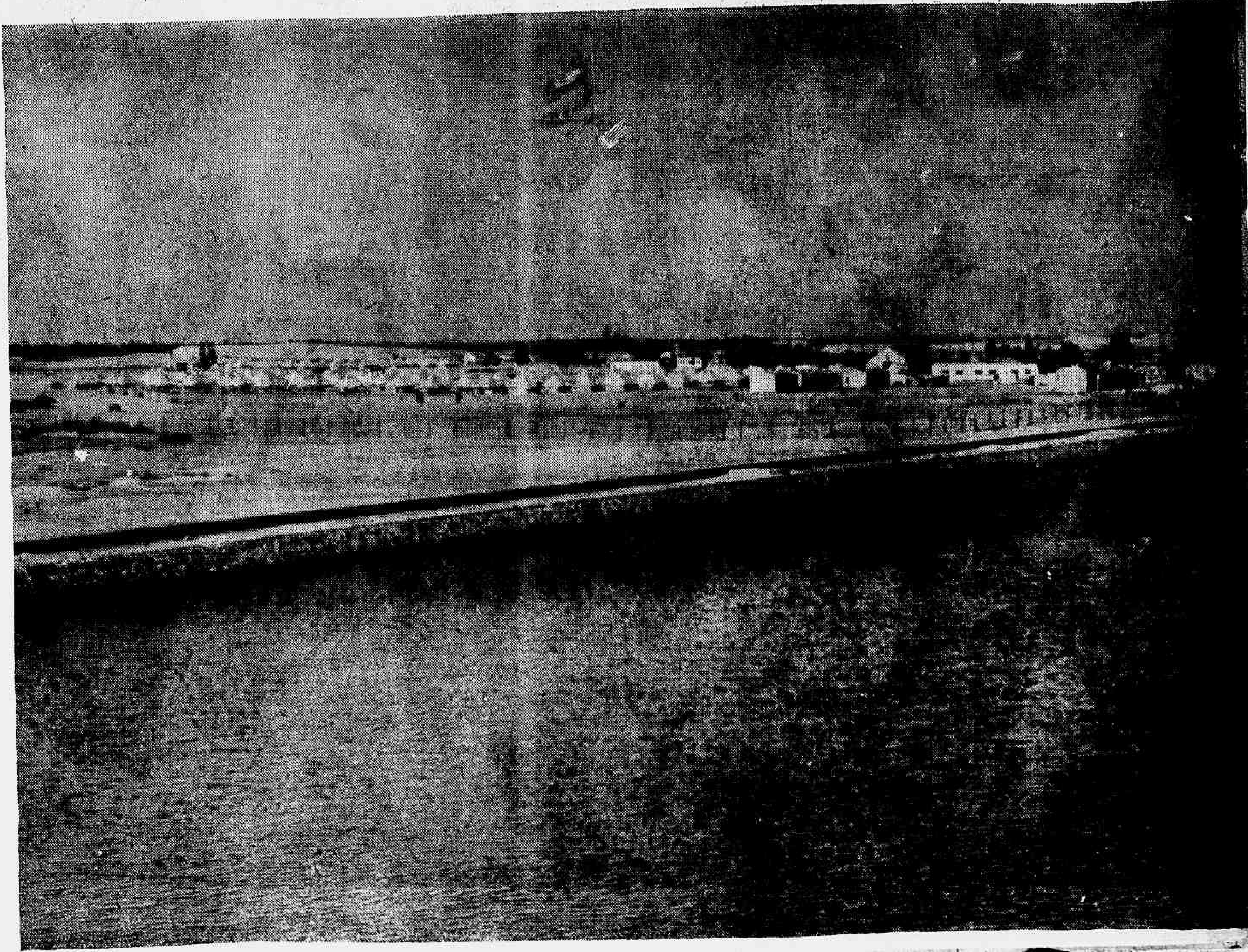
Os inglêses ɔ obrigados a se precaverem con os rebeldes nacionalistas que se filtram nos navios cargueiros que p ali transitam em grande número. A fundo, grandes encouraçados que m sua base no canal.

←

Aqui um pe eno pôrto na Ismailia. Vêem-se ba de petróleo sôbre as margens are as. Ao centro, nota-se uma barraca gípcia e, ao fundo, as lonas do aca amento maior se abrem à margem d estrada bem asfaltada...

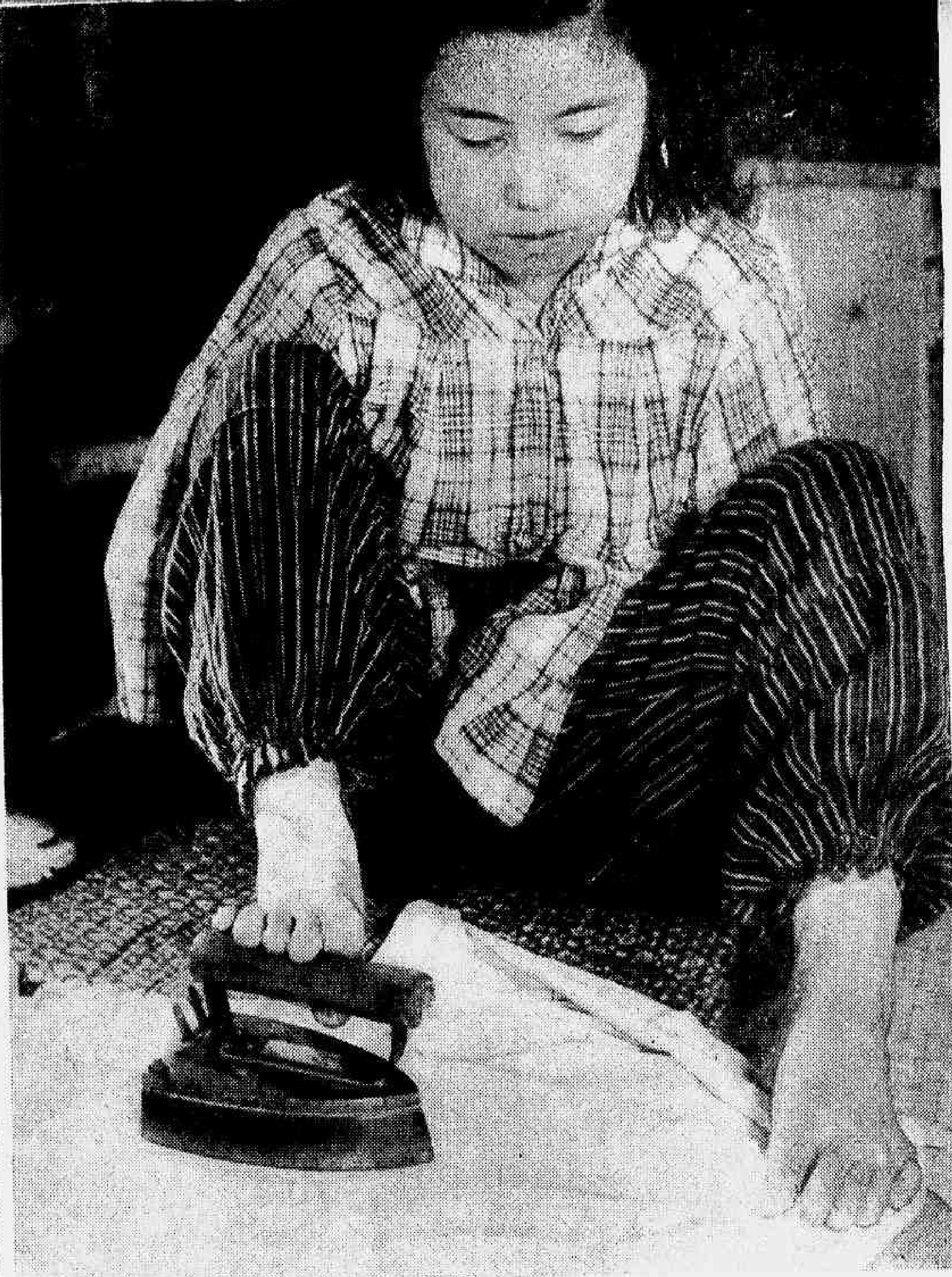
→

Entre o Lag Great Bitter e Pôrto Said, do lad oposto do canal, está o acampame o britânico de emergência. Vêe -se as alvas barracas cercadas po rame farpado. Os edifícios maiores ão hospitais de sangue.





Aqui vemos Tayoko enderecar uma carta a um amigo, com o pé direito.



Também pode passar a ferro sua roupa, sem pedir auxílio a vizinhos.

E para alimentar-se? Não se aperta. Equilibra a panela e come arroz.



Êste vestido foi feito por ela, e está sendo experimentado noutra.



OS PÉS PELAS MÃOS

SEM BRAÇOS DESDE DOIS ANOS DE IDADE, ESTA JAPONÊSINHA NÃO SE EMBARAÇOU E ASSOMBRA PELAS COISAS QUE FAZ COM OS PÉS

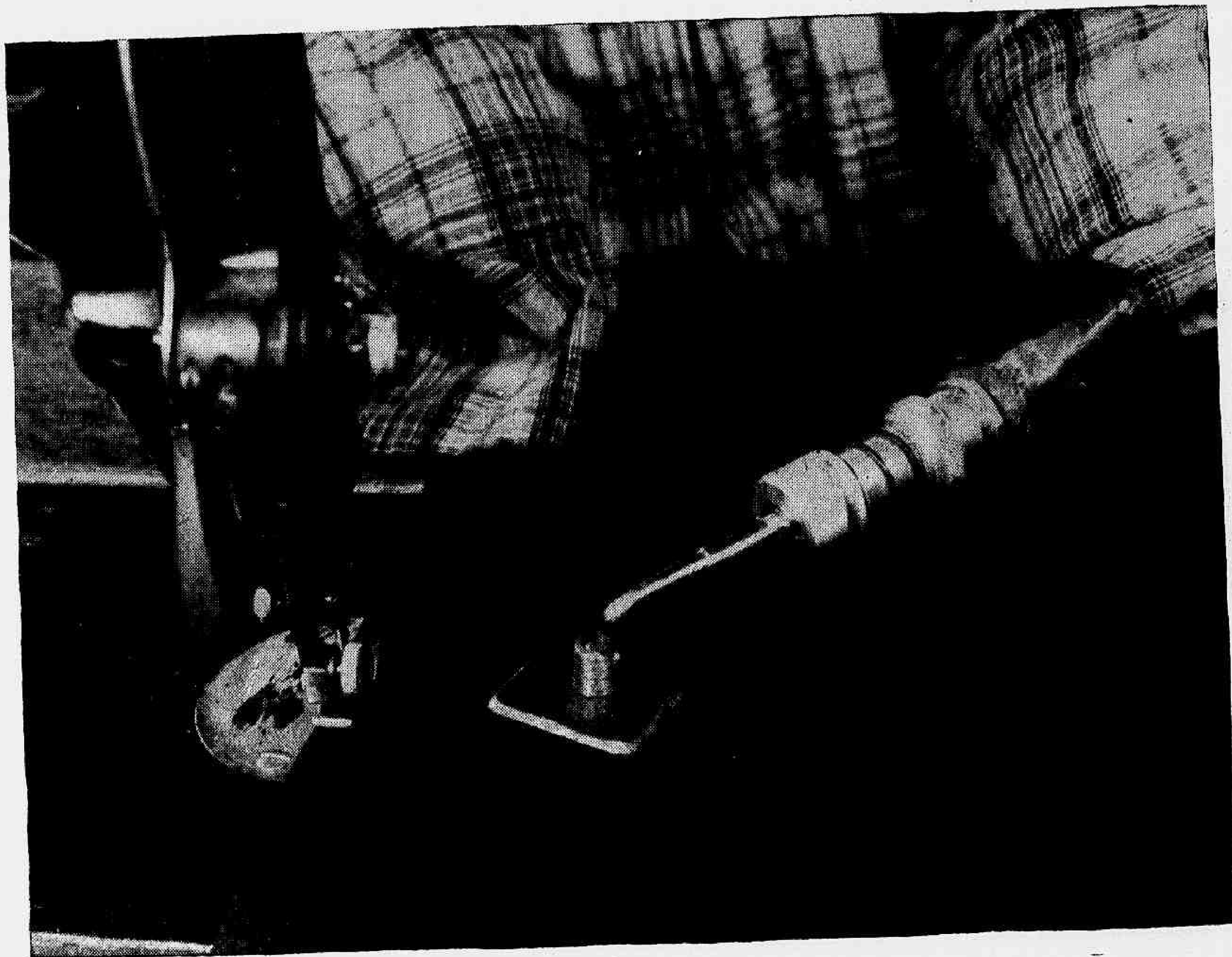
MISS Sayoko Ohta, atualmente com 21 primaveras, perdeu os dois braços quando ainda era uma garotinha que nem andar sabia. Ela não se maldiz de sua sorte, e explica com a maior vivacidade: «Quando eu cheguei à idade de observar os outros, fiquei sem meus braços. Daí por diante, ao restabelecer-me dos ferimentos, tive que brincar com as minhas bonecas utilizando os pés.» E ela explica isso sem qualquer sombra de tristeza. Fala até a sorrir, como quem diz: «Quem não tem cachorro, caça com gato». Ela perdeu os braços acidentalmente. Sua mamãe a tinha levado a um campo de plantação de arroz. Enquanto a mamãe se afastara com o fim de preparar o chá, Sayoko começou a andar pelo campo, despreocupadamente. Como ainda era incapaz de andar, muitas vêzes, saía engatinhando, e foi assim que, naquele dia fatídico, chegou à estrada de ferro. Sem saber dos perigos que corria, atravessava a linha, como qualquer bebê, quando surge um trem. O maquinista não pôde parar a máquina antes de alcançar a criança, e esta foi atingida pelas rodas do comboio, que lhe esmagou ambos os braços, amputando-os. Hospitalizada, logo que ficou curada dos ferimentos, passou a recorrer aos pés para fazer com êles o que faria com as mãos, se as possuísse. Dentro de pouco tempo ela se utilizava dos pés com habilidade. Mas levou muitos anos a ficar perita nesse uso. Recebeu lições de uma escola de treinamento para mutilados, em Tóquio, e hoje ela faz com os pés o que muita gente não sabe fazer com as mãos. Levou dois longos anos a praticar muitas coisas até aprender e executá-las com facilidade espantosa. E hoje ela enfia linha em agulhas, cozinha e escreve cartas com os pés, com a mesma facilidade com que muita gente o faz com as mãos. Os dedos dos pés suprem os das mãos, e ela se aperfeiçoa cada vez mais. Diante disso, faz pouco tempo, recebeu convite do Instituto de Readaptação de Aicho-ken, Japão, justamente a sua cidade natal, para ocupar importante cargo entre os professôres e assistentes do estabelecimento. Mas a jovem não se decidiu ainda.

O que mais impressiona em Sayoko Ohta é a sua resignação e disposição para o trabalho. Nenhuma tarefa lhe parece inexequível diante da mutilação de seu

(Cont. na pág. 46)



Deus tira os dentes e alarga a goela — diz a sabedoria popular. E é o que se vê com Sayoko Ohta, que enfia linha em uma agulha, com os pés.



Essa japonêsinha tem a maior habilidade nos pés; mas, para coser em sua máquina, ela recorre ao braço mecânico e se sai às mil maravilhas.



LIDO... VISTO...

QUEM DISSE ISTO?

(JO BRANT)

1 — "O destino das nações depende da maneira por que se nutrem: dize-me o que comes, eu te direi quem és".

2 — "A Bíblia nada tem que contrarie a razão".

3 — "A natureza já condenou também os meus juízes à mesma pena".

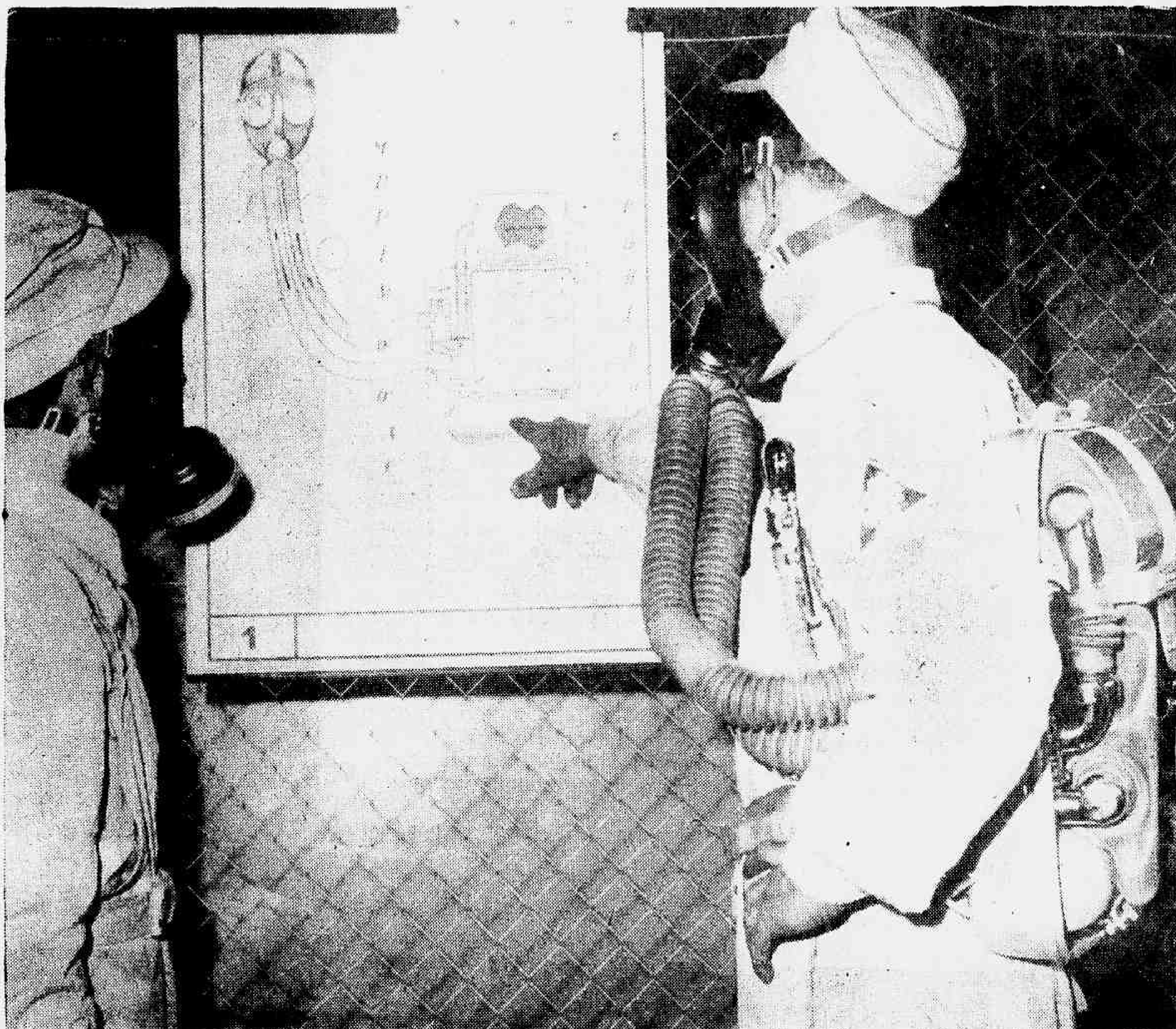
4 — "O homem se agita e a humanidade o conduz".

5 — "Como não sofrer dos pés, um cavalheiro que pisa salões elegantes e usa calçado provinciano!"

(Respostas na pág. 43)

O ESPÍRITO FRANCÊS

A lingua francesa se presta muito a trocadilhos, a "jeu de mot", como dizem lá em França. Um botequineiro da capital francesa aproveitou com muita inteligência essa fonte de alegria espiritual, mesmo ficando seu estabelecimento em frente ao cemitério de Pantin. Quando as pessoas que saem do campo santo, depois de levar flores aos seus mortos, ou deixar-lhes a última lágrima de saudade, vêem o letreiro que está na fachada do restaurante providencial, dão graças a Deus, e entram para bebericar um pouco, ou comer alguma coisa. O letreiro diz assim: "On est mieux ici qu'en face" (Estamos melhor aqui do que aí em frente). E agora o trocadilho, indicando o que tem o restaurante para oferecer aos clientes: "Thé chocolat, repas de corps, billiards". CORPS'BILLIARD... formam quase exatamente a palavra CORBILLARD, isto é, carro de defunto. O espirito francês brinca até mesmo diante da morte.



BARBAS DE MÔLHO

A situação do mundo não oferece tranqüilidade. Em face disso, os governos das Nações Unidas estão muito interessados pela fabricação de aparelhos ultra modernos em relação aos efeitos mortais das poeiras atômicas, causadas pelas explosões de bombas dêsse gênero. Na Alemanha Ocidental, o "Serviço Técnico" organizou grupos de instrutores para a aplicação de um novo aparelho com máscara contra gases e emanações venenosas de tôda espécie, como mostra a gravura. À esquerda, um dos antigos aparelhos, e à direita, o novo conjunto com a máscara e aparelhamento às costas do protegido, tendo ao centro uma gravura com tôdas as explicações de como usar a nova máscara de oxigênio.

UM GRANDE ARTISTA



Quando se dirigia ao «respeitável público».



Quando sorria para os que o aplaudiam.



Ao começar o filme «Bonzo em Washington».

DURANTE a campanha presidencial nos Estados Unidos, da qual saiu vitorioso o popular Ike, também se feriu uma outra campanha para a eleição de um artista típico, lá nos domínios de Hollywood. Precisavam os "cast-men" de um macaco hábil, capaz de dominar as platéias. E, dentre outros, foi à presença das "cameras" o chimpanzé de nome "Bonzo".

Bonzo é uma celebridade, não entre os símios, mas entre os homens. Submeteu-se a uma das mais fortes provas de capacidade e talento artístico: a de defender perante os "juízes", as suas pretensões para "astro" da tela. E se saiu maravilhosamente bem. Saiu-se tão bem que muita gente ficou na dúvida: macaco ou homem? Bonzo nos aparece aqui em três poses admiráveis.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

A PALAVRA DE DEUS

UM cidadão tomou emprestado a um amigo, certa importância. No dia do vencimento, não liquidou o débito. Contou as suas dificuldades de tal maneira, que o credor teve pena dêle. Concedeu-lhe mais trinta dias, oferecendo-lhe, na ocasião, uma Bíblia, recomendando-lhe que a lesse com a maior atenção, pois ali estava a Palavra de Deus. Se observasse os ensinamentos divinos, tôdas as suas dificuldades seriam afastadas e êle entraria no caminho da Felicidade. O devedor agradeceu emocionado e passou a ler o Livro dos Livros, diàriamente, com o maior interêsse. No dia do vencimento definitivo, o capitalista mandou a promissória por um empregado, a fim de ser resgatada. Mas o novo convertido não se afobou e telefonou ao credor: "Fulano, encontrei um meio rápido de liquidar meu dèbitozinho com você." O outro ficou radiante. E o devedor: "Você está de acôrdo com a Palavra de Deus?" Do outro lado do fio, o homem respondeu que sim. Então, o devedor disse: "Pois abra em S. Mateus, cap. 18, versículo 26". O banqueiro leu: "Senhor tende paciência e tudo pagarei". E quando o credor pensava que êle ia mesmo pagar, o devedor acrescentou: "Agora leia o versículo seguinte. E êle leu: "Então o Senhor, cheio de piedade, perdoou a dívida."

(E' por isso que os banqueiros não oferecem mais Bíblias...)

SUPERSTIÇÕES

MUITA gente julga que só é supersticioso quem é analfabeto, ou semi-analfabeto. Será que isso é verdade? Só os ignorantes, os indivíduos sem cultura filosófica, são supersticiosos? Não, é claro. Há homens de grande cultura, de saber solidíssimo, que são ou foram supersticiosos. Victor Hugo, por exemplo, queixava-se do número 13. Em seu jornal íntimo de 5 de janeiro de 1877, escreveu isto: "Nós éramos 13 à mesa, ontem ao jantar. Adélia aborrecia-se comigo. A 13 de fevereiro do ano anterior, precisando ir a Bordéus, perdi o trem. Na manhã seguinte embarquei; 13 pessoas no carro. Sofri uma insônia terrível. Charles morreu a 13 de março, e minha casa da rua Saint-Maur, tinha o número 13. Por que Pitágoras não eliminou êsse flagelo? Já Maurice Donnay, cujo nome tinha 13 letras, acreditava na influência benéfica do 13. Mistinguette prefere o dia 13 para realizar qualquer negócio. E o leitor?

NÃO MORREU ASFIXIADO



VINCENT Scotto, o célebre compositor falecido em Paris, faz pouco, escreveu para mais de quatro mil canções, que fizeram a volta ao mundo. Dentre outras, alcançaram grande popularidade, "Prosper", "J'ai deux Amours", "Un violon dans la nuit", etc. Aqui vemos o festejado compositor numa foto tirada pouco antes de seu falecimento, quando um grupo de graciosas bailarinas do Teatro Mogador, de Paris, simularam um assalto a Scotto, procurando "estrangulá-lo" entre sorrisos e ditos de afeto. Pouco depois, morria o grande Vincent, entre a consternação geral.

PUXE PELO CÉREBRO

1 — QUE NOME TEVE PRIMITIVAMENTE, A CIDADE DE TEÓFILO OTONI:

— Mucuri?
— Bela Vista?
— Filadelfia?

2 — EM QUE PÔRTO DO BRASIL UM FORTE TRAVOU COMBATE COM UM NAVIO DE GUERRA INGLÊS:

— No do Rio?
— Em Paranaguá?
— No Recife?

3 — QUAL DESTAS CIDADES É A MAIS ALTA ACIMA DO NÍVEL DO MAR:

— Teresópolis?
— Belo Horizonte?
— Petrópolis?

4 — QUANTOS TEATROS POSSUI O RIO:

— Trinta e dois?
— Vinte e cinco?
— Catorze?

5 — EM QUANTAS MILHAS QUADRADAS SE CALCULA A ÁREA DA CIDADE DO RIO:

— 42?
— 54?
— 78?

6 — QUE VEM A SER PURPÚREO:

— De côr vermelha?
— Azulada?
— Verde?

7 — QUE QUER DIZER, "TEOSOFIA":

— Crença em Deus?
— Estudo da Natureza?
— Ciência de Deus?

8 — QUAL O SIGNIFICADO DE IMPRESSÃO "ECTIPOGRÁFICA":

— A em duas côres?
— A em relêvo para a leitura dos cegos?
— A que está cheia de erros?

9 — COMO DEVEMOS DIZER:

— Dignitário?
— Dignatário?
— Ou ambas são corretas?

10 — QUAL A SIGNIFICAÇÃO DA FRASE: "DAR EM PANTANAS":

— Mudar-se para longe?
— Ganhar muito dinheiro?
— Arruinar-se?

11 — A PALAVRA "SAGUÃO" É SINÔNIMO DE:

— Hall?
— Presépio?
— Elevador?

12 — QUAL O PLURAL DE "JAMBO-VERMELHO":

— Jambos-Vermelhos?
— Jambos-Vermelho?
— Jambo-Vermelhos?

13 — QUE VEM A SER "AREIA PLUMBOSA":

— A que contém chumbo?
— A molhada?
— A do mar?

14 — QUE É UM REMÉDIO "ANTIFLOGÍSTICO":

— Contra dores de cabeça?
— O que é contra-indicado?
— Para combater inflamações?

15 — A "SIALORRÉIA" É:

— Perda de sangue?
— Salivação excessiva?
— Dores reumáticas?

(Respostas na pág. 43)





O novo governador de Pernambuco, Senhor Etelvino Lins, quando lia o compromisso constitucional na Assembléia Legislativa e, na outra foto, ao pronunciar seu magistral discurso.

PERNAMBUCO TEM NOVO GOVÊRNO

ELEITO A 23 DE OUTUBRO, TOMOU POSSE DO GOVÊRNO O SR. ETELVINO LINS, A 12 DE DEZEMBRO ÚLTIMO ★ O DISCURSO DE S. EXCIA. FOI SUBSTANCIOSO PELOS CONCEITOS EMITIDOS E SEGURANÇA NAS AFIRMAÇÕES



O Sr. Etelvino Lins, com grande acompanhamento, subindo as escadas do Palácio das Princesas, a fim de assumir o govêrno de Pernambuco



O desembargador Orlando de Aguiar, presidente do TRE, após a diplomação do novo governador de Pernambuco, pronuncia belo discurso.



Em meio ao entusiasmo geral o Senhor Etelvino Lins assina o têrmo de posse, findo o que foi cumprimentado por todos os seus amigos e correligionários, bem como pelos representantes das correntes políticas que lhe apoiaram a candidatura à chefia do Estado.

PELO transatlântico «Serpa Pinto», procedente do Rio, chegou ao Recife, às sete horas do dia 12 de dezembro, o Sr. Etelvino Lins, governador eleito do Estado de Pernambuco, no memorável pleito de 23 de outubro. S. Excia., que já ocupara elevados cargos na administração do Estado, era senador da República pelo seu Estado, e sua atuação em tôdas as funções públicas sempre se notabilizou pela maior retidão e probidade. Escolhido por várias correntes políticas como candidato único à governança do Estado de Pernambuco, teve depois que enfrentar um opositor, mas sua vitória foi significativa, sendo diplomado pelo Tribunal Regional Eleitoral no mesmo dia de sua posse.

O novo chefe do executivo pernambucano é um homem de larga visão das coisas e está perfeitamente a par das necessidades e dos problemas do Estado. Não se sentou na cadeira governamental como um estranho ao meio em que nasceu e no qual viveu e lutou desde a mocidade. E o que mais é digno de nota na situação de Pernambuco, é que o novo governador, embora prestigiado por diversas correntes políticas que se uniram ao seu partido, o PSD, não assumiu nenhum compromisso com as mesmas, estando, pois, a cavaleiro de quaisquer exigências que lhe sejam feitas daqui por diante, podendo governar acima dos interêsses partidários. Por êsse motivo teve êle oportunidade de frisar bem, no dia de sua posse, para ser ouvido por todos: «Tenho compromissos, acima de tudo, com a minha consciência de homem público, com as idéias e princípios que abertamente desfraldei e que me tornaram, por isso mesmo, o denominador comum dos elevados objetivos com que se uniram, ensarilhando armas, organizações partidárias até há pouco separadas por tão profundas divergências, resultantes menos de motivos doutrinários que do lamentável e estreito personalismo que tem caracterizado as nossas disputas eleitorais».

Mostrando-se perfeitamente a par da situação do Estado, citou os problemas alarmantes do erário, com o Tesouro Estadual a braços com o «deficit» de «duzentos e dezoito milhões de cruzeiros para o ano que se inicia, além da grave ameaça de uma economia combalida com a crise que assoberba o parque da agro-indústria do açúcar e o parque industrial de tecidos, presos, ambos, aos desajustamentos criados pelo após-guerra, em meio a fatôres outros e na dependência de medidas de salvação dos poderes públicos federais.»

Seu discurso de posse não foi pròpriamente um «speech» de candidato vitorioso aos seus eleitores; foi uma plataforma de govêrno, vazada em têrmos de elevada coragem moral para enfrentar o futuro com sobrançaria dos homens decididos e dispostos a governar com justiça e retidão, comprimindo despesas, promovendo a paz social, distribuindo justiça a ricos e pobres, a fracos e a poderosos. As palavras do novo governador impressionaram fundamente na alma popular e no espírito dos políticos e pessoas das altas classes conservadoras e produtoras do Estado. Ali não estava um neófito na administração pública, nem uma pessoa sem tradições. Era um senador da República, um homem ainda jovem, porém com um grande acervo de experiências e de serviços públicos em seu próprio Estado. Nem tão pouco falava um imprudente a prometer coisas que a situação não comportaria; êle apenas prometeu cumprir a Constituição Federal e a do seu Estado, seguir as normas da compostura administrativa e agir dentro da Ordem e da Lei.

E, para conseguir os seus propósitos, apela para a harmonia geral e a ajuda de todos os seus coestaduanos, em cújo critério confia e espera ser atendido.



O Sr. Tôrres Galvão — presidente da Assembléia e governador interino — dirige a palavra ao novo chefe do Executivo pernambucano



Em palácio, o governador Etelvino Lins é recebido sob aplausos, e, mais uma vez tem ocasião de falar, prometendo governar com o povo.

Semana Literária

EDMUNDO LYS

UM AUTOR:

PEDRO CALMON



TAMBÉM o professor Pedro Calmon festejou o seu cinqüentenário êste ano. Pode-se dizer sem exagêro que êle fêz meio século de vida admirável, tanto pela grande obra que vem realizando no terreno literário e histórico, como por sua carreira no magistério superior, tendo nesse campo atingido ao pôsto mais alto — a Reitoria da Universidade do Brasil.

Sua obra se conta por muitos volumes consagrados, livros que se lêem sempre com renovado encanto. Sua biografia de Castro Alves, por exemplo, passou a representar um clássico no gênero, farto de documentação e admiràvelmente escrito, vazado em uma prosa vibrante, sonora, como convinha ao tema, essa alta vida romanesca e ilustre. Hoje em dia, o «Castro Alves» de Pedro Calmon, que dirimiu dúvidas e trouxe novos esclarecimentos ao assunto, constitui a fonte natural dos que desejam aprender a vida do grande poeta do Brasil. Assim também seu livro sôbre o nosso primeiro Imperador, farto documentário sôbre o grande príncipe, abundante ensaio que trouxe tanta luz sôbre a controvertida existência do proclamador da Independência. Bastariam êsses dois livros para fixar um grande vulto de escritor e historiógrafo, unindo à severidade dos processos e ao rigor do documento um estilo agradável, rico, em que vaza sua prosa de grande quilate. Mas outros volumes soma Pedro Calmon à sua bibliografia, uma das mais ilustres já reunida por escritor de sua idade. Com isso, conta êle ainda a seu crédito sua atividade na cátedra, sua obra admirável como Reitor, tendo ocupado ainda a pasta da Educação, onde desenvolveu sua múltipla e fecunda inteligência, marcando com relêvo sua passagem pelo Ministério.

Registrando aqui o cinqüentenário de Pedro Calmon, uma data gratíssima aos seus confrades, apresentamos ao ilustre acadêmico as felicitações que merece, tanto como as próprias letras brasileiras.

FORA DO PRELO

● *"RIMAS DE OUTRO TEMPO" — Lançado pela editôra "A Noite", acaba de sair o livro de versos "Rimas de outro tempo", de autoria do poeta capixaba Lauro Carvalho, serventuário da Justiça desta Capital e nosso colega de imprensa. O autor reuniu no volume, as trovas, sonetos e poemas que escreveu há alguns anos, tendo o livro merecido expressiva carta de apresentação de Ademar Vidal, fazendo uma ligeira análise da obra.*

● *GIRASSOL DE OUTONO — Um novo livro de Domingos Carvalho da Silva é sempre uma obra de beleza e uma alegria para os leitores. Reúne êle aqui poemas que escreveu de 1949 a 1951. Uma seleção em que vemos as qualidades do poeta consagrado, êste lírico que se enternece com o cotidiano e que sabe cantar os pequenos e os temas eternos com uma poderosa voz nova.*

● *AS ÁRVORES — Esta novela de Conrad Richter acaba de ser editada pela Pongetti, na tradução que da edição condensada fêz dona Francisca de Bastos Cordeiro. Trata-se de obra do maior interêsse, contando a obra dos pioneiros na colonização americana.*

● *CONDE DE MONSARAZ — A propósito do centenário do nascimento do Conde de Monsaraz, editou-se esta antologia, onde se glorifica o grande poeta e dramaturgo português. Edição da Casa do Alentejo, de Lisboa.*



DISCURSOS E CONFERÊNCIAS



O último trabalho de Napoleão Lopes que leva o título acima é uma espécie de posfácio de uma longa e persistente obra de panfletário, feita através de tôda uma vida. Homem da geração que culminou com a ascensão política de todos os que se rebelaram em Pôrto Alegre em 1906 e deixando a Escola Militar entraram para a Faculdade de Direito. Eram êles, Getúlio Vargas, Leonardo Truda, o General Newton Braga e outros muitos que em diversos setores da administração e da política vêm prestando serviços à nação. Napoleão Lopes, porém, com nítida vocação crítica e jornalista incorruptível, preferiu assistir ao desenrolar dos acontecimentos nacionais desta metade do século e criticar, policiar, indicar rumos, à margem de qualquer interêsse pessoal. Tratando das questões político-sociais escreveu inúmeros trabalhos, entre os quais um, em série, cujo nome revela o temperamento e os propósitos do autor — «Polícia Política». Fundou em Pôrto Alegre a revista «O Bico da Chaleira», muito ao gôsto do tempo em que se publicava o «Quixote» e a «Pacotilha». Neto de Cândido Lopes, fundador do «19 de Dezembro», o primeiro jornal de Curitiba, nunca desmentiu nem desonrou a pena na ociosidade nem na mentira.

Entre os diversos **discursos**, salientamos aquêle pronunciado por ocasião do enterramento de João Ribeiro, no cemitério de São João Batista, em 24 de junho de 1939. «O filólogo na defesa da nacionalidade» é uma peça oratória modelar no gênero e a sementeira de idéias que poucas vêzes receberam a luz do ângulo em que a enfocou Napoleão Lopes.

Ex-seminarista, ex-oficial do exército, nessas duas experiências de sua juventude adquiriu o gôsto pela mortificação e pela disciplina, qualidades que seriam, segundo sua doutrina, um dos melhores meios de moralização pública.

Seguindo a velha máxima de «nula die sine linea», incansável, está reunindo agora material que documentará uma biografia em preparo: a vida do grande conselheiro do Império — Manoel Buarque de Macedo.

«Conferências e Discursos» é um trabalho que coroa e assinala ainda uma vez, as diretrizes que nortearam uma vida inteiramente dedicada a cousa pública, no molde dos varões antigos que com a nova república e com a vitória avassaladora da velocidade contrastam seu perfil com a leviandade dos que só vêem no poder um meio de enriquecimento e de experiências e aventuras.

N.A.L.

UM LIVRO:

"A LUZ PERDIDA"

MURILO Araújo publicou êste ano mais uma coletânea de poemas a que deu o título de «A Luz Perdida». O livro marca, por assim dizer, mais uma etapa na trajetória do grande cantor, ora na fase da maturidade. Sua lírica não perdeu nem a sonoridade lançada aos céus pelos «Carrilhões», nem as vestes suntuárias dos poemas da «Cidade de Ouro» — que permanece para nós a obra-prima de Murilo — mas se reveste de certa gravidade, própria de um sereno estado d'alma, adquirindo tons às vêzes pessimistas, como indica o próprio título da obra. Tendo surgido moderno, Murilo Araújo é entre nós um dos mais completos versejadores, vazando seus poemas em moldes atuais, sem exageros e rebuscamentos, tão pouco fugindo à estrutura clássica dos versos. Aliando, a êsse domínio perfeito da forma, a inspiração fácil, o estro abundante, o segrêdo de uma arte dócil ao seu comando e flexível às exigências da sensibilidade, como do talento criador, seus poemas se destacam em nossa abundante produção poética como dos mais belos e, ao mesmo tempo, mais perfeitos que possuímos.

Enfileirando-se entre os nossos neo-simbolistas, por uma condição própria de seu feitio, em uma geração que herdou diretamente a acentuação do Anto, Murilo enriqueceu essa tendência poética com a exuberância de seu verbalismo tropical, com o seu sentimento pictórico, com os seus símbolos visuais e sonoros dos mais fartos de sons e de coloridos. Em «A Luz Perdida», êsses valores tomaram uma tonalidade mais discreta. Nem muita música, nem orgias de côr. Seu «parti-pris» da luz e do som, com a chegada da maturidade, diluiu-se um pouco, no que ganhou sua lírica de tons íntimos, sua poesia de pequenos e comovidos acentos. Mais subjetivo, o poeta se torna mais sincero. Em vez dos grandes painéis, êle prefere leves manchas, pequenas aquarelas. Abandonando as grandes orquestrações, volta-se para as melodias suaves, mais doces, mais comunicativas. E' o mesmo poeta, harmonioso, fácil, confidencial e que chega pronto ao nosso coração, por uma riqueza de sensibilidade e um apuro de forma que dominam. Mas, contém todos os arroubos, domina as largas expansões, fala em voz baixa. Mostra uma evolução harmoniosa, num mesmo sentido, mas «perdeu a luz» dos espetáculos deslumbrantes, voltou-se para as claridades interiores e, pois é mais confessional, mais doce, mais comovente sempre. Todo êste livro é um depoimento lírico feito por um grande poeta que continua no seu rumo, mas que se detém um instante à beira de sua alma, vendo-a refletida, por uma luz de tarde, na superfície mansa de um lago...

EDMUNDO LYS





Maillots

Para as elegantes da praia, aqui estão duas notáveis e originalíssimas sugestões. Em cima: um audacioso "duas-peças" em camurça estampada imitando pele de leopardo; em baixo, gracioso modêlo em lastex rosa vivo, com largas pregas no busto.

Cock-tail e TEATRO



Vestido prêto de tafetá, em estilo típico da coleção Lanvin. A frente é drapeada, amarrando como um lenço e a saia tem tôda a folga na parte de trás, elegante e original.



Modêlo de Griffe, a saia arrematada em baixo em «estilo harém». O decote pode ser mais ou menos fechado, desde que se regule o franzido com uma tirinha que dá um laço na frente.





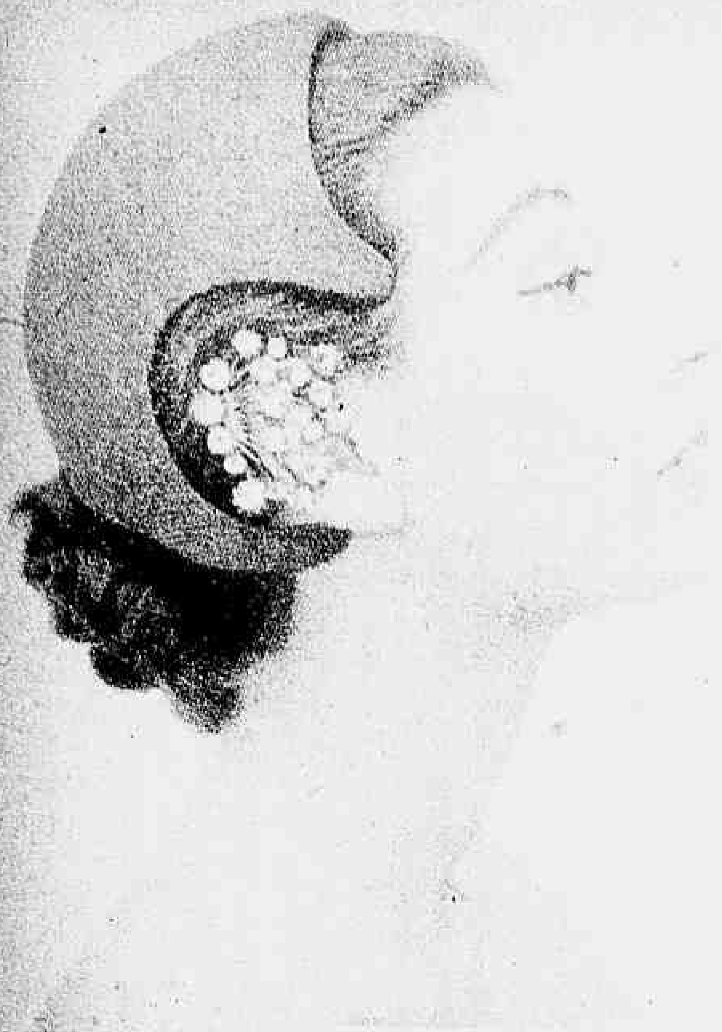


Criação para ir à noite ao teatro. A blusa é abotoada na frente, sendo os botões do próprio tecido e as casas bordadas com pedras multicores. Deve ser usado com simplicidade.

«Robe-manteau», de ombros arredondados e corpo colante, em sêda anarruga de acabamento muito lustroso. Os botões e o cinto em tom contrastante, completam o modêlo.

Para a «menina-moça», êste é um gracioso vestidinho em tafetá, em que se tira partido do jôgo de listras. Mangas muito amplas recolhidas por punhos justos acima dos cotovelos.

Detalhes



Paulette criou êste chapéu que deixa a descoberto a orelha adornada por um enorme clips de brilhantes.



Balenciaga lançou uma túnica de rica guipure branca para proteger um vestido sem alças.



Givenchy sugere esta mantilha de inspiração espanhola, suntuosamente bordada, para saída de noite.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

FALA DE BICHOS

EM VEZ DE OVO A SENHORA NÃO PODIA "ME ARRANJAR" UMA BOLA DE PING-PONG ?

VAMOS VER QUEM TEM MELHOR PONTARIA?

NÃO DIGA NADA A NINGUEM MAS, OLHA AQUI OQUE EU ROUBEI DA PATRÔA PARA VOCÊ: "COMA E EMAGREÇA"...

... ALÉM DISSO, MINHA SENHORA, VEJA AQUI, E' O PRÓPRIO SAPS QUE ENSINA: A CARNE DE COELHO E' MUITO MAIS NUTRITIVA...

SAPS

E' COMO LHE DIGO! ESTA' EM JOGO A REPUTAÇÃO DE MINHA SENHORA: OU O SENHOR PÁRA DE BOTAR AGUA NO LEITE OU ELA SUSPENDE AS SUAS FUNÇÕES DE NUTRÍZ...

Lingerie fina



Lingerie F.M.

O MAIS FINO ACABAMENTO

ESTÁ LÁ FORA...

(Cont. da pág. 20)

Pai, mãe, dois filhos, um rapaz e uma jovem noiva, festejam à mesa do jantar, regado a vinho e enfumaçado pelo aroma de bons charutos, a data em que um talentoso advogado pede a mão da senhorita Sheila em casamento.

A vida corre em paz. O velho industrial John Birling, cujo modêlo na vida real encontramos a cada passo, dá conselhos, faz ponderações sôbre o absurdo da guerra (estamos em 1912, em Brumley, pequena cidade da Inglaterra) que segundo êle não poderia vir. Seu ar paternal, seu bom-senso inofensivo, seus prolongados conselhos que se transformam em discursos definem o chamado «self-made-man» tão do gôsto da mediania burguesa.

A mãe de família antegoza o fato do casamento; o filho, que é dado ao whisky, mostra-se irritado como se alguma coisa o inquietasse interiormente. O noivo, um puro e casto cavalheiro, toma a mão virginal da noiva e ambos arrulham amôres. A linguagem é a linguagem convencional que ouvimos diàriamente nos ambientes familiares quando têm no dinheiro o seu sustento e o seu ídolo: tudo falso.

Bate à porta o criado: — «Está lá fora um Inspetor!»

O velho, vaidoso, supõe que lhe venham comunicar alguma boa notícia, pois espera ser condecorado, elevado à categoria de Sir, ou coisa parecida.

Entra o Inspetor (João Villaret, bom ator e ajustado ao seu papel) e interroga primeiro ao dono da casa. Trata-se da morte de uma jovem Smith, que fôra sua operária e que êle despedira porque durante um movimento grevista pleiteara pequeno aumento de salário. O velho se nega a relembrar o fato. Depois o admite. Mas se excusa. E a morte da jovem, que poderia ter tido comêço naquela recusa, não lhe parece afetar diretamente. Uma foto da moça lhe é exibida e então as tintas reforçam sua figura na memória e fica-lhe na mente a possibilidade remota da culpa.

Depois a noiva — Sheila — é interrogada sôbre a morte da operária. Nada sabe a respeito. Porém, depois que a foto lhe é mostrada recorda que pedira ao dono de uma loja que fôsse despedida porque a atendeu despreocupadamente vestindo o vestido que pedira e que nela assentava às maravilhas. Um caso típico de ressentimento, leviandade e inveja, leva a jovem ao desemprêgo e concomitantemente à beira do suicídio. Segue-se o interrogatório do noivo, que também a reconhece como ex-amante.

A dona da casa — Mrs. Birling — é a soberba em pessoa. Presidente de uma Liga de Caridade local, fôra procurada pela jovem, grávida e na miséria, negando-lhe ajuda. Sua recusa agravou ainda mais a situação de abandono e desespêro. Tanto mais quanto o filho que esperava era seu próprio neto.

Quando cada personagem, por seu turno, recebe o impacto da culpa e forma-se o drama interior, aparece o argumento do advogado, que, com lábia e sofismas, tenta convencer (e momentâneamente o consegue) a todos que o Inspetor não existe. Tratava-se de um impostor. Para comprová-lo, Birling telefona para a chefatura, que realmente confirma não existir nos seus quadros nenhum inspetor com o nome de Goole. Animados, telefonam também para o Hospital da cidade e procuram saber se uma jovem dera entrada no seu necrotério. «Nenhuma», respondem...

E assim, como se tudo se tratasse de um pesadelo, se esboroa o terrível drama em que todos tinham parte.

Mas... quando os copos tilintam novamente para comemorar o noivado e a felicidade particular, egoísta e fechada ameaça continuar, alimentando a falsa alegria dos inconscientes, o telefone toca. Todos correm. Um a um se perfilam junto a êle. E' da Delegacia. Uma jovem deu entrada no necrotério, depois de ingerir sublimado corrosivo, em adiantado estado de gestação, morreu. O Inspetor se encaminha para a casa do industrial John Birling...

E o criado novamente anuncia, frio e formal, britânicamente:

«— Está la fora um Inspetor...»

O DESAPARECIMENTO DE JÚLIA WERTHEIMER

(Continuação da página 15)

As oito horas da noite, restavam apenas dois números a discar. O penúltimo foi o certo. Ernesto atendeu do outro lado da linha.

— E' o senhor Ernesto?

— Êle mesmo. Quem está falando?

Karl tapou o fone com a mão e pediu a Brígido:

— Localize a casa que tem êste número.

E voltando ao fone:

— Senhor Ernesto, tenho um recado de um amigo seu. Êle mandou dizer que espera o senhor, hoje, às dez horas, em frente ao cinema Ipiranga. Diz que é coisa urgente. Se não fôsse, não ia incomodá-lo assim...

E continuou neste tom indefinido, falando como uma metralhadora, sem dar tempo ao outro de interromper. Quando Brígido apareceu à porta, fêz um sinal para Karl. Estava tudo certo.

— Mas, quem diabo está falando? — conseguiu, afinal, falar o homem do outro lado da linha.

— E' o Raimundo.

— Com os diabos! Que Raimundo? Não conheço ninguém com êste nome.

— Quem está falando aí? — inquiriu Karl fingindo surprêsa.

— Ernesto Marchelli, ora essa.

— Ernesto Marchelli? Ora, desculpe Pensei que fôsse Mardelli. Desculpe. Foi engano.

E desligou.

Diante da porta do apartamento da rua da Consolação, Karl apertou o botão da campainha. Brígido, dois passos atrás, tinha as mãos nos bolsos, pronto para entrar em ação, se fôsse necessário. A porta abriu-se e um h·mem corado, bem vestido, com trinta anos presumíveis, apareceu metido num elegante «robe-de-chambre».

— Que deseja, senhor?

Karl entrou, sem esperar convite, seguido de Brígido. O homem recuou, surprêso, enquanto Brígido fechava a porta por dentro e encostava-se nela, sorrindo com uma expressão gozada. Karl foi quem falou:

— Queremos saber o paradeiro de Júlia Wertheimer.

— Mas, afinal...

O homem agora estava mais indignado que pròpriamente surprêso. Encaminhou-se para o telefone.

— Vou chamar a polícia — disse êle. — Os senhores não podem...

— Não precisa. Nós somos da polícia — declarou Karl.

— Da polícia?

Karl não ficou satisfeito com a expressão de Ernesto Marchelli. Esperava que êle perdesse a calma. Ao contrário, o homem como que tirou um pêso do peito. O homem suspirou aliviado e sorriu, passando o lenço pelo rosto.

— Puxa, que susto me pregaram! Pensei que... Ora, estou disposto a colaborar. De que se trata, afinal?

— Queremos apenas que o senhor nos diga se Júlia Wertheimer está aqui.

— Aqui?

— Não precisa se amolar. Ela é de maior Mas acontece que o marido deu queixa à polícia. Temos de localizá-la. Depois, ela pode ficar com o senhor ou com quem achar melhor. Mas tenho de levá-la até à delegacia.

O espanto de Marchelli foi constatado por Karl e Brígido, que perdera seu sorriso zombeteiro. Haviam dado um golpe errado completo.

— Meus caros senhores, desde sábado não vejo Júlia. E, se lhes interessa saber, nunca supus que fôsse casada.

— Quais as suas relações com ela?

— Eram... Ela era minha amante. Não sei se estou sendo muito... como poderia dizer? Muito rude. Mas é esta a expressão.

— Vocês se encontravam freqüentemente?

— Quase diàriamente.

— Sábado ela não estêve aqui?

— Não. Eu ia viajar para o Rio. Voltei hoje. A minha mala de viagem ainda está por desarrumar.

(Cont. na pág. 44)

ALBUM DE

a Cena Muda

PARA 1952



★ ★

COMPREM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

★ ★

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco, S. A.

Carta Patente nº 1476, de 20-4-937

Sede Própria: — AVENIDA RIO BRANCO Nº 193 —:— Caixa Postal nº 44 4 — End. Telegráfico "*Casaforte*"

DIRETORIA

Dr. José Adolfo Pessoa de Queiroz — Diretor Presidente
Jayme Ferreira dos Santos — Diretor Superintendente
Jorge Dantas Bastos — Diretor Vice-Presidente
Dr. Murilo de Barros Guimarães — Diretor Secretário
Arthur Napoleão Goulart — Diretor Gerente
Marcelino Ferreira de Azevedo — Diretor Adjunto

TELEFONES:

Superintendência 9681
Gerência 9744
Inspetoria 9746
Sub-Gerência 9024
Contadoria 9558
Cobrança e Geral 9085
Carteira de Câmbio 9316

CAPITAL SUBSCRITO .... Cr$ 40.000.000,00
CAPITAL REALIZADO .... Cr$ 30.031.500,00
RESERVAS .... Cr$ 15.162.306,20

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS, INCLUSIVE CÂMBIO

BALANCETE EM 30 DE NOVEMBRO DE 1952. Cr$ 459.170.951,30

A SAÚDE DO BEBÊ

TOXICOSE INFANTIL E DIARRÉIAS DE VERÃO

DR. SABOIA RIBEIRO

A Toxicose advém na criança, com seu cortejo dramático, de maneira absolutamente súbita, ou em conseqüência de uma série de distúrbios mais ou menos crônicos da esfera digestiva, culminados com essa típica manifestação, das mais graves nessa idade.

Nas formas súbitas da Toxicose, geralmente, a causa inicial é o alimento nocivo que age irritando as mucosas do tubo gastro-intestinal, e provocando o aumento das secreções e a exacerbação do peristaltismo. O alimento nocivo, aqui, entende-se o alimento deteriorado, ou portador de certos germes capazes de determinarem a infecção, por assim dizer, imediata. Os dois sintomas dominantes da Toxicose são representados pela diarréia e os vômitos. São êles que explicam a maior parte dos fenômenos observados no seu quadro clínico.

Dá-se por êsse motivo a desidratação da criança: a moleira retrai-se, afunda; somem-se os olhos nas órbitas, muito fundos; a pele muda-se em pregas. A bôca fica logo ressequida. Uma pele com tonalidades violáceas («notadamente em redor dos olhos») já constitui indício de desordens circulatórias mais graves. As perturbações da consciência nunca faltam, indo ao estado suporoso característico, devido à congestão venosa de todo o encéfalo.

Duas circunstâncias primordiais favorecem o caráter essencialmente grave da Toxicose: a excitabilidade nervosa da criança e seu estado nutritivo. Nas crianças nervosas a diarréia atinge sempre um grau violento, levando a desidratação rápida. Nas mal nutridas, com uma embebição celular defeituosa (como nas crianças pálidas de carnes moles), a água se despende dos tecidos com extrema facilidade, daí fàcilmente se converterem num saco de pele muitas vêzes até em horas.

A perda rápida, portanto, da água dos tecidos é o que faz particularmente grave a Toxicose. «Não é raro dar-se o fenômeno de uma intoxicação abortar, mormente em lactentes bem alimentados e sadios, aos quais se tenha imediatamente suprimido o alimento responsável. Nos casos rudimentares, as diarréias diminuem consideràvelmente ou cessam com a eliminação das substâncias nocivas». (Chiaffarelli).

Nas formas crônicas de perturbações nutritivas que terminam pela Toxicose, muitos consideram um tipo diferente, recebendo outra denominação. E' a chamada atrepsia, mais possível de ser observada nas crianças mais crescidas, pois um distúrbio diarréico, em criança de tenra idade, leva, logo, à desidratação rápida, isto é, a Toxicose súbita.

O perigo das chamadas «diarréias de verão» consiste justamente em que, com essa receptividade dos primeiros meses à desidratação, instala-se o quadro da Toxicose com grande facilidade. O verão é o maior inimigo do bebê. O calor abaixa a tolerância para os alimentos e diminui a capacidade digestiva do estômago e dos intestinos, determinando atraso e deficiência da secreção dos sucos digestivos. Ao influxo dêsse fator, dá-se uma perturbação no trânsito normal do alimento, ao tempo que se multiplicam os germes da infecção, provocando, mais tarde, as conhecidas reações locais e gerais.

«A diarréia de verão é, entre tôdas as moléstias do lactente, a que maior número de vítimas faz entre a população infantil de uma região».

A primeira medida dietética em face de um quadro de Toxicose infantil é a reidratação rápida da criança. Nas diarréias de verão, a suspensão do alimento, por algumas horas, e administração de água, até que melhore o estado das fezes, seguida de leitelho, é o esquema a seguir. Ao mesmo tempo se recorrerá à medicação sedativa das vias digestivas, tipo atropina, e às sulfas, de efeitos sempre bons no combate à infecção suspeita.

A SURPRÊSA DE UM REVEILLON

(Cont. da pág. 18)

— Sr. Noel?...

— Sim, senhorita. Por quê?

— Sou repórter do «France-Partout», para entrevistá-lo sôbre o seu «Reveillon»...

— Muita gentileza, senhorita. Aonde vamos nós? — e lhe deu o braço.

— Não está o senhor comprometido com alguns amigos?

— Sim... Mas... francamente não me interesso muito por êles.

— Por quê?

— Porque em sua companhia estou mais feliz. Que tal Saint-Germain des Prés? Está bem lá?

Ela aprova com um gesto de cabeça. Andam até ao Boulevard de la Madeleine, quando êle chama um táxi.

— Rue des Canettes, diz ao motorista. Nos Gourmets.

Martine estava encantada. Nunca pensara que a reportagem fôsse assim tão fácil. Ela iria anotar uma multidão de coisas sôbre aquêle famoso Noel. Stephen intitularia o trabalho: «Eu entrevistei Noel Coward». O diretor a felicitaria e ela conquistaria o lugar definitivamente. Era o começo de uma carreira triunfal.

Noel pediu o cardápio e champanha. À luz do ambiente êle lhe pareceu diferente das fotografias que vira na imprensa. Era mais jovem e mais sedutor, pensava ela ao sorver a bebida.

Diante dela, o ator britânico a contemplava. A repórter interrogou:

— Gosta muito do teatro?

— Sim. E você?

— Também eu, disse ela vivamente.

O champanha começava a incendiar-lhe as faces. Ela perguntou novamente:

— E depois do teatro, de que mais gosta?

— De tudo. De chocolate, de leite, dos poemas de Prevert, dos peixes vermelhos, de champanha, de que você não bebe nada...

— Ora! Já bebi quatro vêzes!

— Não faça tal conta. Além do mais, gosto muito de um sorriso como o seu, de menina feliz.

— Na verdade, sou feliz.

Êle enlaça os dedos nos dela.

— Como é seu nome?

— Martine.

— Martine, Martinet, Martinette. Como vê o declinamos como em latim. Vamos dançar, Martine, Martinet, Martinette?

— Sim, Papai Noel...

Enquanto êle lhe tomava o braço ela pensava: «Quem diria que eu lhe pus o apelido de «Papai Noel»?»

Depois de dançarem, ela perguntou:

— Sabe que eu devo escrever um artigo a seu respeito?

— Pois não.

— Então quero saber se...

— Falemos disso depois. Ainda temos muito tempo.

Martine estava embaraçada. Não ficaria bem dizer-lhe que teria de entregar o texto até às seis da manhã. A orquestra tocava um samba. O artista levou-a a uma mesa desocupada ao fundo da sala. Pediu mais champanha.

— Não! — diz ela rindo. — Não quero beber mais!

— Não receie. O mal é misturar.

Mas o fato é que, ao dançar o segundo tango, êle teve a impressão de já estar um tanto grogue.

Sem sentir, ela encostou a cabeça ao ombro do artista, e sua face roçara na dêle.

— E' engraçado... — diz ela. — Tenho quase a certeza de que você é Papai Noel.

— Pois eu também terminarei por convencer-me disso, menina.

— Eu estava enganada quando pensei que o senhor fôsse um homem sisudo, um senhor sério. Tive até mêdo de falar-lhe. Entretanto, é tudo tão simples...

A orquestra toca um samba. Êles voltaram ao lugar, um tanto confusos pelo champanha.

— Você é jornalista há muito tempo?

— Não. Comecei agora, esta noite...

— E antes, o que era?

— Fui dactilógrafa, caixeira, vendi aspiradores... Mas não dou muito para isso. Não sei convencer ninguém.

— Engana-se.

Ela o olha meio surpreendida, sem alcançar suas palavras.

— Sim. Eu lhe asseguro. Quando você me disse que um ator era um homem sério, eu perguntei a mim mesmo se não era realmente Noel Coward.

Martine sente um choque. Enrubesce ainda mais.

— Pro quê?... O senhor... não é No...

— Não, não sou Noel, o Noel que você pensa... Quando você me perguntou se eu era Noel, não tive coragem de dizer o contrário, embora soubesse que procurava outro... Achei-a tão linda! Um anjo descido nesta noite de fim de ano! E eu estava tão só! Peço-lhe perdão.

Martine mordia os lábios, a fim de evitar as lágrimas.

— Perdoe-me, eu lhe peço.

Ela procura controlar-se.

— Mas não desespere de todo. Eu também me chamo Noel. Não Noel Coward, e sim Noel Mercier. Sou médico. Estava de serviço no teatro. Estou desolado, Martine, Martinet, Martinette.

Ela sorriu e começou a pensar no seu fracasso, no calendário já no fim do ano, sem que pudesse ser jornalista, na zombaria que lhe devia fazer Stephen.

Depois Noel, o médico, voltou:

— Quero fazer-lhe outra confissão.

Seus lábios se uniram, enquanto lá fora a alvorada surgia. A orquestra rompia num tango. Êles dançavam.

— Êste é o nosso grande «Reveillon», Martine. O nosso mais belo «Ano Bom», de todos os tempos.

Ela estava radiante. Encontrara o Amor. Que fôsse às favas a reportagem. E tudo deu certo, pois o patrão não lhe pedira nenhum artigo. Tudo não passara de uma brincadeira de Stephen para atrapalhar ainda mais a pobre «foca», a linda Martine...

LIDO... VISTO... OUVIDO...

(Respostas)

QUEM DISSE ISTO?

1—Brillat Savarin
2—Spinosa
3—Sócrates
4—Augusto Comte
5—Mme. de Caillavet e Anatole France, quando êste se queixava de calos.

PUXE PELO CÉREBRO

1—Filadélfia
2—Em Paranaguá
3—Teresópolis
4—14
5—78
6—De côr vermelha
7—Ciência de Deus
8—A em relêvo para a leitura dos cegos
9—Dignitário
10—Arruinar-se
11—Hall
12—Jambos-vermelhos
13—A que contém chumbo
14—Para combater inflamação
15—Salivação excessiva.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 36

A	Constantemente; em todo tempo →	15	27	8	68	124	52	■	■
B	Atiras, jogas; bates →	54	7	134	19	25	■	■	■
C	Discurso, reza →	3	29	80	126	46	154	■	■
D	Os que advogam sem serem diplomados →	6	17	131	59	70	159	40	■
E	Resistência; ação oposta a outra →	10	21	44	89	2	143	■	■
F	Canaliza →	31	1	41	53	84	135	■	■
G	Frigideiras largas, de pouco fundo →	48	67	74	114	90	64	■	■
H	Temos, possuímos →	142	9	18	78	102	118	51	■
I	Dor no ombro →	14	32	75	132	151	22	83	■
J	Membranas envolventes do eixo cerebrospinal →	11	69	116	42	146	35	81	53
K	Iguaria de massa com recheio →	71	82	129	12	30	107	■	■
L	Grandezas determinadas que servem de padrão →	37	98	13	86	117	136	58	■
M	Fêz liquidação →	153	61	65	36	133	161	104	130
N	Tiros, disparos →	96	76	87	125	16	108	128	148
O	Tabuleiro para serviço de chá, copos, etc. →	106	88	60	92	140	72	119	■
P	Torna gordo →	137	122	157	93	23	56	112	■
Q	Alugados; dados de arrendamento →	34	5	85	73	45	24	110	■
R	Ossadas →	47	113	163	33	105	95	138	■
S	Tire as escamas →	49	163	139	103	38	99	121	■
T	Ferem; injuriam →	28	4	109	160	62	156	144	■
U	Papel encorpado e forte para encadernações, etc. →	77	115	94	152	20	127	39	■
V	Monumento piramidal sôbre pedestal →	50	111	123	79	149	141	100	63
W	Alienar, ceder por certo preço →	120	101	150	26	145	158	■	■
X	Que têm grandes ossos →	57	147	97	66	43	91	155	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o nome de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

F 1	E 2	C 3	■	T 4	Q 5	D 6	B 7	A 8	■	H 9	E 10	J 11	K 12
L 13	I 14	A 15	■	N 16	D 17	H 18	B 19	U 20	E 21	I 22	P 23	Q 24	B 25
■	W 26	A 27	■	T 28	C 29	K 30	F 31	I 32	■	R 33	Q 34	J 35	M 36
L 37	S 38	■	U 39	D 40	■	F 41	J 42	X 43	E 44	Q 45	C 46	R 47	G 48
■	S 49	V 50	H 51	■	A 52	J 53	B 54	F 55	P 56	X 57	L 58	■	D 59
U 60	M 61	T 62	V 63	G 64	■	M 65	X 66	G 67	■	A 68	J 69	D 70	K 71
D 72	Q 73	G 74	I 75	N 76	■	U 77	H 78	V 79	C 80	■	J 81	K 82	I 83
F 84	Q 85	L 86	N 87	O 88	E 89	G 90	X 91	■	O 92	P 93	■	U 94	R 95
N 96	X 97	■	L 98	S 99	■	V 100	W 101	H 102	■	S 103	M 104	R 105	O 106
K 107	N 108	T 109	Q 110	■	V 111	P 112	R 113	G 114	U 115	J 116	L 117	H 118	■
O 119	■	W 120	S 121	P 122	V 123	A 124	N 125	C 126	U 127	N 128	■	K 129	M 130
D 131	I 132	M 133	B 134	F 135	■	L 136	■	P 137	R 138	S 139	O 140	V 141	■
H 142	E 143	T 144	W 145	J 146	X 147	■	N 148	V 149	W 150	I 151	U 152	M 153	C 154
X 155	■	T 156	■	P 157	W 158	D 159	T 160	M 161	S 162	R 163	Alanek - Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA N.º 35 — CAIRU. — ECONOMIA POLÍTICA. — "Foi fatal êrro político constituir uma nação, na maior parte composta de gente que não nasce no país, e que não pode ser a êle afeiçoada, nem prêsa pelas cordas do coração."

CONVERSA DE MULHER

AS PRINCESAS E O AMOR

NOS velhos tempos, as princesas foram sempre as mais constantes heroínas dos contos de amor. Em nossos dias, a realeza anda desterrada e sem prerrogativas, mas mantém os mesmos hábitos de antanho e conserva os mesmos princípios, ainda que para uso interno, à espera talvez de que a História se repita. Suas princesas raramente têm o destino feliz dos antigos contos, pois educadas para serem as perpetuadoras do espírito de casta ficam sem liberdade para seguir a própria inclinação. Suas vidas não são orientadas no sentido de suas preferências pessoais e o amor raramente coincide com a escolha que se vêem obrigadas a fazer. O mundo testemunha presentemente, no entanto, um grande caso de amor, do qual é protagonista a rainha do mais importante trono da atualidade. Elizabeth da Inglaterra elegeu pelo coração o seu príncipe com muita sorte. E êste, um grego aparentemente com qualidades de origem, fêz dela uma mulher cuja felicidade se evidencia em tôdas as fotografias que nos é dado ver. A menina que não foi bonita, pela magia do amor, ultrapassa agora na irradiante beleza, mais de conjunto que de detalhe, alimentada de contentamento íntimo, a formosura sempre decantada da irmã que ainda não casou. Lembremonos de Ronsard, que fazia do amante o responsável pelo viço da amada, qual um jardineiro dotado pela perfeição da flor.

● E agora mais um noivado real nos leva a desejar que a vida se repita como um conto de fadas para uma outra princesinha. Joséphine-Charlotte da Bélgica, filha da bela rainha Astrid, tão cedo falecida em conseqüência de um trágico acidente, e do infeliz e incompreendido ex-rei Leopoldo, ficou noiva do grão-duque Jean, herdeiro do Luxemburgo. Joséphine-Charlotte, que tem a beleza de uma princesa de lenda, conhece desde a infância o eleito que reinará num país que nos faz lembrar a opereta. Ela e seus irmãos mais moços, o rei Baudoin e os príncipes Albert e Alexandre, costumavam passar o verão na Côte d'Azur, na vizinhança do duque Jean e suas irmãs Elizabeth e Adelaide. Falou-se muito em que Baudoin encontrara sua rainha em Elizabeth e Albert sua princesa em Adelaide. Mas o único casamento anunciado é o de Joséphine-Charlotte e Jean, para o próximo abril, provàvelmente, a se realizar nas duas capitais da Bélgica e do Luxemburgo.

● Além de linda, a princesinha tem um sorriso tão encantador que muitos atribuem ao seu prestígio o retôrno do rei Leopoldo ao país e o apontam como o melhor apoio do rei Baudoin. De fato, quando em 1949 o govêrno belga optou pelo referendum para decidir sôbre a questão real, Joséphine-Charlotte, que sofria no exílio por seu pai, pediu a êste que a deixasse ir à Bélgica fazer a sua defesa. Quando ela penetrou na fronteira acompanhada pelo visconde Gastien du Parc, preceptor da família real, foi objeto de uma manifestação monstro de simpatia. Em Bruxelas 5.000 pessoas a aguardavam no parque de Laeken e em Namur foi necessário que a polícia protegesse seu automóvel contra o excesso do carinho popular. O sorriso da infanta salvou a monarquia melhor que todos os discursos dos partidários do rei. Façamos votos para que êsse sorriso desabroche sempre através de seu casamento e de sua vida. — **ISOLETTE**

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

O DESAPARECIMENTO DE JÚLIA WERTHEIMER

(Cont. da pág. 40)

Karl mordeu o lábio, decepcionado. Deu um passo na sala.

— Dá licença?

— A casa é sua.

Karl não sabia porque não confiava em Ernesto Marchelli. O seu "alibi" era bom demais para ser verdadeiro. Mas, ao penetrar no quarto de dormir do homem, viu realmente a mala por desarrumar sôbre a cama. Na mesinha de cabeceira, o canhoto de uma passagem de avião, recém-usada. Tomou nota de memória o horário: 18,40. Devia ter chegado, de volta, em S. Paulo, pois, mais ou menos às 19,55 horas.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa?

— Sim. O senhor não se surpreendeu com as nossas perguntas. Sabe que pode ter acontecido algo grave com Júlia Wertheimer?

— Acha?

— Claro. Ela não representava algo para o senhor?

Ernesto Marchelli teve um sorriso superior, elegante, que deixou Karl menor que um pigmeu, sensação que lhe foi profundamente desagradável, seja dito de passagem.

— Eu era apenas um dos casos de Júlia... Conheci-a no apartamento de um amigo. Ela... como poderia lhe dizer ao certo? Ela não tinha compromisso nenhum com qualquer de nós. Vinha aqui, ou na casa dos meus amigos, sem que se esperasse, sem hora certa. E... fazia o que tinha que fazer e desaparecia. Se me permite, queria lhe fazer uma pergunta: onde ela mora realmente?

— Perto de Parelheiros, numa estância.

— Garôta estranha...

Foi o último comentário de Marchelli. Karl despediu-se às pressas e saiu, depois de tomar os endereços de diversos outros amigos de Ernesto Marchelli que haviam conhecido Júlia Wertheimer. Teve tempo, ainda, de pedir a Marchelli para passar na delegacia, a fim de depor. O homem prontificou-se a fazer a coisa no dia seguinte.

De volta ao carro, Karl atirou fora o cigarro e começou a roer as unhas. Um mau sinal, pensou Brigido com seus botões. A verdade é que Karl havia se metido numa camisa de onze varas. Pensava estar na pista de uma aldeãzinha de cabeça ôca que havia tido um caso com um sujeito elegante, depois das experiências com os empregados da estância, e deparava, agora, com uma face inteiramente nova de Júlia Wertheimer. Quem seria ela, finalmente? E como fôra parar no circulo de relações de Ernesto Marchelli? Por outro lado, intrigava-o a personalidade dessa amante insatisfeita e desprendida que passava de mão em mão, sem deixar jamais transparecer nada de sua verdadeira existência.

Gastou o resto da noite a visitar os endereços que Marchelli lhe fornecera. Não adiantou muito a corrida. Todos diziam mais ou menos o mesmo de Júlia. Era impetuosa, misterioso o seu verdadeiro modo de vida e aparecia sempre na casa dos amantes de surprêsa. Nunca pedia nem aceitava nada dos seus amantes. Sòmente um, um jovem guarda-marinha, filho de um senador, dizia ter presenteado Júlia Wertheimer com algumas peças finas de "nylon", que trouxera dos Estados Unidos. Karl lembrava-se de ter visto as tais peças na casa do velho Johan. Em conclusão, nenhum dêles havia visto Júlia há menos de uma semana.

Como, presumìvelmente, teria sido, Ernesto Marchelli o último a ter falado com Júlia antes do seu misterioso desaparecimento, Karl resolveu averiguar a veracidade do seu depoimento. Na companhia de aviação, informaram-no, depois de uma pesquisa demorada, que o homem realmente havia sido passageiro de um avião daquela companhia, no sábado, para o Rio e que regressara nesta data, no aparelho que saíra do Distrito Federal às 14,40 horas.

Quando saiu do escritório da companhia, Karl estava cansado, faminto e desiludido. Tinha a cabeça às voltas e não sabia mais que rumo seguir. Havia perseguido tantas pistas falsas no decorrer do dia, que se sentia desiludido e desorientado.

Entrou num botequim e pediu uma bebida quente, enquanto esperava o prato especial da casa. Quando a comida veio, não comeu nem a metade, xingou o garção e chamou o dono do estabelecimento de ladrão. O homem ameaçou de chamar a polícia e Karl deu-lhe um trompaço. Deixando o italiano a dizer uma dezena de palavrões em dialeto, enfiou as mãos nos bolsos do casaco e desceu a rua. Caminhava sem destino, tentando pôr as idéias em ordem. Estava realmente num beco sem saída. Caminhou quase tôda a noite. Lá para as três da madrugada, surpreendeu-se numa esquina, escura da rua Angélica. Parou para acender um cigarro. Encostou-se na grade de uma casa e ficou fumando, o rosto voltado para o céu, contando estrêlas. Um guarda-noturno vinha descendo a rua. E instantes depois estavam papeando sôbre o jôgo de domingo próximo no Pacaembu...

Era já manhã cedo quando Karl entrou no apartamento do Brás. Greta dormia, muito encolhida na cama. Karl ficou um instante olhando a companheira dormindo. Depois, despiu-se, entrou debaixo do chuveiro, trocou de camisa, tornou a vestir-se e saiu novamente, sem voltar a ver Greta, que dormia profundamente. A figura de Júlia Wertheimer não lhe saía da cabeça. A pouco e pouco ela ia adquirindo uma estranha corporeidade na imaginação do detective. Na longa vigília, reconstituíra frases, gestos, gostos, um mundo de coisa que a mulher desaparecida teria proferido, feito ou experimentado. Parecia conhecê-la tão bem como conhecia Greta.

Bebericando uma xícara de café, num bar da esquina, começou a levantar sèriamente a questão: estaria Júlia morta? Em circunstâncias normais, seria de esperar isto. Já vasculhara meio mundo à procura dela e não descobria nada que denunciasse sua presença nos lugares que visitara. Marchelli, o que lhe parecera mais suspeito, não havia dúvida que era tão inocente como êle Karl, era inocente da destruição de Nagasaki. Por onde andaria Júlia? Se estava morta, quem a matara? Onde? E por que?

Antes das nove horas, chegou à delegacia. Fêz o seu relatório para o delegado e ouviu, distante as recriminações e críticas do chefe. Enquanto o delegado ouvia outros relatórios, Karl teve uma idéia: recomeçar tudo do princípio. Com esta idéia na cabeça, deixou o gabinete.

Martim ainda dormia no seu catre. Um pontapé num lugar próprio despertou-o. O mulato resmungou qualquer coisa, mas em pouco tempo estava disposto a responder às perguntas de Karl. Puxando por êle, conseguiu arrancar revelações de que Júlia havia tido casos, muitos apenas episódicos, com todos os trabalhadores da estância.

— E como era isso?

— Ela, de tarde, saía sempre para a cidade. De noite, ia procurar o sujeito que ela queria. E' só.

Não foi possível saber mais nada. Martim já começava a fazer deduções e isto não interessava a Karl. Saiu da cela sem esperar que o outro terminasse de falar.

Na estância, mandou o velho Johan Wertheimer sentar e contou tudo que sabia sôbre a espôsa desaparecida. O homem escutou tudo sem uma palavra. No final, profundamente abatido, disse apenas:

— Eu sabia de tudo. Mas... que podia fazer? Eu a amava. Júlia era

(Cont. na pág. 46)

CONTA-ME TEUS...

(Cont. da pág. 14)

apropriadamente, alimentar-se dos elementos externos de sua nutrição. Assim, seu coraçãozinho começa a sentir as primeiras pancadas aceleradas do despertar afetivo...

Ora você julga que, atraente como deve ser — sua letra assim indica — possa despertar ciúmes em sua amiguinha; ora sente um pequeno remorso de haver desviado a atenção do jovem para sua pessoa, e sente desfalecer (desmaio de sua amiga) sua fôrça-de-vontade para afastar os pensamentos que, em alvorôço, se insinuam em sua mente. Mas, dêsse estado dalma você se sai bem, pois culpa não houve de sua parte (despertar do colapso).

Teria sido essa a sua interpretação?

Estude sempre, Taninha para aprimorar seu caráter e aproveitá-lo em coisas construtivas e boas. E quando vier ao Rio, procure-me: gostarei de conhecê-la, criança travêssa...

ARABELLE, a ultima sereia



Sinto-me nervosa, esta noite, disse Arabelle ao oficial que a amparou. — Vamos passear um pouco ao ar livre, sugeriu êle. Isso lhe fará bem...



Branca de Neve estava furiosa diante do curso dos acontecimentos. Não iria Arabelle contar aos oficiais o que lhe havia sucedido anteriormente?



— Sente-se melhor, agora? — Perguntaram. Arabelle resolve confessar: "Não tenho cabine, não tenho bagagem, sou clandestina." Levaram-na ao Capitão.



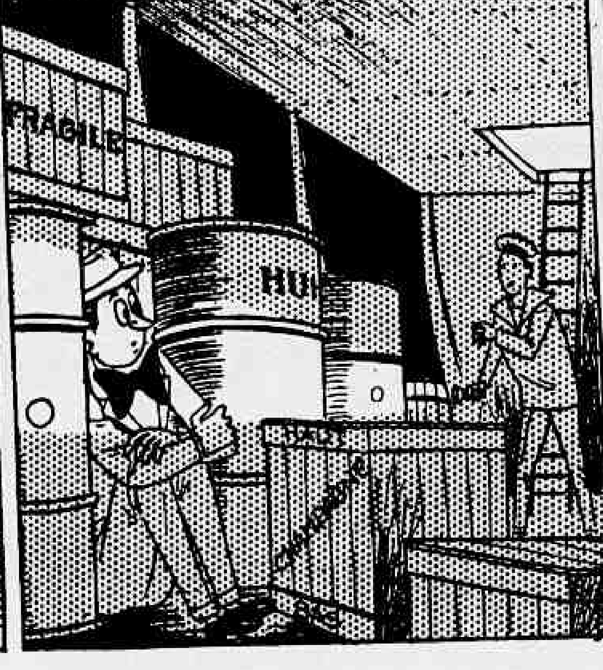
Mas o comandante não quis saber de conversas àquela hora da madrugada, e mandou encerrar Arabelle na prisão de bordo, por um marujo.



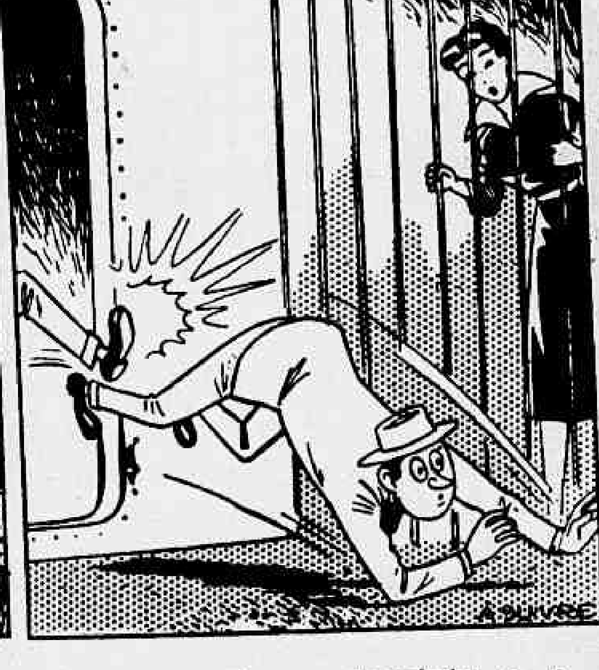
E a pobre Arabelle, não querendo faltar à palavra dada ao detective Jacques Pommier, se resigna a ficar prêsa durante aquela noite...



Logo que o detective chegou a Paris, procurou, imediatamente, o seu superior, e recebeu dêle ordens de partir para o Rio com Mr. Bimbleton.



Depois de ter fugido à convocação de Branca de Neve, Flor Azul procura ocultar-se a bordo, a fim de escapar à vingança da bandida.



Mas um marujo o descobriu e o mandou para a mesma prisão em que estava Arabelle. A Sereia achou muito boa a coincidência e aguardou.



Flor Azul e Arabelle trocam idéias. Estão presos, mas, em verdade, — diz êle — quem está em maus lençóis é Branca de Neve, a chefe dos bandidos.



Nesse ínterim, Branca de Neve sabe que Flor Azul está prêso, e isso a irrita ainda mais. Por fim sai do beliche dizendo: "Tenho uma idéia!"



Arabelle conta, então, a Flor Azul como conseguiu subir ao navio, mas nada diz em relação ao detective. A pedido de Flor Azul, ela começa a cantar. Os passageiros começam a aglomerar-se, para ouvi-la e o capitão também se aproxima. Aquela canção maravilhosa era envolvente...



O comandante consegue chegar, a muito custo, ao lado da cabine-prisão. Já é enorme a aglomeração, e o comandante resolve verificar o caso.



— Não, comandante, diz o marujo da guarda. Êste passageiro é regular, foi prêso por estar em situação suspeita. Ela é que é a clandestina.



— Pois liberte-o e que não repita o ato. Quanto à Sereia, falarei depois, amanhã, talvez. Não posso perder tempo agora. Olho nela, e silêncio.



Branca de Neve, que ouvira a conversa, deixa perceber, pela fisionomia, uma alegria oculta. Que premeditava ela? Quem seria a próxima vítima?

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

ROTINA DE BELEZA

O CHAPÉU E A MODA



QUANDO a moda é de chapéus pequenos todos ficam mais felizes: os grandes abas deixam de ocupar espaço e não mais estabelecem em público desagradáveis condições de vizinhança. Quem sabe se os chapéus de Maria Antonieta houvessem sido menos comprometes não teriam assim uma história diferente. Os chapéus da presente estação não provocam ninguém — são chapéus diplomatas. Ocuparão, para sua elegância, um espaço que respeitará o terreno alheio. Sendo a propriedade individual mais natural aquela que se contém no limite de nossas formas, talvez não haja possibilidade de disputas quanto a invasões de codorno nem brigas de penacho.

● Teremos portanto chapéus equitáveis, humanos, corteses, prudentes, sedutores chapéus que se saberão fazer amar, chapéus filósofos que não entrarão em guerra e ficarão em sua própria casa, contentando-se de uma só cabeça. Mas essa cabeça — a sua, minha senhora! — ficará muito a mostra sob o pequeno chapéu. Atenção! Quem vive do que tem, se organiza e toma precauções. Para êsse gênero de chapéus não é apenas necessária uma nuca de boas linhas, um pescoço em boa posição, mas uma cabeleira bem arranjada, por curtos que sejam os cabelos, e um rosto tratado e expressivo, já que fica tão exposto. Portanto, um programa de ação: grandes estudos de frente, perfil, três-quartos e costas diante de um espelho de três faces. Escolha de um corte de cabelo que, sem fugir ao estilo em moda, mais convenha. Exame das possibilidades de tornar mais bela a cútis, mais bem traçadas as sobrancelhas, mais expressivos os olhos por meio de uma pintura sutil. E' êsse um programa que comporta grandes decisões, assim sugerimos que seja procurado um especialista para cada setor: cabeça e rosto.

● Um bom cabeleireiro poderá sugerir diversas modalidades do penteado em voga, como também aconselhar preparados e tratamento que permitam tirar o maior partido dos cabelos de cada uma. Quanto ao rosto, há maquilhistas que são ao mesmo tempo autoridades em maquillage e estarão em condições de melhorar não só o aspecto da cútis ao natural mas saberão igualmente indicar os diversos processos de pintura para as diferentes horas do dia e quais os produtos que mais favoreçam o tipo da consulente.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

UMA MULHER PODE CONSERVAR-SE SEMPRE JOVEM E BELA

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em perfeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é: diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser combatida com um dos dois Reguladores Xavier. E'-lhe fácil saber o número que lhe convém. O Nº 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Já o Nº 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas conseqüências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exigem a ciência e o bom senso o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

O DESAPARECIMENTO...

(Cont. da pág. 44)

tudo que eu tinha neste mundo. E me deu os dois filhos que tenho. O homem deve saber perdoar, meu caro senhor. Ela era jovem e eu não sou mais um rapaz.

Um lampejo surgiu nos olhos de Karl. Mostrou-se interessado pelo caso de Johan.

— O senhor estêve doente, ultimamente? — perguntou.

— Por quê?

— Sua mulher como se portou durante a doença?

— Era dedicada como uma enfermeira. O doutor Hammer sempre a elogiou.

Karl pôs a mão no ombro do homem, que começara a chorar.

— Fique descansado, herr Wertheimer. Vou resolver isto hoje mesmo.

O velho acompanhou Karl até a porta. A saída, interrogou-o sôbre os dois empregados detidos.

São inocentes. Martim vai ser enviado para a Delegacia de Furtos, tem contas a ajustar com êles. Quanto ao Paulada... Não há nada contra êsse cara.

Desceu dois degraus. Parou. Voltou-se para Wertheimer:

— Que acha de Paulada, o jardineiro?

— E' um homem estranho, ninguém sabe nada a seu respeito.

— E... sôbre mulheres? Gosta de...?

— Ao contrário. Detesta-as.

— Muito interessante.

— Aliás, êle sempre mostrou-se contra Julia. Êle está fisicamente inutilizado, sabe? Acho que a presença de Julia, na estância, lhe despertava um certo ódio... O senhor compreende, não é? Ademais, Paulada é um homem mau. Já cumpriu pena por causa de um crime de morte.

Karl sabia disto. Havia vasculhado os arquivos da polícia e achara a ficha de Paulada. Havia matado a mulher, há trinta anos atrás, por questões de ciúme.

Ao sair da estância, rumou para Parelheiros. Ia sorridente e assobiava um "lied" que sua mãe sempre cantava enquanto preparava o pão. Chutou uma pedra que havia no meio do caminho. Tinha afinal, uma pista que poderia levá-lo à solução do mistério. Era uma questão de sorte. Se o palpite que tivera se confirmasse, antes de uma hora saberia o nome do assasino... Sim, porque agora tinha certeza de que Julia Wertheimer fôra assassinada.

Parou diante de uma porta onde estava pregada uma placa branca com letras azuis: "*Dr. Wolfgang Hammer — Médico*". Apertou a campainha. Sentia uma certa solenidade ao executar aquêle gesto.

A voz do delegado soou do outro lado da linha. Em rápidas palavras, Karl disse ao chefe que tinha o assassino nas mãos. Sim, Julia Wertheimer fôra assassinada. Restava encontrar o corpo. Mas bastava apertar o "pássaro e êle vai dar o serviço todo". Pediu para mandar vir o tintureiro e o rabecão. Não quis dizer o nome do matador. O delegado xingou-o de um nome qualquer e desligou. Karl pegou o telefone, trocou algumas palavras sôbre o calor com o dono do frigorífico e desceu à rua.

Johan Wertheimer surpreendeu-se quando êle apareceu novamente na casa. Karl entrou, sentou-se e disse que havia mandado interrogar Paulada. Estava certo de que êle havia sido o assassino. Em seguida, aceitou um copo de vinho. E ficaram conversando uns bons sessenta minutos, em alemão, até que ouviram o ruído de vários carros que chegavam.

Quando o delegado entrou na sala, acompanhado de vários agentes, estacou, sem graça, ao ver Karl e Johan bebericando vinho, ambos já meio embriagados. Rubro de cólera, o delegado adiantou-se, os punhos crispados.

— Seu crápula, que diabo você pensa que é? Vou mandar metê-lo na cadeia imediatamente.

Karl aprumou-se como pôde e riu bem-humorado.

— Oh, querido, não faças cenas!

Conteve um soluço e firmou-se com a ajuda de Brizido, que correu para ampará-lo. Apontando para Johan Wertheimer, disse imediatamente:

— E' êle o assassino. Pode levá-lo.

Johan Wertheimer aprumou-se como se tivesse recebido um choque elétrico. Os olhos quase saltaram das órbitas. Deu um murro em pleno rosto de Karl e precipitou-se para a porta. O delegado segurou-o pelas abas do paletó e atirou-o contra um agente, que o recebeu com um direto nos queixos. O homenzinho caiu no chão, em prantos, murmurando:

— Não me batam! Não me batam! Confesso tudo! Eu matei Julia... matei...

Karl sentiu tudo girar diante dos olhos. Horas depois, já na delegacia, assistia à confissão de Johan Wertheimer. O corpo foi encontrado há dois quilômetros da casa, já meio decomposto, completamente mutilado.

Depois de uma xícara de café bem quente, o delegado passou um charuto por sôbre a mesa para Karl e indagou, sorrindo, amigável:

— Então, velho, como é que você conseguiu pegar a coisa?

— Muito simples. Depois de conhecer bem a crônica de Julia Wertheimer, cheguei à conclusão de que sòmente uma pessoa, das quais eu tinha diante de mim, podia tê-la assassinado. Era apenas uma suspeita, um palpite que podia dar certo se eu conseguisse qualquer indício. Fui falar ao velho Wertheimer sôbre Paulada. O velho se julgou a salvo e insinuou que Paulada teria matado Julia porque era impotente e a presença da mulher, que respirava sensualismo, o deixara louco. Isto era absurdo. O que Paulada teria sentido por Julia seria apenas um ódio sem conseqüência. Já havia tido a sua parte, quando "gramou" duas boas dezenas de anos de cadeia por causa da morte de sua mulher. Depois, Paulada isolou-se do mundo. O seu mundo é o seu jardim e não quer saber nada mais com as coisas vivas. Na conversa com Johan Wertheimer, soube que estêve doente. A pretexto de tomar informações sôbre seu estado de saúde e suas relações com Julia, fui visitar o doutor Wolfgang Hammer, que conhece Johan há muitos anos. E soube que Johan não mantém relações sexuais com a espôsa desde que Julia ficou grávida do segundo e último filho do casal. Logo, foi êle e não Paulada que matou Julia por desespêro.

— Mas... e se êle negasse? Era apenas um indício muito remoto.

— E' verdade. Mas eu contei com a sorte. Bebi com êle, e êle me falou uma porção de coisas. O velho foi um Don Juan em seu tempo.

— Você está ficando sabido, Karl. Que vai fazer hoje à noite. Você podia ir lá para casa. Leve Greta e faremos uma mesa de "buraco", vocês dois, eu e minha mulher.

Karl consultou o relógio.

— Já passa das seis. Terminou meu turno.

— E o joguinho? Topa?

— Não posso. Hoje vou ao cinema com Greta.

— Deixe para outro dia...

— Nada disso. Sei que você, na sua casa, vai passar o tempo falando no caso já encerrado. Quero descansar. Vou me meter no cinema e ver uma boa fita de detectives. Preciso descansar do trabalho, chefe...

— Como queira.

Karl apanhou o capote e o chapéu e saiu, fechando a porta, atrás de si.

— FIM —

OS PÉS PELAS MÃOS

(Cont. da pág. 29)

corpo. Ela inspira respeito e admiração, não se abatendo moralmente em face de qualquer dificuldade. Se chegar a ser nomeada para lecionar aos sem braços do seu país, os seus educandos terão nela a mais bela experiência e mais encorajador exemplo de coragem moral e espírito superiormente forte.

E ninguém se espante quando soubermos que a heróica japonêsinha está noiva e vai casar brevemente com um homem são ou com algum colega de mutilação. Essa moça tem grande fôrça de vontade, é animosa e inteligente. O que pode suceder é não lhe pedirem a mão, e sim o pé, uma vez que de mãos ela está livre.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903 Tel.: 32-6280.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário — Diàriamente, das 14 às 19 horas.



«Baby» entra espetacularmente no palco. Roupas vistosas, plumas. Aos poucos se desfaz delas...



'BABY" SACUDIU LONDRES e PARIS





Para os olhos britânicos, pouco afeitos às coisas do ritmo, esta «Baby» deve fazer de fato furor. Schoking! — dirão algumas senhoras puritanas. E essas danças são coisa corriqueira nas nossas gafieiras e macumbas. Costume.







O bamboleio continua, já com pouca roupa e com muito sal e pimenta...



E é assim que a África tropical penetra no mundo frio dos anglo-saxões...

MUITA PIMENTA E POUCA ROUPA O PRATO DO DIA ★ COMO NO TEMPO DA DECADÊNCIA ROMANA, LONDRINOS E PARISIENSES SÓ QUEREM COISAS EXTRAVAGANTES

AS Josephines Bakers se multiplicam. Algumas com êxito, como é o caso desta «Baby» Scruggs. Conseguiu cair no goto do público de Paris. E é o quanto basta. Daí para diante é só insistir. E é o que Baby faz. Foi a Londres e lá conquistou também grande número de fãs. Sua dança não se inspira em motivos folclóricos pròpriamente; ela dança uma espécie de improviso, que mistura motivos comuns a tôdas as músicas de origem africana: samba, mambo, conga, rumba, batuque, etc.

Sua criação é uma espécie de dança dos sete véus. Ela vai se despindo aos poucos e o ritmo vai «esquentando» à medida em que passa de uma modalidade à outra. Seu tipo é «mignon» mas suas pernas são agilíssimas. E seus movimentos ao som do tantã vai simulando também o vôo do falcão. E' uma dessas «extravaganzas» que encontra no público europeu muita aceitação.

Essa inclinação pelo exótico vem se acentuando depois da guerra cada vez mais. Todos os conjuntos «típicos» que venham de países remotos, que tragam novidades têm seus aplausos garantidos. Êsse gôsto pelo estranho tem também seus filósofos, entre êles o próprio Jean Sartre, que encarna intelectualmente um fenômeno característico da decadência. Sem ter raízes folclóricas, sem ter uma fonte autêntica de criação «Baby» Scruggs explora com muito jeito a mania latente no europeu de admirar o que o afasta de sua natural disciplina de costumes.



ÚLTIMO FLASH

ACONTECEU na estrada Presidente Dutra. O ônibus que transitava em direção a São Paulo teve um dos seus pneus dianteiros furado e desgovernado derivou para a margem esquerda da estrada. A pouco mais de oitenta metros havia uma ponte. Porém foi impossível ao motorista conservar a direção do pesado veículo, que saltou sôbre a margem oposta do riacho e ficou dependurado como uma segunda ponte improvisada.

Tudo teria apenas seu lado pitoresco se não fôsse o elevado número de vítimas que o desastre provocou. Houve mortos e feridos. E o que ainda tornou mais crítica a situação foi a retirada dos mortos e feridos que ficaram impossibilitados de sair do ônibus antes da chegada de socorro. Os mortos foram retirados pelos pára-brisas e os feridos tiveram que sair ensangüentados pelos vidros partidos da traseira.

O ônibus, apesar do seu pêso, projetou-se no espaço e saltou a margem do riacho como se estivesse voando. Cremos mesmo que se não tivesse alcançado a outra margem o número de vítimas teria sido ainda maior. Porque pelo menos evitou-se o choque frontal com o barranco oposto.

Balanço: seis mortos e trinta feridos.

Diante do fato singular, não do desastre, porque desastres de ônibus nessa rodovia são freqüentes, mas pela posição em que ficou o veículo, brotam espontâneamente dois comentários: o primeiro é que os sinistros têm sido sempre de uma única emprêsa: a Pássaro Marrom. Segundo, que a rodovia Dutra, que nos primeiros meses de funcionamento parecia ser o caminho ideal para São Paulo e as cidades intermediárias, devido ao excesso de tonelagem dos grandes caminhões de carga, que chegam a transportar de 15 a 18 toneladas, está ficando cheia de depressões e «baixos» que põem em perigo o trânsito que ali sempre se faz, por fôrça das circunstâncias, em alta velocidade.

Cabe, pois, à Polícia rodoviária e ao DNER maior zêlo pela conservação e policiamento da rodovia Presidente Dutra se não quiserem os seus responsáveis arcar com o remorso das vidas truncadas estùpidamente.

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto da CASA NUNES

TAPÊTES feitos à mão em lindos desenhos e em tôdas as côres



CORTINAS

Grupos estofados

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores

AGORA, a

preços que animam a comprar



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

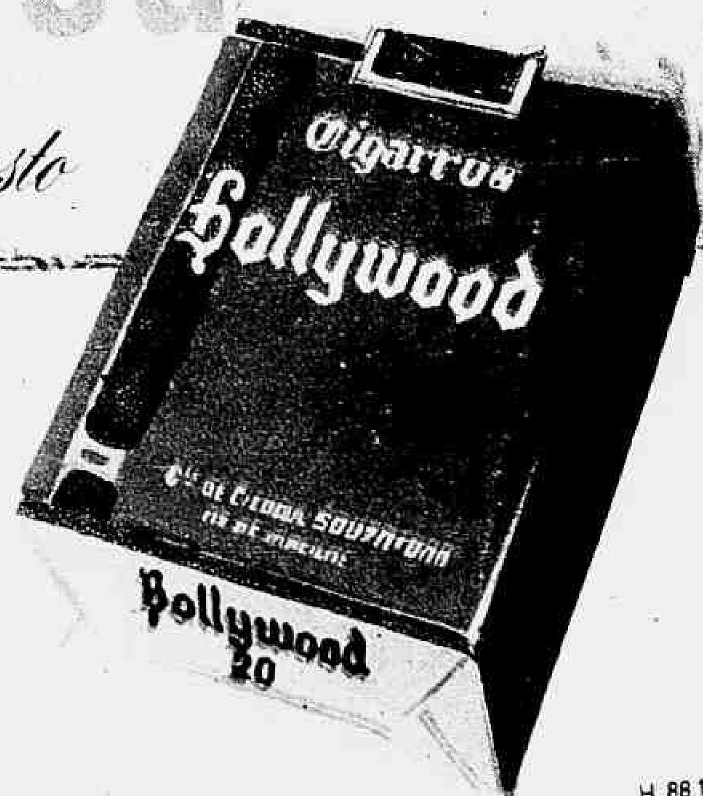


As boas coisas atraem...

A limpidez e a pureza da água marinha exercem irresistível atração sôbre as pessoas de agudo senso estético... Invariàvelmente, essas pessoas preferem os cigarros Hollywood pela sua classe e pela sua qualidade insuperável.

cigarros hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H 88 150